O Organizador Operário Internacional

Porta-voz da
Fração Leninista Trotskista Internacional
- Nova Época

Nº VI
Edição digital
FEVEREIRO
2011

ÚLTIMO MOMENTO: Mubarak fugiu! As massas o sentem como um triunfo de seu combate e seus mártires caídos na luta.

EUA que comanda o enclave fascista de Israel, a ocupação e aos regimes do protetorado no Iraque e Afeganistão, e que apoiou até o último momento ao açougueiro Mubarak, hoje fala de "democracia e liberdade". MENTIRA! São novos enganos para desviar e expropriar a revolução operária e socialista que começou.

(Ver página 2)

PELOS COMBATES DA TUNÍSIA E DO EGITO, UM CHOQUE ELÉTRICO PERCORRE O NORTE DA ÁFRICA, ORIENTE MÉDIO E EUROPA¡
PARA QUE A CLASSE OPERÁRIA VIVA O IMPERIALISMO DEVE MORRER!

(Ver Correspondência Internacional na página 23)

NENHUM APOIO AO GOVERNO DOS GENERAIS MERCENÁRIOS DO EXÉRCITO CONTRAREVOLUCIONÁRIO DO EGITO!

Eles sustentaram a Mubarak e estão pagados sob o comando de Obama e o imperialismo

A PRAÇA NÃO SE ABANDONA! AS ARMAS NÃO SE ENTREGAM! SÃO DA CLASSE OPERÁRIA E DOS EXPLORADOS

O triunfo decisivo é conquistar o pão, o trabalho e a independência nacional
Para isso combatemos a Mubarak e a seu odiado regime sanguinário, representante dos capitalistas e o imperialismo!

(Ver Página 8)

A revolução não terminou, recém começa e ainda deve triunfar

HÁ QUE CONVOCAR A UM CONGRESSO NACIONAL DOS COMITÊS OPERÁRIOS DE AUTODEFESA E DOS SOLDADOS RASOS

Para conquistar o pão, o trabalho e a independência nacional, a única solução

HÁ QUE CONQUISTAR UM GOVERNO PROVISÓRIO REVOLUCIONÁRIO DAS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS E DAS MASSAS EM LUTA!

QUE EXPROPRIE AO IMPERIALISMO E AOS GRANDES CAPITALISTAS

ÚLTIMO MOMENTO!

12-02-2011

O GRANDIOSO COMBATE REVOLUCIONÁRIO DAS MASSAS FEZ FUGIR O ASSASSINO MUBARAK

As massas comemoram, mas não se fizeram do poder.

A casta de oficiais do exército, mercenária dos EUA, como último resguardo dos interesses do conjunto da burguesia e o imperialismo na região, tenta fechar a crise nas alturas

FORA O GOVERNO MILITAR! TODO O PODER À CLASSE OPERÁRIA E AS MASSAS INSURRECTAS!

As massas revolucionárias egípcias atiram a Mubarak e não abandonam a Praça

Minutos antes do fechamento deste Organizador Operário Internacional, a imprensa imperialista anuncia a fuga de Mubarak para Sharm o Sheik. Fugiu o grande repressor e quem esfomeara o povo do Egito. As massas se entusiasmam porque vêem esta fuga como a conquista de sua própria luta.

Um choque elétrico volta a impulsionar às massas do Oriente Médio e do norte da África a novas e superiores ações de luta para derrotar os governos e regimes dos capitalistas e o imperialismo, e assim conquistar o pão e o trabalho digno.

Como vimos anunciando e denunciando desde a FLTI, um momento de esvaziamento do poder estendeu-se no tempo, com um duplo poder já surgido num processo de insurreição das massas. As massas derrotaram nas ruas à polícia assassina de Mubarak, tomaram-se e incendiaram as delegacias; deixando o estado pendurando no ar. Mas esse esvaziamento do poder não se podia prolongar por muito mais tempo. Ou a classe operária fazia- se do poder, ou o retomava a burguesia através de outras instituições do Estado burguês e do regime de Mubarak.

A burguesia tenta fechar a seu favor esse esvaziamento do poder. Com a fuga de Mubarak e com a assunção do controle do governo por parte do exército, a frente burguesa imperialista tenta frear a crise revolucionária nas alturas, e impedir que novos embates de massas varram não só com Mubarak, senão que comecem a romper o exército, a incorporar cada vez mais milhões ao combate, a terminar por destruir a polícia e pôr em pé uma milícia operária e estabelecer um verdadeiro regime de duplo poder, que prepare uma insurreição vitoriosa que leve às massas revolucionárias à conquista do poder.

A queda de Mubarak é um passo adiante que ansiavam as massas, mas sua luta tenta ser expropriada com a intervenção direta do exército e sua casta de oficiais, que representa os interesses do conjunto da burguesia e o imperialismo.

A casta de oficiais do exército que, como tal, defende os interesses do conjunto da burguesia e o imperialismo, é a encarregada de organizar uma “transição ordenada” para sacar às massas das ruas e restabelecer a ordem burguesa. Isto é uma fraude e um roubo às massas.

O generalato do exército de Mubarak, ao que sustentou durante décadas, é o que sustenta o pacto com o Estado sionista contrarevolucionário de Israel. É aquele que, quando começava a revolução, estava reunido em Washington, sob a direção do pentágono, negociando os U$S 1.300 milhões de dólares que lhes outorga EUA para que os generais e oficiais sob seu comando realizem suculentos negócios.

A burguesia e o imperialismo precisam ganhar tempo. O fará chamando toda a burguesia “opositora”, tentando adormecer as massas com frases doces e promessas de chamados a “eleições livres” para setembro. É que tão profundo foi o acionar revolucionário das massas, e tanto investiram contra as instituições do velho regime de Mubarak, que o novo governo dos oficiais das forças armadas precisa a todo custo apartar-se das velhas instituições do regime de Mubarak para ser credível como “democrático” ante as massas. Mas, ao mesmo tempo a burguesia precisa tirar de cena às massas revolucionárias, e por isso sustenta a “transição” pondo à frente à velha casta de oficiais do exército assassino, mantendo assim o caráter bonapartista e reacionário do regime de Mubarak.

Disseram que anularão o estado de sitio e o toque de recolher. Isto é uma paródia. A este já o anularam as massas com 18 dias de heróicos combates, barricadas, tomadas de praças e combate em toda a nação.

> *“...A queda de Mubarak é um passo adiante que ansiavam as massas, mas sua luta tenta ser expropriada com a intervenção direta do exército e sua casta de oficiais, que representa os interesses do conjunto da burguesia e o imperialismo...”*

Com esta transição tentarão pôr em pé novas instituições e mediações que enganem as massas, para que estas cessem seu combate, depositem confiança em seus próprios verdugos e, assim, sacá-las do processo revolucionário.

O primeiro anúncio, já no poder, do ministro de defesa e da junta militar é a intimação às massas a que abandonem a praça da libertação. Esse é o objetivo imediato deste governo pretoriano, que usurpou o poder para impedir que tome a classe operária e as massas. O argumento é que “já não está mais Mubarak”. Querem fazer-lhe crer às massas que sua luta terminou, quando esta recém começou para conquistar o pão, o trabalho digno, a terra e a independência nacional.

O segundo anúncio deste novo governo “democrático” dos generais assassinos é para ratificar todos os acordos internacionais assinados por Egito onde reconhece abertamente a existência do Estado sionista-fascista de Israel. Esta é toda a “democracia” que pode dar a casta de oficiais assassina!: Legitimar o genocídio e o massacre contra as martirizadas massas palestinas.

Enquanto isso, preparam as melhores condições para achatar as massas. A não duvidar que, se a burguesia consegue impor seu plano, - como na Bolívia com a Média Lua fascista, ou como na Honduras com a base norte-americana -, também virão novos golpes contrarevolucionários no Egito e em todo o Oriente Médio.

Este governo de “transição” é uma saída extrema, onde a burguesia e o imperialismo devem jogar ao creme do creme (o melhor do melhor) da ditadura do capital, isto é, seu exército, para conter a revolução, jogando fora Mubarak e seu vice-presidente para ter legitimidade. Isto é um indício de que a revolução proletária já tinha chegado muito longe e as massas ameaçavam com a tomada do poder.

Nos últimos dias, cada discurso de Mubarak era respondido com uma enorme massificação da luta. Mas, sobretudo o proletariado com seus métodos de luta, começava a impor uma marca decisiva no seu acionar revolucionário. O último discurso de Mubarak foi respondido com a tomada de todas as empresas petroleiras no canal de Suez por parte do proletariado que, junto à entrada em cena do poderoso proletariado têxtil egípcio, anunciava que era a classe operária que começava a impor sua direção na revolução em curso. Assim, ao grito de “pão!” se incendiou o quartel da polícia.

Cada dia que passava, a “oposição democrática” burguesa se desvanecia. A insurreição operária, com a chispa do movimento estudantil, começava a desmoronar toda a propaganda imperialista que pretendia fazer passar esta revolução como um “levante pela democracia” em geral.

O Obama, o comandante chefe de milhares de cárceres da CIA onde são torturados milhares de combatentes da classe operária mundial, só lhe ocorre falar de “democracia” e “liberdade”.

O cinismo do imperialismo e seu porta-voz Obama não têm limites. Este teve a desfaçatez de “saudar às massas que conquistaram a liberdade e a democracia”. É um sem vergonha. Está falando o representante dos açougueiros imperialistas que sustentam o Estado sionista fascista de Israel que massacrou num verdadeiro genocídio às massas palestinas, que mantêm presos aos milicianos antiimperialistas de todo Oriente Médio em Guantánamo, que sustenta o governo do protetorado ianque no Iraque, que é um milhão de vezes mais repressor e autoritário do que Saddam Hussein!

Este “paladino da democracia e a liberdade” é a máscara que se põem os açougueiros imperialistas, de forma doce, para expropriar a revolução e desviá-la a um beco sem saída.

Obama e o imperialismo “saudaram a revolução pacífica e democrática”. Isto é de um cinismo atroz, já que Egito se encheu de sangue dos combatentes operários e setores populares nas ruas. Teve mais de 5000 feridos, mais de 500 mortos e choques com os progroms contrarevolucionários, aos que o exército do Egito lhes abria as portas da praça, para que estes atacassem às massas revolucionárias.

Foram as massas as que conquistaram estas liberdades democráticas, inclusive com ocupação de território, de empresas do imperialismo e, sobretudo, de delegacias. A conquistaram com mortos e com combates revolucionários, atacando as mesmas delegacias onde durante décadas o regime de Mubarak reprimiu e torturou aos combatentes do proletariado com o apoio dos EUA e de todas as potências imperialistas. E por isso a cabeça de Mubarak rodou: graças ao acionar revolucionário das massas. Estes combates impediram toda tentativa de perpetuar o regime de Mubarak mantendo-o a este no poder, mas agora sob formas “democráticas”.

Fazer-lhe crer às massas que foi o exército que o derrotou é tentar expropriar-lhe o combate às massas. A queda de Mubarak é um subproduto de grandes ações revolucionárias, que ainda não conseguiram seu objetivo decisivo, que é conseguir o pão, o trabalho e a liberdade, isto é, a independência nacional.

Já ficou claro, e ficará bem mais claro, que as tarefas democráticas revolucionárias pendentes no Egito não são mais do que a independência nacional; a expulsão de todos os embaixadores imperialistas (verdadeiros centuriões que dominam o Oriente Médio); a expropriação de todos os bens do imperialismo que saqueiam a nação; recuperar todas as empresas privatizadas que foram entregadas por Mubarak ao saque imperialista em 90; expropriar sem pagamento às petroleiras; nacionalizar o comércio exterior.

Por isso é uma tarefa democrática decisiva no Egito ignorar todos os acordos contrarevolucionários que Anwar El-Sadat assinou com o Estado sionista-fascista de Israel e o imperialismo ianque, pelo qual Egito reconhece a esse enclave imperialista e ignora os direitos democrático-revolucionários das massas palestinas a recuperar sua nação como a capital em Jerusalém, sobre as ruínas do Estado sionista.

As tarefas democráticas pendentes são: o chamado à derrota militar das tropas ianques no Iraque e Afeganistão; o chamado a pôr a nação ao serviço do levantamento revolucionário das massas que se puseram de pé, como na Jordânia. Ali centenas e milhares de operários palestinos se levantaram ao grito de “Mahmoud Abbas: você é o próximo!”, enfrentando à burguesia palestina que, junto a Hamas, os Irmãos Muçulmanos, e Mubarak reconhecem o Estado sionista contrarevolucionário de Israel.

Outra tarefa democrática pendente é a expropriação sem pagamento de todas as terras altamente produtivas do Nilo, que estão em mãos da grande

As massas revolucionárias mantêm a ocupação da Praça da Libertação

burguesia e empresas imperialistas, para pô-las a produzir pão e alimentos para os explorados. Com isso, sobraria comida para alimentar os 30 milhões de famintos e dar trabalho ao mais do 20% dos desempregados.
Está claro que nem o exército sipaio do Egito, verdadeiros mercenários pagos pelo imperialismo, nem a "oposição democrática" garantiram levar até o final, e nem sequer iniciar, a resolução destas tarefas democráticas pendentes, já que para isso atacam a propriedade e os interesses não só do imperialismo senão também de toda a burguesia nativa, que é sócia e está imbricada com o imperialismo em milhares de negócios.
Por isso, da casta de oficiais mercenária do *West Point* que arrebatou o poder, que está com sua mão direita sustentando às velhas instituições de Mubarak e com sua mão esquerda apoiada no fantoche da burguesia "democrática", não virá nenhuma solução das demandas democráticas das massas, incluída entre elas a demolição e não deixar pedra sobre pedra de todas as instituições contrarevolucionárias do regime autocrático, começando por sua polícia assassina.
É que só o proletariado com sua ditadura, baseada nos conselhos operários, o armamento das massas e na aliança com as capas empobrecidas do campo e da cidade, tomando o poder, poderá resolver estas tarefas democráticas, combinando-as com tarefas socialistas de expropriação dos expropriadores para conquistar o pão, o trabalho e a terra.
As revoluções que começaram ontem na Tunísia e no Egito são diferentes episódios de uma mesma revolução operária e socialista no norte da África e Oriente Médio, que só triunfará com a tomada do poder por parte dos explorados, e sua extensão a nível internacional.
Com este novo engano do governo de "transição", o imperialismo e a burguesia no Egito tentam fechar a crise nas alturas e voltar a impor o controle das instituições do Estado burguês sobre as massas. Com isto procuram impedir que a revolução avance aonde os explorados querem ir: conquistar o pão e pôr em questão a propriedade do imperialismo e da burguesia no Egito.
Eles sabem muito bem que a revolução que começou pedia e pede a cabeça de Mubarak para conquistar o pão, o trabalho digno, terminar com a carestia da vida e, portanto, continuaria com a expropriação e choque direto com os verdadeiros donos do Egito, isto é, as petroleiras, os banqueiros imperialistas e a burguesia nativa, sócia e cúmplice do imperialismo.
A burguesia tenta fechar a crise nas alturas com o último resguardo de sua propriedade: a casta de oficiais assassina do exército pró-imperialista do Egito e isto é possível porque os Cavalos de Tróia dos Irmãos Muçulmanos, os democratas do último momento como El Baradei e movimentos pequeno burgueses ataram as mãos das massas para que não se façam do poder.
A "oposição burguesa", verdadeiramente antidemocrática, que fez milhares de reuniões para pactuar com o Mubarak uma "saída ordenada", agora rodeará ao exército para impor essa "saída ordenada", controlada pelos tanques e as baionetas, para sacar às massas de cena.
Surge assim um governo dos que conspiraram contra as massas revolucionárias de uma casta de oficiais paga e mercenária sob o comando do pentágono e o exército dos EUA que hoje massacra no Iraque e no Afeganistão. O paradoxo é que os que não puseram nem um morto, nem chamaram a nenhuma ação revolucionária, nem estiveram nos combates na praça da libertação, nem nas greves, nem suportaram os padecimentos inacreditáveis, nem incendiaram as delegacias, nem se tomaram os grandes supermercados para comer, hoje estão no poder. Este foi arrebatado pelos generais bonapartistas, gurkas dos EUA, que com seus tanques nas ruas impediram que as massas chegassem ainda mais longe na demolição do regime autocrático de Mubarak.

"...Surge assim um governo dos que conspiraram contra as massas revolucionárias de uma casta de oficiais paga e mercenária sob o comando do pentágono e o exército dos EUA que hoje massacra no Iraque e no Afeganistão..."

E o fizeram com toda perspicácia, justo no momento em que a classe operária tomava a direção do combate, atacava a propriedade do imperialismo, queimava as delegacias e fazia percorrer por todo Egito o fantasma da revolução iraniana de 80, que partisse o exército e pusesse em pé os conselhos de operários e soldados, e que depois fora desviada e massacrada pelos Aiatolás iranianos, sob a direção do imperialismo alemão, francês e norte-americano.
Ante o último embate decisivo da classe operária, com os operários têxteis e petroleiros à cabeça, a alternativa de uma intervenção militar direta para sustentar a Mubarak e a sua tentativa de ser ele quem dirija a "abertura democrática", ameaçava com um choque direto com as massas. O resultado era incerto. O exército se podia dividir e partir horizontalmente. Eles sabiam que a base de seus soldados - filhos de operários, estudantes, e setores empobrecidos do campo e da cidade - poderia passar-se às filas da insurreição. Isso já tinha sido percebido pelos oficiais quando mais de uma vez tiveram que disparar sobre a cabeça dos soldados que se negavam a reprimir as massas.
O regime de Mubarak já era uma fruta podre, carcomida por dentro, e devia cair-se da árvore.
Hoje, a "revolução democrática" que toda a esquerda mundial queria que se impusesse à saída de Mubarak, e sua demanda de Assembléia Constituinte para que a classe operária não se faça do poder, está-se dando. Este é o governo de generais e mercenários, rodeados pela "oposição democrática" burguesa e o "democrata" Obama. Eles chamarão a eleições para sacar às massas do combate nas ruas para afastá-las da tomada do poder e para que mantenham o capitalismo e o controle do imperialismo, tentando abortar uma magnífica e heróica revolução operária e socialista.
Ficaram aos pés do Obama os teóricos da "revolução democrática", continuadores da "revolução por etapas", extraída da lixeira da história do stalinismo. Têm aqui o resultado de sua política e seu programa.
O chefe de toda esta esquerda do Fórum Social Mundial é o imperialismo "democrático". Quando Obama expressa seus "felicitações" porque não sucedeu o mesmo que no massacre de Tiananmen de 1989, verte novamente um grande engano e hipocrisia dos açougueiros imperialistas, que todos os papagaios da esquerda mundial repetem a cada passo. O massacre de Tiananmen, cometida pelo exército assassino dos "mandarins vermelhos", garantiu-a o imperialismo norte-americano e mundial, sustentado na burocracia restauracionista contrarevolucionária chinesa, quem lhe entregou ao imperialismo milhões de operários escravos em maquiladoras para ser explorados de forma selvagem.
O "democrático" Obama e seu imperialismo estavam na barricada dos que massacravam as massas de Tiananmen. Tanto é assim, que hoje sustentam à décadas o governo assassino e repressor dos escravistas de Hu Jintao e restantes imundícias do Partido Comunista dos "mandarins vermelhos" do Pequim, como o fizeram com Mubarak e todos os regimes e governos autocráticos e assassinos do Oriente Médio.
A "democracia" imperialista é a que sustenta as baionetas, fuzis e tanques assassinos do Estado sionista contrarevolucionário de Israel, um verdadeiro gendarme e enclave imperialista na região, que ocupou a nação palestina e massacrou as massas dessa nação.
A democracia burguesa são os tanques do exército contrarevolucionário do Egito, mercenários e gurkas dos EUA.
O governo que precisam os monopólios e as multinacionais é o mais autoritário e ditatorial que tenham ao alcance da mão e que possam impor para saquear as nações oprimidas e super explorar um milhão de vezes mais à classe operária.
O esvaziamento do poder que se tinha aberto no Egito não podia durar por muito mais tempo. Durante dias as massas tiveram a possibilidade de fazer-se do poder. Não só para atirar a Mubarak, senão também para desmantelar a todas as instituições do regime autocrático, sustentadas com as baionetas do imperialismo, o esmagamento fascista as massas palestinas por parte do sionismo e pelas tropas imperialistas ianques

invasoras do Iraque. A luta pelo pão levava à revolução socialista, à destruição do exército e à expropriação da burguesia e o imperialismo. Por isso foi entregue a cabeça de Mubarak: para salvar ao capitalismo de conjunto.

Até último momento, toda a burguesia e o imperialismo tentaram sustentar a Mubarak para que este faça uma "transição ordenada". Só o perigo de que as massas se fizessem do poder fez que arrojassem sua cabeça.

A ruptura do exército estava ao alcance das mãos. A centralização de organismos das massas em luta colocava o sério risco de pôr em pé um verdadeiro poder dos explorados.

Isto aterrorizou a burguesia, que entregou uma cabeça para assim manter todas as cabeças de todas as classes dominantes, e sobretudo, sua propriedade privada, e garantir a continuidade do poder dos exploradores.

Com estes combates das massas abria-se o caminho à tomada do poder, a romper o exército, a tomar-se todas as empresas dos capitalistas e o imperialismo, a derrubar o muro de Rafah, a unir-se com a rebelião das massas do Oriente Médio e do norte da África.

A "oposição burguesa", que como verdadeiros Cavalos de Tróia continham as massas na praça da libertação, como a Irmandade Muçulmana, os "militantes do Facebook", os homens do imperialismo trazidos no último momento pelos ianques como El Baradei, correrão rapidamente a estabelecer um governo de coligação e um regime de acordo e unidade nacional com os gerais mercenários a conta dos EUA, que hoje se apropriaram do poder. Insistimos o objetivo deles será limpar a praça, desmobilizar as massas, voltar a pôr à polícia nos mesmos quartéis que queimaram os operários.

As massas não podem dar sua vida para que sigam no governo os mesmos que eles enfrentaram no combate, mas esta vez com outra roupa e outros trajes.

Esta é a tragédia das expropriações que realiza a burguesia, apoiando-se nas direções traidoras, dos processos revolucionários de massas para estrangulá-los e impedir a tomada do poder por parte da classe operária.

No Egito, a revolução deve pôr-se de pé. Nenhum apoio ao governo provisório da guarda pretoriana do exército, que está sob o comando do Obama e o Pentágono! O caminho não é outro que aprofundar a revolução que já começou. A primeira tarefa é demolir o muro de Rafah.

As massas palestinas na faixa de Gaza se levantavam em apoio à revolução de operários e estudantes do Egito. Hamas os reprimiu e encarcerou. De costas as massas escravizadas, esta burguesia "muçulmana" pactuava a entrega da causa palestina com Mubarak, os Irmãos Muçulmanos e os representantes do imperialismo francês e norte-americano, aprestando-se a reconhecer o Estado de Israel. E isto sucede enquanto centenas de milhares de operários palestinos ganham as ruas para derrotar a Autoridade Nacional Palestina também na Jordânia e na Cisjordânia.

"...só o proletariado com sua ditadura, baseada nos conselhos operários, o armamento das massas e na aliança com as capas empobrecidas do campo e da cidade, tomando o poder, poderá resolver estas tarefas democráticas, combinando-as com tarefas socialistas de expropriação dos expropriadores..."

A chispa do Egito agora deve incendiar às martirizadas massas palestinas! Há que demolir o muro de Rafah! As milícias operárias e camponesas devem romper com Hezbollah, que entrou ao governo do Líbano com o pró-imperialista Siniora!

As massas palestinas na Jordânia, Síria, Líbano, etc. tentam novamente pôr-se de pé. Na praça do Cairo já têm a praça de sua libertação.

Há que avançar na demolição de todo dispositivo contrarevolucionário de controle das massas no Oriente Médio! No Egito se deu um primeiro passo. Há que completá-lo e levá-lo até o final, e só o triunfo da revolução operária o conquistará.

Revolução democrática sem liberar às massas palestinas, sem esmagar o Estado sionista fascista de Israel, sem demolir o muro de Rafah, sem fazer justiça com a assassina monarquia da Jordânia - massacradora da nação palestina -, sem derrotar ao governo de unidade nacional de Hezbollah e a burguesia pró imperialista no Líbano, sem romper com Hamas, que pactuava com Mubarak e encarcera aos jovens que se rebelaram junto a seus irmãos do Egito? Jamais! Só em mãos do proletariado revolucionário e seu poder, sobre as ruínas dos regimes autocráticos, fascistas e ditatoriais ou "democráticos", se poderá completar as tarefas democráticas pendentes, que o imperialismo e a burguesia já não podem resolver no mundo colonial e semicolonial. Não luta pela democracia conseqüentemente e até o final o que não luta pela ditadura do proletariado. Todos os demais é uma traição à classe operária e ao socialismo.

Nenhum apoio aos gendarmes do imperialismo do exército egípcio! Abaixo o muro de Rafah! Desconhecimento dos pactos da década de 70 de Anwar El-Sadat e o imperialismo de reconhecimento do Estado sionista-fascista de Israel! Pela destruição do Estado sionista fascista de Israel! A praça da libertação só deve reconhecer a uma só nação: a nação palestina, com sua capital Jerusalém! Ali se devem convocar a delegados palestinos a uma assembléia nacional, para que delegados da Jordânia, Cisjordânia, a martirizada faixa de Gaza, unifiquem-se e centralizem-se, junto aos explorados do Egito, numa só e única luta contra os opressores! Só assim a chispa da revolução que vem do norte da África e Tunísia se expandirá para incendiar o Oriente Médio.

No Egito, todas as organizações de massas devem romper todo tipo de apoio a este governo e desconhecê-lo imediatamente. Não é nosso governo! Este vem defender os mesmos interesses das classes possuidoras que antes defendia Mubarak.

Não há que entregar as armas! Há que terminar de desarmar a polícia assassina.

A Praça não se abandona e, desde ali, há que centralizar a todas as organizações em luta num grande Congresso Nacional operário e das massas exploradas! Os poços de petróleo, o ouro negro, devem ser expropriados pelos conselhos operários e jamais devem ser entregados as potências imperialistas que saqueiam a nação. Segue sendo uma tarefa central das massas revolucionárias a luta por dividir o exército e fazer que os soldados rasos passem às filas da insurreição.

Os melhores combatentes da Praça da Libertação no Egito exigem a liberdade de todos os presos políticos:

Liberdade já a todos os presos políticos nas masmorras do regime de Mubarak!

Dissolução da polícia assassina de Mubarak e de todas as bandas parapoliciais!

Destituição da casta de juízes da autocracia e dos serventes do imperialismo!

Tribunais operários e populares para julgar e castigar a todos os assassinos do povo!

Há que centralizar já a nível nacional todas as organizações de luta da classe operária!

Nenhuma confiança no governo dos generais assassinos, serventes de Wall Street e do estado sionista assassino de Israel!

Por comitês de soldados!

Ponhamos em pé a milícia operária e popular!

Destruição da casta de oficiais do exército pago e sob o comando de Obama!

Só isso garantirá o caminho para conseguir o pão, o trabalho e a independência nacional, expropriando aos expropriadores.

A revolução se deve pôr de pé. Chegou a hora em que a revolução depende de partir o exército, que se mostrou "neutro" só para abrir-lhe as ruas aos progroms contrarevolucionários para que ataquem, e as fechava para as massas que queriam combater. Esta questão define o futuro da revolução.
Há que pôr em pé já os comitês de soldados. Nenhum filho de operários ou camponeses pobres pode estar um dia mais no exército que sustentou e sustenta ao sionismo, ao imperialismo, às tropas invasoras no Iraque e que é o maior inimigo de seu próprio povo.
O que surge não é o governo das massas insurrectas que combateram, senão dos que conspiraram contra elas e os que sustentaram durante décadas a Mubarak. Esta vez, se a revolução é expropriada provisoriamente, serão os cantos doces da "oposição democrática" os que chamarão às massas a ir-se a suas casas sem pão nem trabalho, sem a ruptura com o imperialismo e o sionismo. E se estas não o aceitam, será o exército quem, em nome da democracia, chamará a achatar as massas revolucionárias.
Novas tragédias, enganos e punhaladas pelas costas preparam as forças da contrarevolução com os "bonapartes", com os progroms contrarevolucionários, com os impostores da burguesia "democrática", para derrotar o processo revolucionário que se iniciou.
A revolução deve pôr-se de pé! A praça não se dissolve! As barracas não se levantam! Que todas as organizações operárias mandem ali os delegados! Os soldados rasos terão um lugar nessa praça.
Todo retrocesso da praça afastará as massas do pão, a terra e a liberdade. Aí está a ampla maioria do Egito: a classe operária e as massas exploradas do campo e da cidade. Ali estão os únicos que têm legitimidade e autoridade para fazer-se do poder.
Fora a casta de oficiais do exército assassino! Fora os mercenários dos ianques do controle do Estado! Os soldados rasos, filhos de operários, não podem permitir nem um minuto mais esta expropriação da luta da classe operária e as massas exploradas. Os tanques devem deixar de apontar às massas que querem tomar os prédios do partido contrarevolucionário de Mubarak, da polícia assassina e das empresas imperialistas.
Os tanques e os fuzis devem começar a apontar aos entregadores da nação, aos assassinos do povo, aos saqueadores das riquezas nacionais e aos exploradores dos operários.
Por comitês de soldados, que junto às organizações da classe operária e as massas em luta imponham um governo provisório revolucionário de operários, camponeses pobres, comitês de soldados!
As massas, que se sentem vitoriosas, agora procurarão o pão. Novos ares de combate e forças chegam da Tunísia, da rebelião no Marrocos, do combate que começou na Argélia, e dos levantamentos das valorosas massas de Iêmen e Jordânia.
Os novos levantamentos das massas palestinas, que enfrentam tanto à burguesia de Abbas como Hamas na Gaza, demonstram que o "nacionalismo árabe" e o "movimento muçulmano" não são mais do que frações da burguesia que estão sempre dispostas a entregar a luta nacional em troca de bons negócios com o imperialismo. A irrupção das massas palestinas, enfrentando à mesma burguesia palestina, carcereiro de seu próprio povo em campos de concentração, jogará o papel decisivo para sacar o véu e baixar a poeira que se levantou, e definir que estamos frente a uma revolução operária e socialista que ameaça com expropriar o imperialismo e a toda a burguesia.

"...Estão se desenvolvendo episódios de uma mesma revolução no norte da África, Oriente Médio e a nível internacional..."

Só um governo provisório revolucionário da classe operária e as massas exploradas, numa luta armada, expulsando o imperialismo, expropriando sem pagamento suas propriedades e bancos, desarmando a casta de oficiais de West Point, expropriando a terra e dando-lhe o pão aos explorados, pode ser o único que inclusive garanta o chamado a uma assembléia nacional livre e soberana do Egito. Todo o chamado a eleições e a assembléia constituinte, com as armas na mão do exército de mercenários e assassinos, será uma paródia de assembléia nacional, que terá a "democracia" das baionetas dos serventes de Wall Street sobre sua cabeça.
Um governo provisório revolucionário de operários e as massas exploradas do campo e da cidade, baseado em sua milícia, será o único representativo da amplíssima maioria do Egito, e será um milhão de vezes mais democrático do que assembléias constituintes sustentadas nos fuzis dos mercenários de Wall Street e num punhado de parasitas que saqueiam a nação.
Os "paladinos da democracia" se oporão firmemente à expulsão de todos os embaixadores imperialistas, a expropriar todos os negócios que açambarcam os parasitas da casta de oficiais junto à burguesia do Egito e o imperialismo. Se negarão a demolir o muro de Rafah. Assim, mais cedo ou mais tarde, demonstrarão ser os continuadores de Mubarak e sua obra contrarevolucionária na região.
Só a classe operária e sua ditadura, que constituirá uma república um milhão de vezes mais democrática do que qualquer república burguesa, será a encarregada de levar até o final e cumprir as tarefas democráticas que ficaram sem resolver. E o fará com os métodos e o programa da revolução socialista. Isto é, como o propusesse Trotsky na Revolução Permanente, a resolução íntegra e efetiva das tarefas democráticas pendentes só cumprirá a ditadura do proletariado; e assim o proletariado demonstrará ser o único caudilho da nação oprimida, arrastando detrás dele às capas oprimidas do campo e da cidade.

A experiência da Tunísia é que a classe operária e as massas, em dias, perceberam o engano: o governo "democrático" de transição desse país se apóia nas mesmas instituições, nos mesmos partidos, nas mesmas forças de choque contrarevolucionárias que as massas tinham derrotado em seu combate. Disto se trata a fraude que agora procuram impor no Egito. Ainda está por ver se o impõe.
Esta armadilha e engano podem voltar-se na contramão dos que os realizam, porque as massas vêem à queda de Mubarak como um triunfo dos explorados de toda a região. Vêem que se pode derrotar os governos que enfrentam. Já se estão levantando as massas na Tunísia, Argélia, Jordânia, etc. Que viva a revolução!
A situação revolucionária no Egito é um elo de uma só e única revolução em todo o norte da África e Oriente Médio. Esse é o campo de batalha. No Egito se livra uma batalha da guerra de classes que se definirá no terreno internacional.
Quando, mais cedo ou mais tarde, volte-se a levantar a classe operária européia e norte-americana virão os batalhões mais fortes da classe operária mundial, que levarão estes combates a Roma, Berlim, Grécia, Lisboa, Washington, etc. O combate seguirá a folha de rota que encaminharam as massas revolucionárias do Oriente Médio. Para conseguir pão há que fazer a revolução e a insurreição de massas, derrotando os regimes e governos dos exploradores. Mas para conquistar o pão firme e definitivamente, terá que tomar o poder e estabelecer a ditadura

Mubarak junto com o açougueiro Obama

do proletariado.
Nessa luta estamos os combatentes da IV Internacional que lutamos por sua refundação.
O que lhe faltou e ainda continua faltando às massas é uma direção revolucionária que esteja à altura dos combates insurrecionais que estas realizam.
As forças para essa direção revolucionária já estão: tomam-se os poços de petróleo, desarmaram à polícia, combatem na Tunísia, levantam-se no Iêmen, voltam-se a levantar na Bolívia. Ali estão as forças para pôr em pé um partido da revolução socialista internacional: refundar a IV Internacional para devolver-lhe às massas a direção que se merece.
Estão se desenvolvendo episódios de uma mesma revolução no norte da África, Oriente Médio e a nível internacional. A debilidade do marxismo revolucionário é evidente. Mas os combates decisivos já estão aqui.
Só colaborando com as massas a cada passo, demonstrando-lhes quem são seus aliados e quem são seus inimigos; chamando e colaborando com elas para pôr em pé e centralizar os organismos de duplo poder, de auto-organização e armamento das massas em luta, que são os únicos que estarão a altura do combate que lhe declararam seus inimigos de classe, é que o movimento revolucionário conseguirá recuperar tempo e chegar aos momentos decisivos às grandes definições que inevitavelmente devirão dos acontecimentos revolucionários que estão em curso.
A diferença da revolução de outubro de 1917, onde um punhado de internacionalistas tinham reagrupado em Kienthal e Zimmerwald contra a traição da socialdemocracia, e que durante anos já tinham formado quadros para a revolução nos períodos prévios, o proletariado chega a estes acontecimentos revolucionários que não deixam de suceder-se desde 2007 - nesta verdadeira hecatombe do sistema capitalista mundial - com um campo de batalha cheio de escombros da II, da III e da IV Internacional que foi entregada pelos renegados do trotskismo à burguesia e ao imperialismo.
Esta vez, ainda que aos teóricos da “revolução democrática” lhes doa, o partido proletário da revolução socialista deverá surgir e pôr-se de pé depois de que as massas dessem os primeiros golpes revolucionários, como propusesse Trotsky na Espanha revolucionária da década de 30, deve surgir um partido jacobino do proletariado capaz de inclinar, no momento decisivo, a balança a favor da classe operária, levando-a à vitória definitiva com a tomada do poder.
Mas não se trata de uma revolução, senão de um período de revoluções, que darão mil e uma oportunidades. A tarefa do momento é reagrupar as forças sãs do movimento trotskista, para colaborar com as massas e suas ações revolucionárias, para dispersar as forças das direções traidoras que se concentraram sob o comando do capital.
As forças das direções traidoras, centralizadas no Fórum Social Mundial, que a cada passo tentam desorganizar e dispersar a forças dos revolucionários, foram dispersadas, debilitadas e o seguem sendo cada dia, pelos golpes da revolução proletária, pelas ações de massas que não só não prepararam, senão que tentaram e tentam impedir a toda custa que se desenvolvam.
O Fórum Social Mundial se está reunindo agora em Dakar, Senegal, chamando à “solidariedade com os povos árabes” e chama a uma “mobilização mundial” para o dia 20 de março. Esta é a mesma política que impuseram na Europa quando, desde a Contra-Cume do Madri em maio de 2010, convocou-se a uma suposta “greve geral européia”, depois que passassem em toda a Europa os ataques dos capitalistas e o combate de massas em Grécia ficasse cercado por estas mesmas direções. Assim levaram as energias revolucionárias do proletariado europeu à política impotente de pressionar aos governos imperialistas para que “retifiquem” e “morigerem” os ataques.
Estas mesmas direções do Fórum social Mundial são as que expropriaram a revolução latino americana pondo-a aos pés das burguesias bolivarianas e o açougueiro Obama; e hoje todos sustentam aos irmãos Castro que comandam a restauração capitalista na Cuba. São os que sustentam aos novos mandarins vermelhos chineses de Hu Jintao e sua V Internacional que escraviza em maquilas a milhões de operários chineses.
A luta da classe operária do norte da África não pode ficar nas mãos das direções traidoras do Fórum social Mundial!
As condições para uma nova ofensiva do movimento revolucionário já estão aqui. A teoria e o programa da IV Internacional é o único que passará a prova. Há que refundar o partido mundial da revolução socialista mundial para derrotar as burocracias e aristocracias operárias, ao Fórum Social Mundial, à V Internacional e a sua ala esquerda, os renegados do trotskismo. Já faz tempo que a pseudo-teoria de “revoluções democráticas” e “por etapas”, e seu programa de submetimento bastardo do proletariado à burguesia ficaram na lixeira da história.
Apresentamos nestas páginas, a minutos de ser impressas, o editorial que acompanha a este organizador e toda a correspondência e declarações que tirou nossa fração internacional, com o programa e estratégia para a tomada do poder.

Secretariado de Coordenação Internacional da FLTI

Os combatentes comemoram a queda de Mubarak

EDITORIAL

O seguinte editorial foi escrito o dia 10/02/2011, um dia antes da fuga de Mubarak.

Depois de dezoito dias de irrupção de massas e esvaziamento do poder, o imperialismo se viu obrigado a entregar a cabeça de Mubarak antes que o proletariado e as massas em luta avançassem um degrau decisivo com uma insurreição triunfante que demole toda a maquinaria do Estado burguês. Assim definia Trotsky no seu trabalho História da Revolução Russa *"Um levantamento revolucionário que dure vários dias só se pode impor e triunfar tal como de elevar-se progressivamente de degrau em degrau, registrando todos os dias novos sucessos. Uma trégua no desenvolvimento dos sucessos é perigosa. Se o movimento se detém e patina, pode ser o fracasso. No entanto os êxitos por si bastam; é necessário que a massa se inteire deles a sua devido ao tempo e aprecie antes que seja tarde sua importância para não deixar passar de longe o triunfo em momentos em que lhe bastaria estender a mão para pegar-lhe".*

O editorial que a seguir apresentamos conta com a validez de propor, prévio à fuga de Mubarak, a questão da tentativa do imperialismo e a burguesia de expropriar a revolução, bem como o programa e as tarefas para partir o exército e preparar e organizar uma insurreição triunfante.

Neste sentido, a apresentamos aos nossos leitores como parte da intensa correspondência internacional que percorre esta edição do Organizador Operário Internacional seguindo os acontecimentos da revolução no norte da África dia a dia.

Tunísia, Egito: "É uma revolta, *sire*? É uma revolução democrática?" Não, é o início de uma revolução operária e socialista que deve pôr-se de pé e fazer-se do poder

Desde o Secretariado de Coordenação Internacional da Fração Leninista Trotskista Internacional apresentamos o Organizador Operário Internacional N° 11.

Fazemo-lo em momentos em que novos golpes revolucionários das massas, como os do Oriente Médio e o norte da África, estão atuando como um choque elétrico nas filas do proletariado mundial. Os processos revolucionários da Tunísia e do Egito que começaram marcar o caminho para reagrupar as filas da classe operária a nível internacional, a fim de organizar uma verdadeira contra-ofensiva revolucionária do proletariado mundial contra os mil e um ataques da frente burguesa imperialista. Trata-se de que os processos revolucionários que estão em curso estendam-se, desenvolvam-se, generalizem-se, sincronizem-se e centralizem-se a nível internacional. Essa é a tarefa imediata de toda organização operária revolucionária internacionalista que se aprecie de tal.

As massas montam nos tanques do exército na Praça Tahrir

A chispa da revolução que começou na Tunísia e agora no Egito não deixa de estender-se, como um rastro de pólvora, pelo norte da África e Oriente Médio. No Egito a burguesia, o regime da autocracia de Mubarak e Obama, concentra suas forças para deter este processo revolucionário que começou. É que estas revoluções enfrentam abertamente todos os mecanismos de controle contrarevolucionários (como o pacto do exército, a burguesia e o governo do Egito com o contrarevolucionário Estado sionista de Israel para massacrar às massas palestinas) que impuseram as potências imperialistas e as burguesias nativas sócias do mesmo.

NA TUNÍSIA, NO EGITO, COMBATE-SE PELO PÃO CONTRA MUBARAK, BEN ALI, OBAMA E TODOS OS PARASITAS DE WALL STREET, BANQUEIROS E MULTINACIONAIS DE TODAS AS POTÊNCIAS IMPERIALISTAS.

Estamos frente a ações revolucionárias da classe operária e as massas oprimidas de uma das zonas mais castigadas pelo imperialismo. Este sustenta na região um dispositivo contrarevolucionário que atuou implacavelmente nas últimas décadas em todo o Oriente Médio. Este dispositivo atuou com as burguesias xiitas e sunitas expropriando os processos revolucionários antiimperialistas das massas, como o vimos no Irã, na Palestina, no Líbano, no Iraque ocupado. Também este mecanismo de controle contrarevolucionário atuou sob o terror do sabre dos faraós, das autocracias, das teocracias que só defendem os interesses da burguesia nativa e o imperialismo na região, e atuou também com invasões contrarevolucionárias imperialistas diretas como no Iraque, Afeganistão e bombardeios do exército sionista fascista de Israel contra as massas palestinas. É que ali estão as maiores reservas de petróleo do planeta, que estão sob o controle das grandes petroleiras e bancos imperialistas. Ali, as massas famintas vivem sobre um mar de ouro negro que se encontra sob seus pés.

Alguns escritores de editoriais burgueses surpreendem-se do que a chispa que começou com uma revolução na Tunísia, que fez rodar a cabeça de Ben Alí, e que com suas novas ondas revolucionárias ameaça com desmantelar e demolir a maquinaria do Estado semicolonial; hoje se expandiu e incendiou Egito, e em toda a região se desenvolvem

ações de massas como na Argélia, Iêmen, Jordânia; pondo ao vermelho vivo a questão do esmagamento do Estado sionista assassino de Israel, que mantém num campo de concentração a céu aberto às martirizadas massas palestinas.
A chispa da Tunísia chegou ao Egito, e foi levando e propagando o brutal roubo do imperialismo e os parasitas do capital financeiro, que investindo enormes massas de capitais no mercado das *commodities*, açambarcando toda a produção de farinha, azeites, açúcar, milho, fez subir ficticiamente seus preços para, de forma especulativa, com as grandes cerealíferas e os banqueiros imperialistas, recuperar de forma parasitária seus lucros. Seus super lucros.
No Egito, como na Tunísia, no Iêmen ou na Bolívia, combate-se contra a carestia da vida e o aumento brutal dos preços dos alimentos que foi elevado de forma fictícia por um punhado de banqueiros, como Goldman Sachs, a banca Morgan, isto é, os parasitas de Wall Street. Estes fizeram subir até 200 vezes o valor do trigo, a soja, o milho, etc. E isto não é porque falte produção, senão tudo o contrário. Está a níveis recorde no mundo. O parasitismo imperialista é, em última instância, o inimigo que enfrentam as massas famintas que saem ao combate em todo mundo.
Sim, falamos dos parasitas que estão nas 8 quadras de Wall Street. Falamos dos “super bancos” que saquearam e levaram à ruína ao planeta e as nações, fazendo quebrar os Estados e atirando-lhe toda sua crise às massas desde 2007, quando estourou o crash.
Estes parasitas ontem inflaram ficticiamente uma bolha imobiliária, hipotecando 3 ou 4 vezes o valor das propriedades nos EUA, na Espanha, no Dubai e hoje na China. O mesmo sucede hoje com estes especuladores e parasitas que açambarcam milhões de toneladas de trigo, milho, açúcar, cacau, arroz, soja e restantes *commodities*, fazendo subir de forma fictícia seu valor no mercado chamado “o futuro”.
O capital financeiro, essa oligarquia de super bancos, usa a garantia dos bônus do tesouro dos EUA, onde deixam seus dólares bem guardados, para investi-los na bolsa de valores de cereais, fazendo subir ficticiamente seu valor.
Desde o ano 2006 até 2008 o preço do trigo subiu um 80%, o milho um 90% e o arroz um 320%. Desde então, não deixaram de estourar revoltas pelo pão e contra a fome. Mais de 250 milhões de operários escravos passaram a viver em aberto estado de desnutrição.
E mais, a demanda de grãos e alimentos retrocedeu 3% no planeta. O próprio (hoje defunto) Lehmman Brothers, o chefe dos parasitas imperialistas, especulando, saltou de 13 mil milhões de dólares no mercado “o futuro” do trigo de Chicago a 260 mil milhões em 2008.
Isto é parasitismo. Isto é o capitalismo hoje. Este é o saque das nações oprimidas. A estes parasitas defende o governo assassino de Mubarak. Os representa fielmente Obama. E ao mesmo tempo, todas as direções contrarevolucionárias reagruparam suas forças para impedir que as massas derrotem a estes parasitas no mundo semicolonial e, especialmente, em Londres, Nova York, Tóquio, Berlim, Roma, Paris, etc.
As massas devem terminar de identificar com clareza a seus inimigos. Estamos frente ao início de uma enorme revolução operária, já que ataca os interesses da burguesia e o imperialismo no Egito, na Tunísia, no Oriente Médio. Esta revolução merece triunfar a nível internacional, com a entrada em cena da classe operária européia, japonesa e norte-americana. É que este combate só triunfa com a revolução socialista internacional, expropriando a esse punhado de parasitas do capital financeiro que vive, lucra e parasita sobre milhões de escravos famintos, desnutridos, e sobre uma classe operária à qual lhe tentam descarregar todos os dias sua podridão e crise como sistema.
São estas penúrias inacreditáveis as que empurram as massas às grandes investidas revolucionárias que estamos presenciando. São padecimentos inacreditáveis que empurram revoltas, insurreições, semi-insurreições em países chaves não produtores de alimentos e, como já dissemos, assentados num mar de ouro negro de petróleo, saqueado pelo imperialismo e as burguesias nativas. A fome e carestia da vida crônica já se voltaram insuportável para as massas.
Estes parasitas do capital financeiro de Londres, Wall Street, Berlim ou Paris, não só especularam e fizeram subir ficticiamente os preços das *commodities* a nível internacional, senão que são os mesmos que, para recuperar sua perdas e sua bancarrota tem esvaziado, desfeito e deixado endividado a todos os Estados imperialistas, como EUA, França, Espanha, Grécia, etc. Assim os governos das potências imperialistas esvaziaram seus estados, repuseram-lhe as perdas aos banqueiros e às multinacionais, enquanto largaram um feroz ataque para fazer-lhe pagar isto às massas.

As massas tunisianas se mobilizam ate a cidadela do poder

A CHISPA DA TUNÍSIA INCENDIOU EGITO. PARA QUE A REVOLUÇÃO TRIUNFE DEVE INCENDIAR O ORIENTE MÉDIO E SUBLEVAR NOVAMENTE À CLASSE OPERÁRIA EUROPÉIA E NORTE-AMERICANA

Levamos já 17 dias de uma magnífica revolução e insurreição no Egito, que põe à ordem do dia que a chispa transformou-se numa chama de fogo que ameaça com incendiar todo o norte da África, Oriente Médio, e novamente Europa.
A queda de Mubarak produto da ofensiva revolucionária decidida das massas do Egito faria tremer desde seus alicerces ao Estado genocida de Israel, e colocaria à ordem do dia que a resistência antiimperialista volte a pôr em debandada as tropas invasoras imperialistas no Iraque e Afeganistão.
Milhões de operários argelinos, marroquinos, tunisianos, egípcios, do Magreb são imigrantes que realizam os piores trabalhos nas potências imperialistas.
Ante o crash e a crise, milhões destes foram devolvidos para seus países de origem, inclusive sob o terror do fuzil burguês apontando a suas cabeças, como o fez EUA, Itália, Espanha e restantes imperialismos chamados “democráticos”.
Isso multiplicou por 10 o desemprego crônico. Uma legião de desempregados se vê obrigado a percorrer então os poços de petróleo das empresas imperialistas que saqueiam o Oriente

Médio, como párias e operários escravos.
Essa é o paradoxo. Massas famintas, operários desempregados que são expulsos da Europa, como escravos aos quais os escravistas já nem sequer são capazes de alimentar e fazê-los trabalhar, percorrem os poços de petróleo em Kuwait, Iraque, Dubai, Egito, Arábia Saudita. O paradoxo é operários escravos em empresas imperialistas que fazem lucros de 150 a 200 bilhões de dólares ao ano como a Exxon, a Halliburton, e que levantam os edifícios fastuosos da burguesia como no Dubai ou Arábia Saudita, e um extensíssimo etc.

Como se estendeu esta chispa que começou na Tunísia? Esta se desenvolveu seguindo a rota dos "operários nômades" dos poços petroleiros e os operários escravos das grandes construtoras, que quiçá trabalharam juntos também na folha de rota dos piores trabalhos da Alemanha ou França. Ali eles se reconhecem. Sabem de seus países e de suas penúrias.
Os imbecis antimarxistas falam de "espontaneidade" e de "zero consciência" das massas que se encontram insurrectas. Elas vêm de uma enorme experiência de combate sacrifício e traições sofridas. Eles deixaram a seus filhos com as "madraças" da burguesia xiita, que entregou toda a luta antiimperialista das massas do Oriente Médio.
A burguesia "islâmica" do Hezbollah entrou ao governo com Siniora, agente do imperialismo no Líbano. Ao mesmo tempo a burguesia, também "islâmica", de Hamas está num verdadeiro pacto e negociação com o governo de Mubarak e o Estado sionista fascista de Israel para impedir que irrompam novamente as massas da Palestina

As revoluções que estão em curso no norte da África não são filhas de um "reverdecer democrático" da pequena burguesía do Oriente Médio, sempre servil ao imperialismo e seus interesses. Estas são produto desta enorme experiência de combates traições, guerras nacionais, das experiências que fizeram com as direções burguesas, sejam "islamitas" ou "panárabes", quem a cada passo entregaram as lutas nacionais antiimperialistas das massas do Oriente Médio, e submeteram, junto ao imperialismo, à pior exploração à classe operária na região.
Esta é a preocupação do imperialismo, que reconhece às forças da revolução que enfrenta, e isto Mubarak o sabe muito bem.
Por isso, o que mantém hoje vivo o combate das massas revolucionárias do Egito é que querem triunfar e dar um primeiro passo para conquistar o pão, derrocando a Mubarak tal qual o fizeram seus irmãos de classe na Tunísia com Ben Ali.

"As massas não têm consciência", "são atrasadas", dizem os imbecis e serventes da burguesia que jamais chamaram as massas a lutas revolucionárias para derrocar aos governos dos exploradores e seus regimes para conseguir o pão e o trabalho, começando a revolução proletária.
É que esta onda revolucionária supera a "espontaneidade" e a "falta de consciência" que lhe impuseram as direções traidoras aos heróicos levantamentos revolucionários da classe operária européia, questão que apontava a impedir que os explorados chegassem a propor-se o derrocamento de Papandreau, Sarkozy, Berlusconi, a monarquia espanhola e inglesa, e a imundícia do Bundesbank e a Merkel na Alemanha.
Esta onda revolucionária retoma essa experiência, voltando a marcar um caminho à classe operária européia, que não é outro que: quem quer pão deve elevar sua luta econômica a luta política e enfrentar decididamente os governos e regimes que protegem os interesses do grande capital, e derrotá-los.
Nenhum estado maior do proletariado mundial disse que "para que tenha pão, há que derrotar e demolir o poder dos exploradores"; que para conseguir o mais mínimo há que lutar por tudo; que a classe operária segue mal porque ainda não se fez do poder.
Nenhum estado maior dos que se dizem "anticapitalistas" ou "socialistas" da classe operária chamaram nem convocaram a nenhuma Praça, a tomar nenhuma delegacia, a fazer nenhum piquete armado, a incendiar quartéis nem palácios de governo.
Aos que propomos isto, como os trotskistas que lutamos por refundar a IV Internacional, nos acusam de "loucos", "atropelados", "sectários", "que não conhecemos nada da luta da classe operária", "há que ir devagar", "passo por passo". Afirmam e se desgarram dizendo que "nunca há condições" para preparar uma ofensiva revolucionária das massas... como se as condições para vencer não se conquistaram.
Estamos vivendo o filme da covardia do reformismo. Por que: Que condições tinham para atacar os governos burgueses do Egito, Tunísia, Iêmen, Jordânia, com regimes ditatoriais, autocráticos, sustentados nas polícias secretas assassinas e nos exércitos de choque contrarevolucionários?
As massas, por seus padecimentos inacreditáveis, superaram toda a estratégia reformista de submetimento rasteiro à burguesia; e localizaram seu combate muito próximo do poder. Demonstraram que as condições objetivas para a luta pela revolução estão mais do que maduras. Já se estão decompondo.
O surgimento do putsch fascista, novas invasões contrarevolucionárias, o aprofundamento e estabelecimento de regimes bonapartistas já o antecipam. A bancarrota do capitalismo é inevitável. Este só pode sair da crise com guerras e arrebentando à classe operária mundial, isto é, com parasitismo.
As direções reformistas só chamaram, como na Europa, a lutas de pressão para negociar a "retificação" do ataque selvagem dos capitalistas contra as massas. Exigiram à classe operária da América Latina que deponha sua luta por derrubar os governos "progressistas" e bolivarianos, os quais "tinha que pressionar para que avancem ao socialismo", como Chávez, Morales, Kirchner, Lula etc. No entanto estes são os que aplicam hoje planos de austeridade iguais ou piores do que Ben Alí ou Mubarak.
Os reformistas como serventes do capital, impuseram-lhes as massas nas ondas de luta de Atenas, da Bélgica, de Portugal e de toda a Europa, de que se pode morigerar o ajuste e o brutal ataque. Estão-lhes dizendo e lhes disseram que o leão não se comerá ao veado.
Enganaram as massas. Voltaram impotentes os combates da Grécia revolucionária e do proletariado europeu. Eles temem, sobretudo, que as lições das revoluções que estão em curso no Oriente Médio e ao norte da África, voltem a pôr à classe operária européia num caminho revolucionário correto, tirando lições de seus combates.

Os processos revolucionários do Egito, da Tunísia, do Oriente Médio, como o levantamento persistente dos operários da Bolívia contra a fome e a carestia da vida abriram um ângulo de 180° com as receitas das direções traidoras do proletariado.
Como ontem no Madagáscar, no Guadalupe, no Quirguistão, ou na Bolívia revolucionária, combate-se pelo poder e pelo derrocamento do poder do inimigo para conquistar o pão e parar o ataque dos capitalistas.
As revoluções que estão comovendo ao mundo no norte da África e Oriente Médio, mais cedo ou mais tarde, voltarão a cruzar o Mediterrâneo. É tarefa dos operários da Grécia, da Inglaterra, da França, da Espanha, de Portugal e toda a Europa, levar este combate ao triunfo. Só combatendo como na Tunísia e no Egito, derrotando a monarquia inglesa e espanhola, a V república dos assassinos imperialistas franceses, a Itália dos Berlusconi e a Alemanha do capital financeiro assassino alemão e seus exércitos que estão massacrando igual ou pior do que os ianques no Afeganistão, é o caminho pelo qual conseguirão o pão e recuperarão suas conquistas. Demolindo e não deixando pedra sobre pedra dessa gruta de bandidos de Maastricht e do parlamento europeu, que nada tem que lhe invejar aos parlamentos fantoches, bonapartistas e autocráticos dos regimes contrarevolucionários do Oriente Médio contra os quais se levantam hoje as massas.

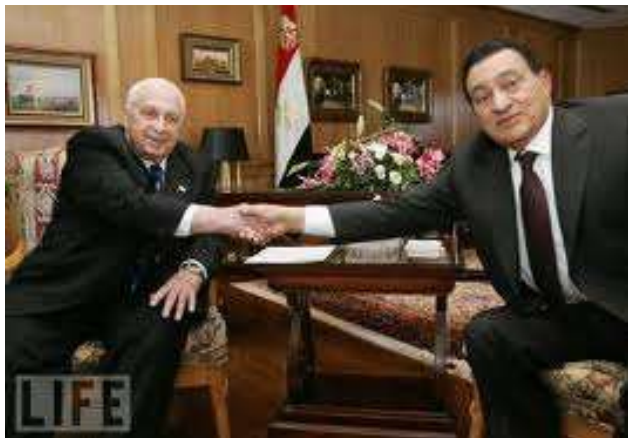
"REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA" PORRA NENHUMA! NO NORTE DA ÁFRICA E ORIENTE MÉDIO COMEÇOU UMA REVOLUÇÃO OPERÁRIA E SOCIALISTA, QUE ATACA O CORAÇÃO DO CAPITALISMO E O IMPERIALISMO MUNDIAL. É UMA REVOLUÇÃO OPERÁRIA E SOCIALISTA, QUE SÓ PODERÁ TRIUNFAR ESTENDENDO-SE A NÍVEL INTERNACIONAL E TRIUNFA A NÍVEL MUNDIAL

A burguesia se pergunta que nome põe a revolução que começou na Tunísia e no Egito. Manda a seus serventes a falar de que há uma "revolução democrática" contra "ditaduras". A vida e a realidade nua aos teóricos e papagaios da "revolução democrática". Na Tunísia e no Egito hoje, as liberdades democráticas as estão conquistando as massas com seus combates revolucionários nas ruas, enfrentando à polícia o exército e as bandas contrarevolucionárias defensoras dos interesses de todos os capitalistas. As massas conquistam liberdades democráticas pondo em pé a revolução proletária. Aqui a mentira tem pernas curtas.

Esse conglomerado de abate do stalinismo, social-democratas, partidos "anticapitalistas", renegados do trotskismo variados, etc. sabem muito bem que a tarefa democrática não resolvida no mundo semicolonial é a independência do imperialismo. E hoje salta à vista, ante os olhos do conjunto dos explorados, como Mubarak e todos os governos burgueses atuam sob as ordens abertas e diretas de Obama e das embaixadas de todas as potências imperialistas. Salta à vista que não há nem liberdade, nem independência nacional sem a expulsão do imperialismo das nações oprimidas. Assuma o governo que assuma no Egito, não será democrático, senão que será eleito na embaixada ianque e com a aprovação do sionismo, isto é, as forças contrarevolucionárias do Estado de Israel; o contrario é que a classe operária tome o poder conquistando a liberdade, a independência nacional, o pão e o trabalho para os famintos.

E para expulsar o imperialismo há que o expropriar, derrotar a ele e seus sócios menores, as burguesias nativas. Eles têm seu Estado, sua banda de homens armados, suas polícias contrarevolucionárias. E quando isto falha em seu controle e domínio contra o proletariado, invadem (como no Iraque e Afeganistão) ou massacram (como na Palestina).

As burguesias nativas associadas ao imperialismo - como sócios de segunda mão - sabem muito bem que se, com o método da insurreição, triunfa a revolução proletária que começou, também atacará seus interesses e propriedades que estão intimamente unidas ao imperialismo.

A terra está em mãos das grandes empresas imperialistas, que têm desde o trigo armazenado até a terra onde se produz e as grandes correntes de comercialização, como assim também está em mãos dos grandes bancos a produção de alimentos que, com seus cerealíferas e bancos, o monopolizam a nível mundial.

Sharon e Mubarak agentes do imperialismo no norte da África e Oriente Médio

Como chamar a uma revolução que, para triunfar, ter pão e trabalho, deve derrotar aos parasitas de Wall Street, Londres e Alemanha, deve expropriar às cerealíferas, às grandes petroleiras imperialistas, aos banqueiros e aos governos e Estados contrarevolucionários que cuidam seus interesses… "democrático burguesa"?

De repente, enquanto seguem mandando a seus serventes e lacaios no movimento operário a falar de "revoluções democráticas", os teóricos da burguesia falam de revolução "laranja", "das tulipas", "dos cravos". Que se voltaram? Jardineiros talvez?

Em momentos de revolução as classes possuidoras ficam momentaneamente como um pintor com o pincel no teto que lhe tiraram sua escada. Nesse momento duvida e procura rapidamente um ponto de apoio.

Putchs contrarevolucionários, governos de colaboração de classes, tiram gerentes de Google "dos cárceres de Mubarak" para dar-lhe um perfil de "revolução democrática da internet"… mas a classe operária e as massas disseram "Basta!" "Queremos pão!" "Fora Mubarak!" "Lhes queimamos as delegacias e dissolvemos a polícia!" "Queremos tomar a crise e a resolução de nossos problemas em nossas mãos!"

A tendência é a alto-organização das massas e seu armamento. A rota para que triunfe a revolução já se abriu com a heroicidade e a semi-insurreição de massas que não deixa de desenvolver-se, apesar e na contramão de todas as direções e diques de contenção que lhe querem impor.

No Egito, como ontem na Tunísia, abriu-se um fenomenal esvaziamento do poder. Ou o ocupam as massas revolucionárias e suas organizações, derrotando as bandas armadas do capital, ou vai ocupá-lo a burguesia. Ou os explorados se organizam e centralizam, com delegados de todas as organizações operárias das massas em luta de todo o Egito, com as armas que já lhe arrebataram à polícia, pondo em pé uma milícia operária coordenada e centralizada a nível nacional, e com estas forças luta por ganhar-se à base do exército; ou bem, a contrarevolução massacrará as massas revolucionárias ou esta luta será expropriada pelos cantos de sereia das "frentes democráticas" do Baradei, a Irmandade Muçulmana e todas as outras patéticas instituições das classes dominantes, que sustentaram durante décadas ao assassino Mubarak.

A revolução operária começa ver a cara de frente com os exploradores. Milhões entram ao combate, são, ao dizer da III Internacional, esses "pobres diabos" que nunca são tidos em conta pelas capas altas da aristocracia e a burocracia operária. Eles são os que estão socavando, como toupeiras, a cidadela do poder.

O fantasma da revolução iraniana e da revolução palestina faz tremer à burguesia e a todos seus serventes e lacaios no movimento de massas. Eles querem impedir que a revolução que começou termine de madurar e pôr-se de pé, questão que se consegue em horas e em dias de revolução.

O reformismo sustenta aos cavalos de Tróia, que hoje estão à frente das massas do Egito que conspiram junto com Mubarak contra a revolução.

A destruição do exército (como sucedeu com o Sha Resza Pahlevi), pôr em pé comitês de soldados, tomar as delegacias da burguesia como o fizeram as massas palestinas, está à ordem do dia…. Se o processo revolucionário ainda não chegou a esse degrau, não é por falta de tempo. É por crise de direção, isto é, pelo freio que põem os partidos da burguesia que, com a bandeira da "democracia", atuam como verdadeiros cavalos de Tróia ao interior das massas em luta… e enquanto, a burguesia e seus agentes sem vergonha no movimento operário seguem procurando-lhe um nome à grandiosa revolução que se desatou.

Como diz Trotsky na história da revolução Russa: *"Um levantamento revolucionário que dure vários dias só pode impor e triunfar tal como de elevar-se progressivamente de degrau em degrau, registrando todos os dias novos êxitos. Uma trégua no desenvolvimento dos êxitos é perigosa. Se o movimento se detém e patina, pode ser o fracasso. No entanto os êxitos por si bastam; é necessário que a massa se inteire deles em seu devido tempo e aprecie antes que seja tarde sua importância para não deixar passar de longe o triunfo em momentos em que lhe bastaria estender a mão para pegar-lhe. Na história se deram casos destes".*

As condições estão mais do que maduras para que esta revolução avance vários degraus mais. Mas para que isto não suceda, os agentes da

burguesia no movimento operário gritam e gritam: "A revolução é democrática!". Afirmam e envenenam a consciência dos operários revolucionários exigindo-lhe as massas: "que lhe entreguem o poder que têm ao alcance das mãos a um parlamento "super democrático", ou seja uma Assembléia Constituinte, para que o poder fique em mãos da burguesia "democrática", para que assim "madurem as condições para a tomada do poder do proletariado". Esta mentira e este engano à classe operária não vai ficar impune, porque as massas já estão dando conta que quem é incapaz de ficar no poder é a burguesia, seu governo e seus partidos.

A crise revolucionária se mantém no Egito. A tarefa urgente das massas revolucionárias é lutar por dividir o exército, por ganhar aos soldados rasos e destruir a casta de oficiais assassina das Forças Armadas continuidade do Estado sionista fascista de Israel. É que Egito é um dispositivo militar contrarevolucionário chave do imperialismo. Neste sentido não é o mesmo que Tunísia. As massas, para destruir o Estado, devem fazer ações mil vezes mais poderosas. Mas tudo se define em avançar para destruir a oficialidade genocida de Mubarak-Obama. A crise revolucionária sustenta-se no tempo porque a burguesia duvida, não está segura de lançar o exército para achatar as massas sem correr o risco que as massas terminem por partir ao exército e avançar em sua insurreição vitoriosa que termine por demolir o Estado burguês. É a casta de oficiais genocidas quem sustenta hoje a Mubarak no poder. É que justamente a oficialidade, como pilar do Estado, garante o resguardo do conjunto da propriedade imperialista e da burguesia nativa.

O imperialismo até o momento sustenta unificada a casta de oficiais. Isso é o que mantém Mubarak no poder e o que lhe dá tempo ao conjunto da burguesia e o imperialismo para fazer atuar à "frente democrática", para que desgaste e adormeça as massas, para que depois a casta de oficiais das Forças Armadas conquiste as condições para um esmagamento contrarevolucionário.

Esta situação, de indecisão da burguesia por um lado e das massas sem poder romper o exército pelo outro, gera maior tensão e prepara choques mais agudos entre revolução e contrarevolução. Isto reafirma que a chave está na divisão do exército. A burguesia isto sabe perfeitamente e, por isso, saem seus agentes como El-Baradei a dizer que é urgente uma intervenção militar, supostamente para evitar um "banho de sangue". A burguesia duvida, mas se as massas não rompem com a política pacifista de suas direções e avançam em destruir ao exército, será o imperialismo quem conquistará as condições para derrotar a revolução.

As massas cada vez compreendem mais que sem as armas não há nenhuma possibilidade de democracia, nem sequer de desmantelar até o final o regime autocrático de Mubarak. Mais cedo que tarde compreenderão -e esperemos que não seja tarde demais- que não há democracia burguesa, nem sequer Assembléia Constituinte soberana, sem derrotar à casta de oficiais assassina do exército do Egito, servente do imperialismo. E que não terá pão, nem liberdade nem trabalho, sem as armas e o desarmamento da burguesia.

Os renegados do trotskismo chamam a uma Assembléia Constituinte sem destruir à casta de oficiais das Forças Armadas, isto é uma política que termina por dar-lhe tempo à burguesia para reorganizar sua estratégia para derrotar a revolução. O próprio imperialismo francês e sua V República imperialista, massacradora dos povos da África, com seu porta-voz Sarkozy, sai a dizer que no Egito que "se precisa é ganhar tempo para formar instituições firmes que garantam a democracia". Sabem muito bem que a burguesia internacional no Egito está jogando o tudo por tudo e exigem tempo para que atue a "frente democrática" enquanto fortalecem a oficialidade para achatar a revolução. Em última instância a política pacifista dos reformistas e renegados do trotskismo é funcional a este plano burguês.

Da lixeira da história reaparecem teorias e programas já velhos, derrotados pelo bolchevismo, que reeditam velhas charlataneias do menchevismo e o stalinismo, e que hoje repetem muito alegremente os renegados do trotskismo, destruidores da IV Internacional.

"Que a classe operária e as massas exploradas não se façam do poder". Estão-lhes dizendo "Que as massas vão votar um só dia a todas as escolas do Egito para resolver seus problemas". Não querem que as massas terminem de completar sua ofensiva revolucionária, partam à base do exército, termine de armar-se a milícia operária com as armas que lhe arrebatam à polícia e ponham em pé os conselhos operários que se façam do poder.

O Fórum Social Mundial, os desfeitos do stalinismo, os sociais imperialistas e renegados do trotskismo variados, sacaram-se as máscaras. Sua consigna é: "a classe operária em estado de insurreição não pode nem merece tomar-se do poder, e só merece e pode fazê-lo a burguesia"... com todas suas instituições em crises!!!

Ante isto, só fica para as massas dividir o exército e ganhar os soldados rasos para dar a estocada final ao regime infame colonial de Mubarak, sob o comando de Obama.

Basta de Mentiras! Os que estão em crises são os de acima. Os de abaixo já não querem, e já conquistaram as condições para varrer ao regime burguês e sua banda de homens armados, e arrincoar até a expropriação aos parasitas imperialistas.

Com a heróica insurreição das massas do Egito e da Tunísia caem as máscaras, as falácias e se despem as traições das direções reformistas, da aristocracia e burocracia operária, penduradas nas saias da burguesia.

Aqui levantaram-se novamente duas barricadas na luta de classes mundial: o reformismo e a revolução. Ou submeter a heróicas revoluções à burguesia, que as expropria ou as massacra; ou lutar por tomar o poder, pondo em pé partidos revolucionários, que sejam a pluma que permita em momentos decisivos, como estes de esvaziamento do poder, de crise fenomenal dos de acima, defina a balança em favor da classe operária, ganhando às massas para que o soldado, junto à milícia operária, faça que o tanque presente na praça aponte seus canhões ao palácio de Mubarak.

É neste combate onde se joga o destino do pão para os explorados que choca de frente com a propriedade dos exploradores. A questão central é que classe seja dona do poder.

As massas com suas barricadas incendeiam El Cairo

AS GALIMATIAS DO REFORMISMO

Digamo-lo de uma vez. Em 1989, quando o stalinismo entregava os Estados operários ao capitalismo, os reformistas falavam de "revolução democrática contra a burocracia", enquanto esta se levava todos os rublos em malas ao Citibank e à banca de Londres; e o partido assassino dos "mandarins vermelhos" da China entregavam ao capitalismo como uma grande maquila gigante aos milhões de operários chineses.

Isso era uma suposta "revolução democrática", e não o triunfo de uma contrarevolução que massacrou com guerras contrarevolucionárias como nos Balcanes, impondo regimes bonapartistas contrarevolucionários

como os de Putin – comparado com ele, Mubarak é um exemplo de democrata -, com os mandarins chineses massacrando a milhões de estudantes e operários em Tiananmen. Agora, quando se levanta a classe operária e as massas da Tunísia e do Egito ameaçam em destruir o Estado e as bandas de homens armados do grande capital e, em sua dinâmica e por seus métodos de luta, propõem a expropriação da burguesia e a tomada do poder pela classe operária, também a chamam "revolução democrática".

A burguesia procura uma cor ou um nome de uma flor para chamar a estas revoluções e enganar assim melhor as massas. Quanto mais os ideólogos da burguesia discutem que nome lhe põem a revolução…mais assustados estão. Não a controlam. Perderam o domínio do submetimento das massas. A incerteza é deles. Por isso não há nem flor nem fruta que lhe atinja para definir-la. Só o farão quando a estrangulem.
Todos os dirigentes do Fórum Social Mundial e os porta-vozes e teóricos da "revolução democrática" desmascaram-se como farsantes, pois todos sustentam à burocracia restauracionista castrista, que aplica planos de fome, demissões, sobre a classe operária cubana, como o faz Mubarak, ou o fazia Ben Alí, ou hoje faz Evo Morales.
Não será que o que há são contrarevoluções ou reações democráticas, que estão só para expropriar a revolução proletária, e que, como o fascismo ou o bonapartismo, não são mais do que diferentes instituições e agentes que utiliza a burguesia para manter-se no poder?
Na assim chamada V Internacional está Hu Jintao, que patrocina junto aos irmãos Castro, as "frentes democráticas" de esquerda que sustentam a Obama e quanta frente de colaboração de classes há no planeta.
Eles administram a maquila na China, que é um verdadeiro campo de concentração de centenas de milhões de operários.
Todas essas forças foram rejuntadas para salvar ao capitalismo em bancarrota, já seja aplicando os piores planos bonapartistas e contrarevolucionários contra as massas em nome do "socialismo" ou o "socialismo de mercado"; ou bem, em nome da "revolução democrática", para expropriar aos operários sua revolução.
Os sustentadores por esquerda deste engendro da V Internacional são os renegados do trotskismo, que ficam ao nu, porque nem sequer levantam um programa democrático conseqüente até o final. Seus partidos "anticapitalistas" que não atacam ao capitalismo, de "democratas radicais", nem sequer propõem a consigna de: "cada homem um fuzil", como era a consigna da revolução democrática burguesa da França dirigida por Robespierre em 1789.
Isto significa que os mentores da suposta "revolução democrática" chamam a fazê-la e a que esta triunfe sem derrotar aos milicos, à polícia secreta e assassina de Mubarak, e à casta de oficiais assassina do exército do Egito, sócia e extensão das tropas de ocupação ianques no Iraque e sustentadoras do Estado sionista contrarevolucionário de Israel.
Vamos demonstrar que não só nem socialistas revolucionários, senão que nem sequer são democratas conseqüentes em sua "revolução democrática", e tão só são serventes do capital. Estes "democratas" nem sequer lhe chegam ao calcanhar a Robespierre, que garantiu o funcionamento democrático da Assembléia Nacional na França com o degolamento de todos os príncipes e nobres na guilhotina

E seguem procurando um nome a estas revoluções que começaram. Há que lhes responder como o servente a Luis XVI na revolução burguesa na França, que lhe perguntava "É uma revolta, sire? Não, é a revolução" e a cabeça do rei caía pela guilhotina. E hoje, quando vivemos a época de putrefação e agonia mortal do capitalismo, há que lhes dizer a seus sustentadores o mesmo: "é uma revolução democrática, sire?" "não, é a revolução proletária", que deverá mandar à guilhotina a Mubarak, estendendo-se a Europa e aos EUA deverá mandar à forca e pôr numa pica as cabeças da monarquia inglesa, espanhola e ao maior contrarevolucionário do planeta: dom Obama e todo seu sustento contrarevolucionário do Pentágono e o partido dos "Republicratas", todos sob o comando do capital financeiro internacional e os parasitas imperialistas.

OS OPERÁRIOS REVOLUCIONÁRIOS DEVEM SEGUIR DIA A DIA AOS ACONTECIMENTOS INTERNACIONAIS DE SUA CLASSE E FORMAR-SE SOB O FOGO MESMO DA REVOLUÇÃO.

Neste Organizador Operário Internacional vamos apresentar as diferentes cartas com as quais os trotskistas internacionalistas debatemos e discutimos quais são as condições da vitória; quais são as tarefas e a preparação dos revolucionários que, aprendendo dos combates das massas, conquistem o conhecimento da insurreição como arte; que prepare quadros internacionalistas que possam dirigir a única tarefa nacional de um partido revolucionário, que é a tomada do poder, centralizado sob as bandeiras de uma organização revolucionária a nível mundial.
Apresentamos então a correspondência ao dia de nossa fração internacional, onde damos conta das tarefas e o programa frente ao enorme processo revolucionário que está em curso.
Desde a FLTI afirmamos que estamos ante um novo momento histórico na luta de classes a nível mundial que começou em 2007. Este se iniciou com o derrube e a bancarrota do capital financeiro. A bancarrota desta empurra às massas a grandes flagelos e sacrifícios; e esta se salva a si mesmo recrutando direções compradas para que parem e traiam a ofensiva de massas, para que a dispersem e a desarticulem. Assim consegue manter-se e, por momentos, sair de sua crise, fazendo-lhe pagar todo o preço desta às massas.
É que o capitalismo não se cai nem se cairá só. Revoluções como a do Egito e da Tunísia demonstram qual é o caminho para derrubá-lo.
Dia a dia o reformismo faz um verdadeiro *strip tease* ante as massas. Iniciou-se um período histórico de contra-reformismo. Agonizou-se a época de crise, guerras e revoluções.

As massas revolucionárias na Tunísia desarmam à polícia

Isto não deixa viver em paz aos enfermeiros do capitalismo.
Um novo reagrupamento de forças revolucionárias internacionalistas, que estejam por reagrupar as filas da classe operária, sincronizar seu combate, preparar e organizar revoluções socialistas triunfantes e estendê-las a nível internacional se voltou uma necessidade bem mais do que peremptória: imediata.
Só sob as bandeiras da IV Internacional e o legado de seu congresso de fundação de 1938, e procurando continuidade revolucionária com ele, poderá o movimento marxista reagrupar suas forças e marchar a refundar a IV Internacional.
Cada processo revolucionário nos dá mil e uma oportunidades. Os fundadores da IV Internacional viam e preparavam o movimento revolucionário nos anos 40 para todo um período de guerras, revoluções e contrarevoluções. Esse período histórico se tem exacerbado. O rastro da revolução segue seu curso, além de que dezenas destas revoluções foram desviadas,

cercadas, traídas por responsabilidade de sua direção. Mas o fazem a um custo altíssimo. Aqui e lá as massas devem retroceder pela traição de sua direção. Por momentos, o capitalismo respira aliviado quando a maré revolucionária afrouxa e, por momentos, treme quando novas investidas das massas o põem em questão.
Este período histórico se abriu com Obama, o sionismo e sua operação "Chumbo Fundido", que massacrou a sangue e fogo às massas palestinas, enquanto as direções traidoras cercavam os processos revolucionários da América Latina e submetiam à classe operária norte-americana a Obama.
Mas a esta ofensiva contrarevolucionária lhe respondeu com o que poderíamos chamar a "Operação Punho de Aço" que, com uma corrente de revoluções, tentou aqui e lá apresentar batalha, nas piores condições que lhe impôs a crise de direção.
O capitalismo em bancarrota sobrevive exacerbando seu parasitismo, graças à tardança da revolução proletária. Se esta não chega a tempo, o capitalismo sairá de sua crise com novas guerras e fascismo.
A alternativa é de ferro. Comunismo ou fascismo. Socialismo ou barbárie. Este é o apotegma do marxismo revolucionário desta época imperialista. De um lado, os enfermeiros do capitalismo. Do outro, seus sepultureiros.

Então neste material de elaboração, reflexão, apresentamos –e nossos leitores poderão ver atenciosamente- as primeiras declarações que o 25/1 e o 7/2 sobre Tunísia e Egito editadas pelos membros do Secretariado Africano da FLTI, que foram tomadas como própria por toda nossa corrente internacional.
Apresentamos também o chamamento e o programa com o qual a LOI-CI de Argentina que convocou e foi parte ativa de mobilizações em solidariedade com a revolução da classe operária da Tunísia e do Egito.
Também publicamos o panfleto da LTI da Bolívia, chamando a unir o combate no terreno internacional da classe operária da Bolívia, Tunísia e Egito contra o mesmo inimigo: o imperialismo e seus governos, já sejam chamados "nativos" ou "indigenistas" ou "progressistas" ou "autocráticos" e contrarevolucionários", que aplicam os mesmos planos de fome, demissões e miséria, como diferentes agentes do mesmo patrão do sistema capitalista mundial.
Apresentamos as cartas do SCI da FLTI a todos seus militantes e grupos, dando conta dos acontecimentos ao dia da revolução na Tunísia, no Egito e a nível internacional. Muitas destas cartas foram escritas e depois precisadas ao calor dos acontecimentos. Numerosos aportes de todos os militantes da nossa corrente e seus grupos foram regulando a mira para conquistar um programa para a revolução socialista, isto é, as condições da vitória.
Nossa elaboração para conquistar o programa marxista, ante enormes eventos e acontecimentos, não ficarão guardados em nenhum *pendrive*, arquivo ou delicadas escrivaninhas, senão que são, e propomos que sejam, um instrumento de combate para colaborar em formar revolucionários que pensem com sua própria cabeça, procurando entre todos, e conquistando, um programa para a revolução socialista.
Editamos assim então uma carta do 2/2, que define com precisão o caráter da revolução que começou no Egito, na Tunísia, do combate pela tomada do poder, as tarefas internacionais da revolução e as tarefas internacionais do proletariado mundial.
Assim mesmo, publicamos uma carta do 3/2, escrita no mesmo dia em que se produzia o rendimento à "praça da libertação" de hordas contrarevolucionárias, às que os tanques do exército "neutro" davam passos para achatar as massas insurrectas; e depois cercavam às massas para que estas não terminem de justiçar e achatar essa intentona semi-fascista contrarevolucionária.
Na mesma estabelecemos a relação entre a política contrarevolucionária e as tarefas das direções pequenas burguesas e burguesas montadas nas massas, que tentam desarmar as massas com os cantos de sereia da "luta pacífica e democrática"… quando o grande capital e o imperialismo arma aos lumpens, a polícias sem uniforme, a agentes pagos do aparelho burocrático para massacrar as massas
Publicamos uma carta do 4/2 que dá conta de que apesar e na contramão de golpes e putchs contrarevolucionários, apesar de que as correntes burguesas e pequenoburguesas se montaram na mobilização, apesar e na contramão das conspirações a costas das massas de movimentos como o da Irmandade Muçulmana, "6 de abril", igrejas variadas e cibernéticos enfurecidos, as massas empurram a mais e mais setores ao combate.

Quando fechamos esta apresentação, o pacifismo da "frente democrática" faz água. Massas revolucionárias já estão queimando o quartel geral da polícia no Cairo. Aparecem e entram em cena os verdadeiros heróis desta revolução: os que puseram seus mortos, os que se tomaram as delegacias, os que começavam a imolar-se como Mohammed Bouazizi da Tunísia, a classe operária com suas legiões de desempregados ganham as ruas, tomam-se as petroleiras como em Suez.
Um novo empuxo e uma nova onda expansiva de operários e explorados percorrem o Nilo profundo. O faraó, o verdadeiro faraó que é Obama e o imperialismo que submete a Egito vê perigar sua cabeça no cume das pirâmides. As de seus sócios e agentes diretos estão por rodar.
Uma nova mareia revolucionária vem da Tunísia, como o anunciamos na carta do 8/2. Enfrenta-se já ao governo que em semanas tentou expropriar, com uma roupagem "democrática", a revolução dos operários e camponeses pobres.
Passam os dias. As revoluções se aprofundam. Os verdadeiros atores ocupam seu lugar. Há que dizer-lhe a verdade a toda a classe operária mundial, e isto tentamos fazer em toda a correspondência internacional que aqui apresentamos: o que começou é uma fenomenal e extraordinária revolução operária e socialista, que avança o que não pôde avançar o levantamento da classe operária européia contra o ataque dos monopólios e governos imperialistas.
A luta econômica contra os capitalistas e seu governo elevaram a luta política pelo poder. O esvaziamento do poder e a crise revolucionária estão abertos no Egito como o esteve ontem na Tunísia. Esta situação não pode durar muito tempo mais. Ou se engana e se expropria a revolução, como tentou o imperialismo e a burguesia na Tunísia, apoiados na burocracia dos sindicatos e as direções reformistas das massas, às quais agora estas se enfrentam; ou bem se preparam contra as massas revolucionárias do Egito novos massacres contrarevolucionários que lhe permitam à burguesia retomar o controle de seu Estado e o poder. As massas no Egito começam a compreender cada vez mais do que o exército, pretensamente "neutro", e sua casta de oficiais se abria para dar-lhe passo às bandas fascistas para tentar massacrar as massas, e as resguardava quando as massas as faziam retroceder.
O soldado raso piscava o olho ao combatente do proletariado da revolução. Enquanto, o general e o oficial sustentavam e protegiam às bandas contrarevolucionárias de Mubarak e Obama. Esta é a grande tarefa pendente. Partir esse exército, pôr em pé os comitês de soldados para que a revolução

Os explorados no Egito enfrentam à polícia assassina de Mubarak

se ponha de pé, e preparar as condições da vitória.
Insistimos, este período de esvaziamento de poder não será muito longo. Se a classe operária não se faz do poder, a crise revolucionária fechará a burguesia, com a “frente democrática” isolando e desgastando as mobilizações das massas, impondo um governo “de transição”, ou inclusive com ações contrarevolucionárias e com progroms semi-fascistas como no Quirguistão, com massacres em praças que ficam isoladas depois de desgastar as enormes energias das massas, como faz meses atrás na Tailândia ou na Tiananmen em 89.

Uma corrida entre revolução e contrarevolução, entre o crash e bancarrota do capitalismo, e a resposta de massas, começou. Esta questão do poder não se define num só país. O processo da revolução e contrarevolução se definem no combate internacional do proletariado, em devolver-lhe a este uma direção que se mereça e que esteja à altura do combate que está dando.
Os reformistas não vão poder viver em paz. Os “anticapitalistas” que não combatem o capitalismo, cada vez se demonstram mais como enfermeiros do capitalismo. Os que falam de socialismo e a revolução nos dias de festa, na revolução mesma pregam o “triunfo da democracia” e a burguesia.
As massas avançam em processos revolucionários a pôr em pé organizações de combate, de alto-organização e armamento. A classe operária européia, com o mesmo padecimento que as massas do Oriente Médio e o norte de África, deverão, e o estão fazendo já, tirar conclusões de como avançar na luta por pão e trabalho, enfrentando abertamente aos regimes e estados das potências imperialistas. É que, para que a classe operária européia volte a dar uma luta minimamente séria, a demanda pelo pão não pode ser outra que “Fora Papandreau! Abaixo a V República! Fora Merkel, a rainha de Inglaterra e essa gruta de bandidos do parlamento europeu e os parasitas de Maastricht!”
Os operários argelinos, tunisianos, egípcios, da África e Oriente Médio na Europa são os que farão acender essa chispa na classe operária européia.
A classe operária boliviana ameaça com ser a chispa, como Tunísia, para voltar a incendiar a luta antiimperialista e contra a fome das massas da América Latina. Os combates do norte da África, mais cedo ou mais tarde, vão-se a irradiar às martirizadas massas do resto do continente, reprimidas e submetidas por brutais governos contrarevolucionários, agentes das diferentes potências imperialistas já sejam anglo ianque, francesa, ou alemã.

Insistimos, nestas condições o reformismo já começou a boquear como peixe fora da água. Agoniza-se a crise de direção revolucionária, mas também a crise do reformismo e sua bancarrota.
O movimento revolucionário internacional tem e terá mil e uma oportunidades.
Toda a esquerda “socialista” dos EUA, servente do Obama, submeteu o melhor da classe operária norte-americana e seu combate antiimperialista aos pés do “democrático” Obama contra o “fascista” Tea Party da ultra-direita norte-americana, já não pode explicar sua política de sustentar por esquerda o democrático Obama. Já ficou claro que este é como ou pior do que Bush, já que sustenta aos governos contrarevolucionários autocráticos bonapartistas, assassinos, semi-fascistas, com os quais o imperialismo controla 90% do planeta, no mundo colonial e semicolonial, nações as que saqueiam super explorando a limites extremos à classe operária.
Cada vez que o imperialismo avança neste objetivo, pior trata à classe operária de seu país imperialista. Assim, o imperialismo corta a cada passo a rama em onde está sentado, e se cuida muito bem de que a rama seja sustentado pela aristocracia e a burocracia operária.
Os operários norte-americanos se perguntarão - e o devem fazer - “Que faz meu governo decidindo sobre outro país?” “Que fazem minhas tropas que ainda seguem massacrando no Iraque e no Afeganistão?” A chispa deve aparecer-se já na classe operária dos países imperialistas. O inimigo está em casa! Os parasitas do capital financeiro dirigem, com poses e agentes “democráticos” ou ditatoriais, a todos os governos contrarevolucionários que massacram e submetem à classe operária mundial.
A “democracia” que expandem as pandilhas imperialistas no mundo não é mais do que governos baseados em genocídios, em ocupação, como o do protetorado do Iraque e Afeganistão; ou bem, a nova autocracia chinesa ou de Putin na Rússia, na África ensangüentada e martirizada sob a bota de terríveis governos bonapartistas.
Os operários bolivianos enfrentam às burguesias “progressistas” e “bolivarianas”, e são a vanguarda contra a carestia da vida e pelo pão em toda a América Latina. Na Bolívia vimos muito bem este acionar dos agentes do imperialismo para frear a revolução. Com o chamado “frente popular” de colaboração de classes de Morales, impôs-se um governo que salvou os interesses do imperialismo e toda a burguesia nativa boliviana, desgastando as forças da revolução
O agente fascista do imperialismo deu um golpe contrarevolucionário na Média Lua e, logo depois ambos, os “democratas” e os fascistas, com o auspicio da OEA imperialista, votaram em comum uma Assembléia Constituinte, que fechou a crise revolucionária nas alturas deixou submetida Bolívia ao imperialismo igual ou pior do que sob o regime da rosca, e aos operários famintos, sofrendo planos de ajuste iguais ou pior do que os de Mubarak.
O que soa já, ante a bancarrota do capitalismo, é a necessidade da revolução socialista.
Por isso não podemos menos do que afirmar que desde o 4/1 que morreu Mohammed Bouazizi e começou as ações das massas tunisianas, e se propagou ao Oriente Médio, o que estamos vendo são semanas e dias de revolução que estão comovendo ao mundo.
Como poderão ver nossos leitores, nosso objetivo não é outro que o de, tirando lições revolucionárias, preparar quadros que, intervindo na revolução mesma, possam propor-se já a enorme tarefa de pôr em pé um novo reagrupamento das forças revolucionárias internacionalistas da classe operária mundial. Já não há tempo que perder. O combate revolucionário das massas ainda nos dá tempo.

As massas estão iniciando revoluções. A situação é como a que propunha Trotsky em seu trabalho de 1928 *“Stalin, o grande organizador de derrotas”: “Não se trata de que estamos numa época em que se pode tomar o poder em todos os lados o mesmo dia. Essa não é a situação e seria impossível que assim o fosse. Estamos num momento de agoniação da época de crise, guerras e revoluções, que significa, nem mais nem menos, que por momentos pareceria ser que ‘não acontece nada’, diria o impressionista, mas de repente, pelas condições internacionais, aqui e lá se lhe apresenta ao proletariado a necessidade de fazer-se do poder.”*

Uma direção preparada para isso é o que se precisa. Só se formará na revolução.
As direções traidoras tentam desorganizar o que as massas construíram com sua luta e seus heróicos combates. Tentam impedir a todo custo que a revolução no Egito e na Tunísia não suba cada dia um degrau a mais, jogue a Mubarak e se faça do poder. Essa é sua função.
Mas, a sua vez, a função dos revolucionários é garantir que isto não seja assim. A isso estão voltadas todas nossas forças.

A crise de direção e a superabundância de direções traidoras se interpõem entre o marxismo revolucionário e as massas. Mas, como hoje demonstram Egito e Tunísia, são as massas revolucionárias as que, enfrentando ao reformismo, facilitam-lhe o trabalho ao movimento revolucionário para chegar a tempo a elas.

Não há tempo que perder.
Revolucionários a seus assuntos!

SCI da FLTI
10/2/2011.

Apresentamos a seguir a declaração escrita o 07/02/2011 por nosso Secretariado Africano, que fora adotada por toda a Fração Leninista Trotskista Internacional.

A revolução egípcia, A chispa para a revolução mundial!

As massas egípcias ganham as ruas ao grito de "Fora Mubarak!"

Para conseguir pão, trabalho e liberdade as massas empobrecidas devem de tomar o poder em suas próprias mãos!

Pão, trabalho e liberdade são as demandas centrais das massas de todo mundo as massas da Tunísia e Egito (e agora as de Jordânia e Iêmen) estão começando a mostrar o caminho de como brigar por isto, principalmente mediante a ação revolucionária das massas contra os brutais regimes anti operários que são títeres do imperialismo. O ataque fascista com parasitas armados do estado o 2 de Fevereiro do 2011 mostrou que as massas precisam ter auto defesa armada e precisa romper seu pacifismo. O pacifismo foi cuidadosamente proposto de diferentes ângulos pelo imperialismo. Pôr em pé milícia operária armada como extensão dos comitês populares de base é uma tarefa imediata. Isto requer um chamado direto imediato à base dos soldados para romper com a casta de oficiais do regime de Mubarak-Obama, e para eles ir-se do lado da revolução.

Ainda mais, a tarefa imediata da revolução é pôr em pé soviet, isto é, comitês de luta com delegados operários principalmente (mas não limitado a isso) das fábricas têxteis, gás e petróleo, hidrocarbonetos, metal e armamento, das grandes granjas capitalistas, incluindo delegados dos soldados de base, delegados dos desempregados, estudantes e setores arruinados da classe média baixa e os camponeses pobres (nas áreas rurais). Trabalhadores de cada lugar de trabalho em luta deve enviar delegados a estes soviets. A milícia operária, comitês operários de auto defesa, devem de ser parte desses soviets contra o brutal regime assassino. É que o regime de Mubarak (com as instruções do imperialismo - eles usam a mesma tática que na Tunísia -) foi responsável de enviar vermes a atacar o museu Antigo e atacar as casas de alguns da classe média. Isto foi uma tentativa de sacar o apoio da classe média baixa à revolução. As massas têm já posto em pé os "comitês revolucionários populares". Estes comitês são de estruturas de tipo pré-soviético que precisam ser fortalecidos e estendidos em toda a linha explicada mais acima, os quais devem ser centrados em delegados operários. Cada esforço deve ser feito para brigar pela dominação da classe média. Isto pode ser feito com a adoção de um programa revolucionário.

Comida: grandes monopólios como a Cargill, Du Pont, Monsanto e os bancos norte-americanos, ingleses, alemães, franceses e japoneses compraram milhões de toneladas de mercadorias do mundo: trigo, soja, milho e outros produtos básicos. Assim, eles mantêm o açambarcado para criar um ajuste (desabastecimento) artificial para incrementar os preços. Eles estão deliberadamente esfomeando não só às massas do Norte da África e do Oriente Médio mas também as massas do mundo. Ao mesmo tempo, os governos ianques, alemães e franceses lhe pagam a muito dos granjeiros locais por NÃO produzir - este é outro mecanismo para que artificialmente exista desabastecimento. Há suficiente comida para alimentar ao mundo muitas vezes mais em todas partes os grandes bancos dos Estados Unidos, França, Alemanha mantêm às massas com fome. O custo real do barril de petróleo está cerca dos 4 dólares por barril mas, os mesmos grandes bancos do mundo controlam o petróleo do mundo e fazem super lucros com o preço mundial de petróleo inflado. BP, Exxon,Total, Shell, Texaco tiram o nível mais alto de lucros do que eles nunca fizeram em sua história.

Os regimes capitalistas do mundo atuam em nome dos grandes monopólios que mantêm às massas com fome, sem levantar um só dedo contra os altos preços da comida e achatando qualquer revolta das massas simplesmente para comer. A última fase da crise capitalista mundial esta baseada nas forças da fome e temporã morte de milhões no mundo a uma grande escala nunca antes vista. A revolução na Tunísia e no Egito é uma resposta das massas a um maior desespero e fome causada pelos altos preços dos alimentos e o alto desemprego crônico causado pelo imperialismo-capitalista mundial.

A produção de comida local foi colapsada ou feita dependente sobre as importações das empresas de comidas imperialistas. No Egito há cerca de 6000 granjas capitalistas (muitas relacionadas à ditadura de Mubarak e as empresas imperialistas) que produzem grande parte da comida local, enquanto 3 milhões de pequenas granjas (felayin) produzem para sua própria subsistência e estão forçados a procurar trabalho nas áreas urbanas para sobreviver. As empresas norte-americanas são as principais provedoras para Egito em produtos de trigo, milho e soja a um preço muito inflado (elevado N de T).

Trabalho: Outro mecanismo que os grandes bancos norte-americanos e outros usam para incrementar seus lucros é reduzindo o número de operários. Faz 2 anos cerca de 100 milhões de operários do mundo foram demitidos. Os operários que ficam estão obrigados a trabalhar como semi escravos, tendo seus salários e pensões recortados. Milhões de operários imigrantes na Europa e Estados Unidos foram demitidos e enviados a casa para morrer-se de fome. Já faz tempo que puseram em pé prisões especiais para prender e torturar operários imigrantes e jogar fora a quem sobra. Há pelo menos 10% de desemprego (provavelmente mais do que 20%) nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha. Em

nenhuma parte do mundo capitalista eles puderam resolver a questão do desemprego. Cada ano, mais e mais são deixados como desempregados permanentes. Em todas partes, a percentagem de desempregados entre os jovens operários e a classe média baixa aumenta duplicando (se não é que triplica) a média da taxa de desemprego. A juventude não tem futuro sob o capitalismo. A imolação do tunisiano Mohamed Bouazizi, desempregado graduado de 27 anos, é o grito da juventude mundial.

O imperialismo norte-americano tem um acordo com o regime egípcio das "zonas industriais qualificadas" (maquilas onde os operários são super explorados e são brutalmente reprimidos) que são livres de impostos sobre a condição que um mínimo de 10,5% dos rendimentos de todos os bens que produzem vem de Israel. Isto mostra que a classe capitalista e a classe média alta egípcia não estão atadas ao regime de Mubarak mas são completamente dependentes do imperialismo ianque. O regime de Mubarak e a classe capitalista egípcia vive como parasito do semi-escravismo das massas egípcias e palestinas. Os capitalistas egípcios lhe dão cimento ao regime israelense para os muros e os postos de controle que mantêm aos palestinos em campos de concentração.

Não é um acidente que Egito se manteve como produtor têxtil, exportador de gás, eletricidade e um destino turístico. Toda a África, todas as colônias e semi colônias em todo mundo foram mantidas como exportadores de colheita, matéria prima sem processar e destinos turísticas para os centros imperialistas. O desemprego em massa crônico é uma característica estrutural do capitalismo em todas as semi-colônias e colônias em todo o mundo. Por desenho (plano capitalista, NdT) os trabalhos menos qualificados estão concentrados nas semi-colônias como um meio de controle social e econômico do imperialismo.

Liberdade: a ditadura de Mubarak foi o líder da OAU (Organização da Unidade Africana) e da AU (União Africana) o que mostra que essas organizações estão aí para assegurar ao imperialismo o controle sobre as massas da África. A supressão brutal dos trabalhadores independentes auto organizados é um selo do controle imperialista na África. As ditaduras militares e as republicas bonapartistas são freqüentemente sustentadas diretamente e indiretamente pelos partidos comunistas stalinistas ou fragmentos destes. Os PCs da Tunísia e do Egito e seus fragmentos têm abertamente colaborado com as ditaduras militares contra as massas, especialmente através de sua direção burocrática dos sindicatos.

As empresas imperialistas florescem sob o brutal papel de Mubarak e seus predecessores e têm muitos interesses que manter, senão é ao mesmo ditador, portanto a ditadura sem Mubarak (fazendo só concessões superficiais para enganar às massas). As reservas de gás foram entregadas por preços muito baixos pelas companhias imperialistas como Apache Oil, da qual Egito exporta gás aos Estados Unidos, a União Européia e a Israel. Enquanto o gás e a eletricidade barata são exportadas, o imperialismo ianque quer importar gás (a um preço alto) para fazer turbinas de gás para a eletricidade no Egito. A sexta-feira 28 de janeiro do 2011, logo depois da terça-feira 25 de janeiro as revoltas generalizadas começaram, o exército foi imediatamente mandado a proteger Apache Oil e o canal de Suez. A casta de oficiais está claramente sob o controle direto do imperialismo. Apesar disto Al Jazeera, El Baradei, a Irmandade Muçulmana e algumas das forças de "esquerda" ainda mostram ao exército como um bloco uniforme que apóia às massas.

Um dos bancos maiores é o banco Americano Egípcio (o qual é mais americano do que egípcio em termos do real controle). O banco Deutsche, Credit Lyonnaise, Paribas, Chase Manhattan todos operam no Egito, tendo controle sobre a economia egípcia. Estes bancos imperialistas todos fizeram super lucros nestes anos em base à classe operária egípcia. Estes bancos, a companhia Apache Oil e outras companhias capitalistas todas dependem de sua alta taxa de exploração e grande extração de lucros mediante a ditadura militar. A classe média alta se desenvolveu como um resultado da brutal exploração e são a agência principal mediante a qual o imperialismo ianque continua com controle sobre a economia egípcia. A classe média alta e capitalista egípcias estão assim atados ao regime ditatorial. Para permitir liberdades democráticas como a liberdade a organizar sindicatos, liberdade a reunir-se em suas próprias organizações políticas, liberdade de expressão, democracia direta com o direito a revogar ao instante, imediatamente desafiaria as mesmas bases da exploração capitalista no Egito e desafiaria o controle do imperialismo.

Quando um governo da frente popular ganhou as eleições no Chile em 1972, eles se recusaram inclusive a mudar a direção da força armada, chamando ao "democrático" General Pinochet. Quando os operários começaram a tomar-se as minas de cobre, Pepsi e Chase Manhattan se juntaram para planejar derrubar ao governo. Em 1973 eles lançaram um golpe militar com Pinochet à cabeça, apoiado pelo imperialismo ianque o tempo todo. Milhares de ativistas e dirigentes operários foram cercados e matados. Há muitos exemplos em todo mundo do imperialismo ianque sustentando as ditaduras anti operárias mais brutais - Israel, China e Arábia Saudita são só 3 exemplos disto. Vejam como o imperialismo ianque defende seus "direitos" pára extrai lucros. Outros imperialismos não são menos sangrentos. Todos recordaram o milhão de pessoas mortas pelo imperialismo francês na Argélia em 1956 quando as massas se estavam levantando contra o controle imperialista.

O imperialismo ianque lhe dá uns 1.3 bilhões de dólares à ditadura, portanto sustentou esse governo brutal por muitos anos. Realmente pode o regime de Obama ser tomado seriamente como que eles querem "democracia" para as massas egípcias onde a brutal tortura e assassinato de ativistas era algo que eles apoiaram por vários anos?

Uma assembléia Constituinte?

Com o imperialismo ianque (e outros imperialismos), a ditadura militar e a classe capitalista egípcia tendo tais interesses em manter a mesma relação de exploração, podem eles realmente dirigir o caminho para terminara com a ditadura por democracia?

É Suleiman, que era parte das conversas com a Autoridade Palestina que não lhe dava o direito ao regresso de 6-7 milhões de palestinos, realmente ser confiável para dirigir o processo pela "democracia"? Suleiman é um açougueiro, recrutado pela CIA; é quem supervisa a tortura de rendição dos prisioneiros da CIA, inclusive sendo parte pessoalmente na tortura de inocentes. Supervisou a tortura de prisioneiros que foram forçados a confessar que Saddam tinha armas químicas. O imperialismo norte-americano usou estas "confissões" como prova para justificar a invasão ao Iraque em 2003. As mãos de Suleiman estão manchadas com sangue de mais de um milhão de iraquianos. Com razão Hillary Clinton diz que ele é quem realmente está a cargo do Egito. Suleiman foi atribuído à tarefa (por parte do imperialismo norte-americano) de afogar a revolução egípcia em sangue. É em quem confia o imperialismo norte-americano para assegurar uma transição pacífica.

São El Baradei e a Irmandade Muçulmana, que vivem das migalhas que caem da mesa dos capitalistas, realmente confiáveis para dirigir este processo para terminar com a ditadura? A Irmandade Muçulmana se uniu às "negociações" com o regime açougueiro, inclusive chamaram ao assassino e massacrador Suleiman para que "dirija" este processo. Os dirigentes da Irmandade Muçulmana e todos os que estão legitimando as conversas com Suleiman e o regime de Mubarak se passaram ao campo da contrarevolução. Estão mostrando que lhe darão as costas à revolução e ajudarão a afogá-la em sangue. São confiáveis algum dos partidos da classe média e as classes capitalistas que estão no parlamento egípcio para terminar com a ditadura? Se a contrarevolução ganha terreno então podemos esperar que Al Jazeera e outros médios capitalistas sigam sem dizer nada dos campos de assassinatos, como mantiveram um longo silêncio sobre os 6 milhões

assassinados na RDC (Republica Democrática do Congo) enquanto o imperialismo norte-americano e outros saqueiam às massas e seus recursos.

O parlamento mais democrático capitalista deve de ser baseado em representantes direto das massas, livremente eleger seus próprios delegados, sem nenhuma condição de proteger aqueles que ganharam privilégios sob a ditadura como os capitalistas e imperialistas. Pode Obama, Suleiman, Shafiq, El Baradei, a Irmandade Muçulmana, ou qualquer general ou qualquer burocracia ou partidos capitalistas realmente permitir que as massas votem dessa forma para que possa sacar-lhe seus privilégios?

O imperialismo já deu sua resposta: o dia 2 de fevereiro de 2011 eles juntaram aos vermes e gangster de todo o país (muitos tinham sido liberados da prisão) e os impulsionaram para atacar as massas desarmadas na Praça Tahrir. Os generais do exército junto com El Baradei, o movimento 6 de Abril e junto com a Irmandade Muçulmana e as ONG financiadas pelo imperialismo e os movimentos sociais se uniram para desarmar a milhares de manifestantes. Os generais do exército instruíram aos soldados a desarmar as massas mas, quando os vermes atacaram eles instruíram aos soldados a não fazer nada. Em outras palavras, os de acima do exercito atuaram por aqueles com os mesmos interesse para tratar de dispersar às massas. Os generais estão com Mubarak, o imperialismo ianque, com os capitalistas egípcios. A base do exército precisa optar. Em muitos casos a base do exército já optou quando faz uns dias atrás eles dispararam à odiada polícia. Mas o imperialismo ianque e os generais trabalham dia e noite para assegurar o apoio da base do exército. Não é por acaso que 1.3 bilhões de dólares de apoio do imperialismo ianque cada ano é dado aos militares

O uso de resíduos da sociedade (marca deshumaniçada que venderiam a sua mãe por 1 dólar) é uma característica comum no mundo imperialista quando seus governos estão sendo aterrorizados pela revolução da classe operária. O imperialismo usou métodos fascistas na Espanha 1936, na França, na Grécia, na Bolívia em 2008, na África do Sul entre 1985-1994, na Cuba antes de 1959, na Argentina, no Brasil e em toda Sul América nos 70, nas Filipinas, na Indonésia, etc. etc.

O uso desses vermes não é único do Egito - é uma ferramenta comum que financia usos capitalistas contra as massas. O imperialismo ianque ordenou o uso desses vermes contra os manifestantes para achatar as aspirações democráticas das massas. Há alguma dúvida que o presidente israelense Peres e Wisner o ex enviado ianque, agora baseado no Egito, este chamando para que Mubarak fique! Que pode ser mais democrático que milhões querendo jogar fora ao ditador e imediatamente eleger uma nova direção? O imperialismo não pode permitir democracia. Eles querem manter a ditadura militar sobre as massas.

O reacionário papel de Al Jazeera

Al Jazeera foi formado pelos ex chefes da BBC. Eles o formaram quando a BBC e os meios mundiais se moviam agudamente para a direita, começando a ser mais conservadores. Assim, é verdade que os tele espectadores têm uma visão mais ampla dos eventos em Al Jazeera do que em outro meios principais como a CNN e Skynews. Esta visão mais ampla permite (ver, NdT) um pouco mais dos eventos nas bases de onde emergem e assim esta grande expressão democrática deve de ser defendida dos ataques do mundo imperialista. Isto não significa que Al Jazeera não é capitalista e que não esta unida a uma auto censura. Eles são capitalistas, eles seletivamente informam sobre as questões e eles se restringem a eles mesmos, só que menos do que os outros médios monopólios principais. Mediante a revolução tunisiana e egípcia (e outros eventos) eles promoveram o regime ianque de alguma forma como defensores da democracia. Durante os ataque por parte da polícia, dirigidos pelos vermes na Praça Tahrir o 2 de Fevereiro, os atacantes foram apresentados por Al Jazeera e outros médios capitalistas como os que “apoiavam a Mubarak” e a briga foi apresentada como sendo entre os que apóiam ao governo e os que estão contra. Durante as brigas de Al Jazeera deliberadamente encheram divisão entre as massas promovendo um mito que a gente agora “não sabia em quem confiar”. A participação das massas em subseqüentes demonstrações foi uma completa refutação do mito que Al Jazeera promovia. Seus jornalistas/repórteres marcharam com os vermes, obviamente vendo suas armas e eles não fizeram nenhuma tentativa de advertir às massas desarmadas na Praça Tahrir sobre isto.

Os fatos em Alexandria, Suez e Mahalla onde as massas eram bem mais militantes, foram minimizados. A classe operária em Mahalla tem uma história de brigar militantemente, de tomar as companhias têxteis e pô-las sob controle operário. Essa direção da classe operária de tomar os meios de produção está sem dúvida emergindo mas, Al Jazeera prefere promover as análises burguesas e suprimir a visão dos operários. Isso é censura da revolução e ajuda a desarmar politicamente às massas.
Obama chama à liberdade dos jornalistas de Al Jazeera como se o não sabe o papel valioso que joga em promover a visão capitalista. Os contínuos ataques sobre Al Jazeera mostra que quando o imperialismo os deseja, eles atuarão contra aqueles mesmos que são parcialmente democráticos.

A necessidade de um partido revolucionário da classe operária

O Fórum Social Mundial e seus movimentos sociais durante muitos anos impulsionaram o veneno “anti-partido”. Em outras palavras, eles se montam sobre o ódio legítimo das massas para todos os partidos capitalistas e sacam a conclusão de que a classe operária não precisa um partido. Esta visão também está influenciando às massas no Egito para não formar um partido revolucionário da classe operária. Mas quais são as bases de um partido revolucionário da classe operária? Seguramente é necessário que os ativistas da classe operária e quem os apóiam coordenem suas atividades a nível regional e nacional, tirando as lições dos combates de todo o país, sabendo que o estado assassino, suas forças de inteligência, o imperialismo norte-americano, os capitalistas egípcios estão todos alinhados contra eles. Seguramente é necessário tirar as lições de como o imperialismo achatou outras revoluções; tirar as lições de ali onde as revoluções puderam triunfar, apesar de ser por tempo limitado, do papel dirigente da classe operária organizada independentemente em sua própria alto-organização, de como o imperialismo está tratando de estrangular as revoluções tunisiana, jordaniana e Iemenita. Sem dúvida há que desenvolver um programa de demandas sobre as quais as massas se possam unir não só contra o regime senão também contra o sistema que sustenta a ditadura contra as massas egípcias. Seguramente se

Os oficiais assassinos defendem o prédio do canal de televisão de Mubarak

reconhecerá que os problemas das massas egípcias são similares aos das massas de todo o mundo. Uma rede bem entrelaçada de lutadores e ativistas a nível nacional e internacional, que realmente queira prover de uma direção e aprender todos os dias das massas, nada mais é do que um partido revolucionário da classe operária. A posta em pé de um partido revolucionário internacionalista da classe operária é uma pré-condição para o triunfo da revolução egípcia.

O imperialismo norte-americano, os movimentos sociais, Mubarak, o movimento 6 de abril, El Baradei, a Irmandade Muçulmana exploram a ausência de um partido revolucionário da classe operária e trabalharam para desarmar as marchas. Portanto, ainda que milhões saíram às ruas, a possibilidade de que a classe operária e as massas empobrecidas tomem o poder se excluiu desde o começo. As massas combativas foram reduzidas a mendigas, rogando-lhe ao imperialismo norte-americano que "por favor" tire a Mubarak. Tal é o resultado traidor da passividade forçada das massas.

O imperialismo tirou a lição da Tailândia, onde por vários meses, as massas tomaram o centro de Bangkok. O imperialismo simplesmente esperou a que as massas se cansem antes do que avance com a ofensiva para dispersar aos manifestantes numa sangrenta batalha.

Pão, trabalho e liberdade são as demandas centrais do momento

O partido revolucionário da classe operária deve estar centrado no seguinte programa: A proposta das demandas de pão, trabalho e liberdade são imediatamente locais e internacionais. Dar-lhe direção às massas egípcias, expondo que todas as forças capitalistas e das classes médias são incapazes de atingir estas e sentar as bases para que a classe operária tome o poder com meios revolucionários, não somente nas semi-colônias, como Egito, mas também no coração das terras imperialistas como Grécia, Reino Unido, França, Alemanha, Espanha, Portugal, Itália, EUA e Japão. Estas demandas também lhe dariam direção às massas de todo mundo, não somente na região, que para poder ter pão, trabalho e liberdade, a classe operária precisa tomar o poder por meios revolucionários.

Há que expandir os comitês populares para incluir aos delegados operários de todas as fábricas. Os soldados de base devem romper imediatamente com seus generais e a casta de oficiais assassina, eleger a seus próprios delegados e mandá-los aos comitês populares ampliados. Os desempregados, os estudantes, os camponeses pobres (fellayin) devem eleger seus delegados desde seus próprios conselhos. Os trabalhadores rurais devem eleger seus próprios conselhos. Todos os setores em luta devem enviar delegados a um conselho regional e nacional, que ponha em pé um governo provisório revolucionário, em oposição ao denominado governo de "unidade" dos fantoches imperialistas.

Socialismo internacional baseado no controle operário, não no socialismo nacional do tipo "nasserista"

O stalinismo impulsionou o socialismo nacional de um tipo especial para justificar que a classe média local tome o poder político, enquanto atuava como lacaia do imperialismo. Nasser foi simplesmente um capitalista africano, como Mugabe de Zimbábue que desfilam como "socialistas africanos". Levaram-se a cabo a nacionalização das têxteis, de Suez e de outras indústrias, mas estas indústrias foram colocadas ao serviço do imperialismo mundial. Em todas essas "nacionalizações" os operários não tinham controle de seus postos de trabalho e da produção. As exportações de algodão ainda eram vendidas aos capitalistas britânicos por nada, enquanto o canal de Suez se mantinha aberto para todos os carregamentos do imperialismo.

A classe operária egípcia, tomando controle de seus meios de produção, das granjas capitalistas, do gás, da eletricidade, dos bancos e outras firmas capitalistas, dá um importante passo adiante. Mas a melhor tecnologia, o desenvolvimento mais avançado, tudo isso reside nos centros imperialistas. Que a classe operária tome o poder no Egito seria um magnífico passo adiante, mas para atingir o socialismo se requer a revolução operária nos centros imperialistas, como EUA, Reino Unido, França, Alemanha e Japão. É, por esta razão, que a revolução tunisiana e egípcia não são revoluções "árabes" senão parte da luta mundial contra o capitalismo-imperialismo.

Por que deve brigar o programa do governo provisório revolucionário baseado nos comitês populares revolucionários ampliados?

1. O primeiro é chamar a derrocar a todo o regime de Mubarak, com a casta de oficiais e toda a burocracia que sustentou os ataques brutais contras as massas, a conta do imperialismo, durante todos estes anos. É importante ir além de somente "abaixo Mubarak". Abaixo todo governo interino do Baradei, os Irmãos Muçulmanos e os fragmentos do regime de Mubarak! Este "governo interino" é simplesmente outra cara para perpetuar o domínio do imperialismo norte-americano.
2. Precisamos levantar as demandas da Tunísia (e em realidade de toda a classe operária mundial) de pão trabalho e liberdade. Nacionalização da terra. Isto significa que os operários devem

2008. Os explorados palestinos da Gaza derribam o muro de Rafah

tomar as granjas capitalistas, pô-las sob controle dos operários agrícolas, tomar toda a produção e distribuição de alimentos capitalista, pondo-as também sob controle operário, sem pagamento aos capitalistas Esta é a forma de alimentar às massas imediatamente. Pôr em pé granjas coletivas operárias modelo; créditos baratos e toda a assistência para equipamento de cultivo devem dar-se aos camponeses mais pobres. A redistribuição da terra deve ser conjuntamente determinada por comitês de operários agrícolas e comitês que representem aos camponeses mais pobres. A classe capitalista engordou sobre os ossos das massas, estando toda ela estreitamente unida à ditadura de Mubarak. As empresas imperialistas e os bancos que operam no Egito durante muito tempo sustentaram à ditadura de Mubarak. Tiveram às massas sob desemprego e fome na terra da abundância. Para conquistar o trabalho, devem-se expropriar sem pagamento a todos os capitalistas e os bens do imperialismo, incluindo aos bancos, e pô-los sob controle operário. Não deve ter propriedade privada dos meios de produção, isto é, as grandes extensões de terra, as grandes indústrias têxteis, as empresas produtoras de armas, os bancos, a hidroelétricas, as empresas de gás e petróleo, as grandes distribuidoras de alimentos, todas as grandes empresas devem ser postas sob controle operário. Isto sentaria as bases para uma redução imediata da jornada trabalhista, repartindo o trabalho entre todos os que podem trabalhar, sem perda de salário. Só um governo revolucionário provisório baseado na extensão dos "comitês populares", que estejam centrados nos delegados operários e dos soldados de base, com delegados dos trabalhadores rurais e os camponeses pobres, os desempregados, estudantes em luta, pode cumprir com as aspirações das massas por pão, trabalho e liberdade. Unicamente um governo revolucionário provisório baseado na extensão dos comitês populares é quem pode chamar (se as massas o desejam) uma Assembléia Constituinte que não esteja atada por nenhum laço ao imperialismo. O imperialismo norte-americano, seu "governo interino" e seus generais só podem lembrar uma casca vazia, uma assembléia estreitamente atada ao imperialismo e aos interesses capitalistas. Pode o governo de "unidade" romper com o velho regime e com os interesses capitalistas e do imperialismo norte-americano? Isto é como pedir-lhe a um lobo que deixe de ser lobo. Ao final do dia, o punhado de lobos tem uma só meta em mente: comer-se à ovelha

3. Expulsão de todas as bases militares norte-americanas do Egito. Os comitês populares revolucionários devem tomá-las.
4. Por acabar com todos os centros de tortura da CIA no Egito (e em todos os lados) e todos os centros de inteligência imperialistas
5. Dissolução total da burocracia do regime de Mubarak, incluindo os juízes.
6. Por tribunais das massas revolucionárias para julgar aos açougueiros Mubarak, Suleiman e a casta de oficiais atada ao imperialismo.
7. Pelo fim do estado de emergência; pela liberdade para a classe operária a organizar-se e liberdade de associação; pela imediata libertação de todos os presos políticos e econômicos.
8. Por direito a revocatória imediata a qualquer representante; pela eleição direta de representantes todos os representantes não devem ganhar mais do que o salário médio de um trabalhador qualificado.
9. Derrubar o muro de Rafah. O fim do bloqueio a Gaza é uma tarefa democrática imediata. Em 2008/2009 as massas de Egito ajudaram a derrubar o muro de Rafah. Agora, as massas palestinas podem unir suas mãos com seus irmãos egípcios para desfazer-se do regime de Mubarak inteiro.
10. Os pobres nômades devem ter satisfeitas suas demandas de trabalho, terra e serviços.
11. Eliminar as dívidas das massas com os bancos capitalistas.
12. Imediata devolução de todos os tesouros do país que foram roubados e que hoje estão nas coleções do palácio de Buckingham, nos EUA, França e em outras partes.
13. Pelo imediato direito à volta de todos os palestinos e por que todos os muros e postos de controle que mantêm às massas palestinas em campos de concentração sejam derrubados.
14. Pelo derrocamento imediato de todos os regimes repressores da região.
15. Chamamento aos operários do mundo a levar a luta contra o capitalismo-imperialismo mundial, para importar a revolução egípcia e tunisiana a seu próprio solo; isto é, por que a luta revolucionária da classe operária tome o poder a nível mundial. Que a classe operária dos EUA rompa com Obama, bloqueie todas as provisões militares e relacionadas a Egito e Israel.
16. Por uma conferência imediata de todas as organizações operárias revolucionárias e os trotskistas internacionalistas no Egito para pôr em pé uma internacional revolucionária, que para nós significa refundar a Quarta Internacional.

Por uma federação socialista do norte da África e Oriente Médio. Abaixo Maastricht! Adiante para uma federação socialista de estados operários na Europa! Por uma federação socialista de estados operários nas Américas! Adiante para uma Federação de estados operários socialistas da África! Adiante para uma federação socialista de estados operários da Ásia e Austrália!

WIVL da África do Sul
Integrante da FLTI
07-02-2011

Africa Workers Organizer

No 8 January 2011

Egyptian revolution shows how to fight against high food prices and unemployment

Contents

1. **Egypt- Bread, Work and Freedom- the spark for the world Socialist revolution**
2. **US imperialism launches the counter-revolution in Egypt**
3. **For a revolutionary general strike in Egypt, prepare the way for a provisional revolutionary government**
4. **Some lessons from Tunisia**
5. **Tunisia- the start of capitalism's 1989?**
6. **Bolivia- the need to defeat the treacherous leaders in the workers' movement**

Contact details:

International centre: fltinternational@ymail.com

South Africa: workersinternational@gmail.com

Zimbabwe: workersinternationaleague@gmail.com

Website: www.workersinternational.org.za

Postal address: 1st Floor, Community House, 41 Salt River rd, Salt River, Cape Town, 7925, South Africa. ph [27] 822020617 ph 021 4476777 fax 0865486048

Reprodução da capa do Organizador Operário Africano de janeiro de 2011

"A REVOLUÇÃO EGÍPCIA MOSTRA COMO BRIGAR CONTRA A CARESTIA DA VIDA E A DESOCUPACÃO"

Apresentamos o panfleto publicado pela Liga Trotskista Internacionalista da Bolívia, integrante da FLTI, ante os acontecimentos na Tunísia e o norte da África. Este foi trabalhado por milhares nas mobilizações dos operários fabris e mineiros que vêm de derrotar o "gasolinaço" do governo bolivariano e antioperário de Evo Morales. O combate das massas bolivianas é o mesmo combate que o dos explorados do norte da África, porque enfrenta ao mesmo punhado de parasitas e monopólios que está açambarcam o alimento do mundo para impor inflação e fome à classe operária e os explorados. Há que lutar como na Bolívia, Tunísia e Egito contra o ataque dos capitalistas! Por uma contra-ofensiva unificada da classe operária mundial para que a crise a paguem os capitalistas com a revolução socialista!

BOLÍVIA

VIVA A REVOLUÇÃO NA TUNÍSIA QUE COMEÇOU!!

Vivam as mobilizações e ações de luta e solidariedade em Líbia, Egito, Jordânia, Iêmen, Gaza:
Viva a unidade internacional do proletariado!!
NA BOLÍVIA E TUNÍSIA: UMA SÓ CLASSE, UM MESMO INIMIGO, UMA SÓ REVOLUÇÃO CONTRA OS MONOPÓLIOS IMPERIALISTAS!

Na Tunísia como na Bolívia a classe operária e as massas oprimidas vivem sobre enormes riquezas saqueadas pelas transnacionais imperialistas como a Total, a British Petroleum, as multinacionais alimentícias como Cargill e Dreyfus, submetendo às massas exploradas à pior das misérias, com desemprego, inflação de até um 200% -produzido pelos parasitas imperialistas- e salários miseráveis; enquanto, Morales, Chávez e todas as burguesias nativas sócias menores do imperialismo lhes garantem o saque de nossas nações!!
A revolução tunisiana e a da classe operária na Bolívia que volta a pôr-se de pé, marcam-lhe um caminho ao proletariado mundial: para derrotar aos capitalistas e seus ataques, para conquistar o pão, trabalho, a saúde e aposentadoria dignas e para acabar com a carestia da vida e obter a terra para os camponeses pobres:
Há que expropriar às multinacionais imperialistas!!
Há que romper com os governos das burguesias nativas sócias do imperialismo!
Os neoliberais e a burguesia bolivariana do Fórum Social Mundial são todos serventes do imperialismo e inimigos da classe operária!
Há que expulsar ás direções traidoras de nossas organizações de luta!
Para derrotar o plano do imperialismo: Há que combater como a classe operária boliviana que para derrotar o "gasolinaço" pôs nas ruas o grito de: ***«Evo e Goni, a mesma porcaria! Fora as direções traidoras das organizações operárias!»*** E como a classe operária na Tunísia que, ao grito de « ***Fora o governo de Ben Ali!»***, *E* ***«Não nos iremos de aqui até que caia o governo»,*** dava início à revolução tunisiana.

DE PÉ JUNTO ÁS MASSAS REVOLUCIONÁRIAS DA BOLÍVIA E DA TUNÍSIA!

Há que preparar uma verdadeira contra-ofensiva de massas!
Para que a crise a paguem os que a geraram, os parasitas capitalistas!
São eles ou nós!
Novamente, na Bolívia como na Tunísia se define reforma ou revolução: de um lado os reformistas serventes das burguesias nacionais e sustentando às burocracias sindicais nas organizações operárias; e do outro, os trotskistas internacionalistas junto às heróicas massas que antes na França, Grécia, Guadalupe, Martinica, Madagáscar, Quirguistão; e hoje na Tunísia e Bolívia respondem ao ataque do imperialismo com a revolução demonstrando com sua espontaneidade ser mil vezes superior à política das direções que têm a sua frente.
Para levar o combate da classe operária ao triunfo faz falta um partido mundial para a revolução socialista que não é outro que a IV Internacional refundada sob o programa de 1938.

As massas da Bolívia enfrentam e derrotam o gasolinaço de Evo Morales

29-01-2011.

Chamamento de emergência a todas as organizações de luta da classe operária e dos estudantes combativos, e todas as organizações que falam em nome da classe operária:
A luta da classe operária e os explorados no Magreb e Oriente Médio é nossa luta!

MARCHEMOS À EMBAIXADA DO EGITO E DO ESTADO SIONISTA-FASCISTA DE ISRAEL!

04/02/2011. Mobilização à embaixada de Israel na Argentina em apoio à revolução egípcia

As massas do Egito, como ontem na Tunísia, levantaram-se num enorme combate revolucionário pelo pão e pelo trabalho contra a ditadura pró-imperialista de Mubarak. Assim ao grito de "*Viva Tunísia*!" e "*Fora Mubarak*!" a classe operária e os explorados egípcios entram em manobras revolucionárias demonstrando que para conseguir até a mais mínima de nossas demandas há que entrar em luta política de massas contra os governos e regimes capitalistas. A chispa da Tunísia incendiou Egito onde as massas se sublevam e rodeiam a cidadela do poder no El Cairo e com seu combate estão perfurando o oprobrioso muro de Rafah para unir-se com as martirizadas massas palestinas da Gaza, enfrentando ao regime de Mubarak que com sua repressão sangrenta deixou dezenas de mortos, feridos e milhares de detentos. Assim se luta! Abaixo Mubarak e todo o regime pró-imperialista da burguesia egípcia! Abaixo a conspiração do imperialismo ianque para impor um pacto com El-Baradei e os Irmãos Muçulmanos para expropriar a revolução egípcia que se pôs de pé! Por um governo provisório revolucionário das organizações da classe operária e as organizações em luta baseado na sua alto-organização e armamento generalizado!

O combate da classe operária e os explorados do Egito chegou muito próximo do oprobrioso muro de Rafah para unir sua luta com as martirizadas massas palestinas da Gaza. **Pela destruição do estado sionista-fascista de Israel!** Para que a Tunísia, Egito, o norte da África e todo Oriente Médio sejam a tumba do imperialismo ianque, europeu, japonês e das burguesias sipaias: Viva a revolução operária e socialista!

Contra o Fórum Social Mundial e a V Internacional que chamam á classe operária a pressionar á burguesia, as massas revolucionárias do Magreb e tudo Oriente Médio põem uma moção para todo o proletariado mundial: Que morra o capitalismo, seus governos, regimes e estados!

Para que tenha pão e trabalho: A classe operária acaudilhando aos explorados deve tomar o poder! Pela expropriação sem pagamento e sob controle operário de todas as multinacionais que monopolizam os alimentos, que espalham fome a milhões de explorados para obter seus super lucros! Pela derrota militar de todos os imperialistas no Iraque, Afeganistão e na região!

Que volte a chispa de Atenas para que se incendeiem Paris, Madri, Londres, Lisboa, Berlim! Abaixo o Maastricht dos açougueiros imperialistas europeus! Que volte a arder a Rússia dos novos czares Putín e Medvedev! Abaixo a OTAN e todos os tratados políticos, econômicos e militares do imperialismo para espoliar aos povos coloniais e semicoloniais do mundo! Fora o FMI!

As massas de Egito, Tunísia, o Magreb e Oriente Médio marcam-lhe o caminho a todo o proletariado mundial de como derrotar o ataque dos capitalistas!

Os olhos do proletariado mundial hoje estão olhando o combate das massas do Egito e toda a região. É que milhões de explorados sofrem os mesmos padecimentos que as massas do Magreb e Oriente Médio, que são super exploradas e suas nações oprimidas pelos mesmos piratas imperialistas que comandam um brutal ataque em todo o mundo.

Na Argentina a classe operária e as massas exploradas suportam as mesmas condições: fome, desemprego, massacre, repressão e morte de parte dos parasitas imperialistas, o governo da Kirchner, a oposição gorila e os traidores da burocracia sindical. Os trabalhadores de Soldati que sublevaram-se no parque Indoamericano, os tercerizados do trem Roca que brigam pelo passe a planta permanente, todos os setores em luta e o conjunto do movimento operário, devem-se por de pé junto a seus irmãos de classe do norte da África e Oriente Médio. Como vem de faze-lho os heróis piqueteiros do norte de Salta no Tartagal que com sua luta pelo trabalho digno enfrentam as mesmas petroleiras imperialistas saqueadoras do norte da África e Oriente Médio.

Tem que convocar de imediato a Terceira Assembléia Nacional Piquetera de trabalhadores empregados e desempregados pára derrotar á burocracia da CGT e da CTA e preparar a greve geral! Tem que seguir o caminho da classe operária boliviana que derrotou o "gasolinaço" de Evo Morales, enfrentando á burocracia da COB! Para derrotar o ataque anti operário da Kirchner e da "oposição" gorila, tem que retomar o combate revolucionário de 20 de dezembro de 2001, para *"que se vão todos e não fique nem um só!"* Isso é o que se merece o governo assassino da Kirchner que comanda o ataque contra a classe operária e vem de fazer suculentos negócios em favor do imperialismo com todos os regimes assassinos de Oriente Médio, contra os quais hoje se levantam as massas revolucionárias da região!

Chamamos de forma urgente a todas as organizações operárias combativas, aos corpos de delegados e comissões internas arrancadas à burocracia, aos operários ferroviários, aos trabalhadores que brigam pela terra e a moradia, a todas as organizações que falam em nome da classe operária e ás federações e centros de estudantes combativos A MOBILIZAR-NOS ÁS EMBAIXADAS DO EGITO E DO ESTADO SIONISTA-FASCISTA DE ISRAEL porque, a luta da classe operária e os explorados no Magreb e Oriente Médio é nossa luta! Ganhemos as ruas em apóio ao combate e pelo triunfo das massas da Tunísia, Egito, Palestina e toda a região!

Paremos a repressão do assassino Mubarak e demais governos serventes do imperialismo na região! Liberdade aos presos políticos do Egito! Liberdade aos combatentes da resistência palestina nos cárceres do Estado sionista-fascista de Israel! Liberdade a Roberto Martino, refém dos sionistas nos cárceres da Kirchner! Liberdade aos 12 piqueteros de Tartagal, a Olivera do Sitraic (Sindicato de Trabalhadores da Indústria da Construção), Villalba e restantes presos políticos! Desprocesamento dos mais de 5000 lutadores operários e populares perseguidos! Aparição com vida de Julio López e Luciano Arruga! Por tribunais operários e populares para julgar aos assassinos dos operários de Soldati, Mariano Ferreyra e de todos os mártires da classe operária! Dissolução de todas as forças repressivas do estado patronal! Por um comitê de autodefesa único de todas as organizações operárias para defender-nos da repressão estatal, das bandas fascistas e dos pistoleiros da burocracia sindical!

A REVOLUÇÃO NO NORTE DA ÁFRICA E ORIENTE MÉDIO DIA A DIA

02-02-2011

CARTA DO SCI À WIVL DA ÁFRICA DO SUL

A propósito dos soviets, a insurreição, a ditadura do proletariado e as tarefas internacionais da revolução na Tunísia e no Egito

Apresentamos a seguir uma carta que sintetiza o rico debate que, ao calor da histórica revolução aberta pela classe operária e os explorados no norte da África, veio desenvolvendo a FLTI. A carta expressa a reflexão comum que vimos realizando, desde a teoria marxista, a respeito do caráter dos soviets, as consignas de poder, a insurreição operária, a ditadura do proletariado e o caráter e as conseqüências internacionais que têm para a luta de classes mundial os enormes acontecimentos revolucionários do norte da África que fazem vibrar a todo o proletariado mundial.

Camaradas da WIVL

Quisesse fazer algumas apreciações e resumir a enorme elaboração coletiva que de conjunto vimos realizando, que nos permitiu dar enormes passos para adiante.

O combate pela ditadura do proletariado e o perigo do fetichismo soviético

Nosso programa ante os enormes acontecimentos que sacodem Egito, Tunísia, o norte da África e todo Oriente Médio é a ditadura do proletariado contra a ditadura da burguesia e o domínio burguês imperialista, ao que há que derrotar e demolir. A formulação do governo, isto é do poder operário e das massas exploradas, deve expressar de forma pedagógica -como diz o programa de transição - o combate pela ditadura do proletariado. "Governo operário e dos camponeses pobres baseado nos soviets armados" é uma excelente formulação que expressa á ditadura do proletariado.

Não temos que fazer nenhum fetichismo soviético. A diferença dos sindicatos, que discutem o valor da força de trabalho na época de paz, nas épocas onde a luta econômica se torna impotente e esta se deve elevar a luta política de massas -enfrentar abertamente à polícia, os governos e regimes burgueses, já que estas compreendem que sem isto não se pode conseguir nem a mais mínima das demandas- as massas põem em pé organismos para essa luta política. Esses organismos não são outros que os soviets, organismos de autodeterminação e democracia direta das massas em luta.

Estes, em suas etapas embrionárias e quando se desenvolvem, rompem a barreira entre as diferentes profissões entre a classe operária pela disposição de esta em diferentes ramos de produção. O soviet, como o diziam Lenine e Trotsky, organiza a todas as massas em luta, para dar-lhe um conteúdo de luta política, quando as condições assim se o impõem.

Dali que o reformismo tem a estratégia de que antes, durante e depois dos processos revolucionários, estes organismos de duplo poder não surjam; e quando surgem que estes não se armem.

Como dizia Trotsky, não há que fazer fetichismo dos soviets, isto é dos conselhos operários. Às vezes podem ser os sindicatos os que adquiram este caráter político e permitam o ingresso a eles das grandes massas em luta, como sucedesse com a COB na Bolívia em 1952. Isto é, as massas lhes mudam o conteúdo aos diferentes tipos de organizações. Assim fizeram os operários com a Cúria operária do Czar na Rússia quando o czarismo chamou a eleger delegados de fábrica para a mesma. Tão é assim, que a primeira fase do soviet de 1905 foi constituída pelos comitês de fábrica da Cúria operária da autocracia russa, e foi dirigida, em seus primeiros momentos, pelo Padre Gapon e sua corrente da igreja ortodoxa.

Isto significa que não podemos fazer fetichismo dos soviets nem normativismo a respeito dos mesmos. Isto é, os soviets ou seus embriões são organismos que surgem para coordenar a luta política de massas por localidade, por região ou a nível nacional, quando entram ao combate milhões de explorados que não estão nos organismos da classe operária das épocas de paz. Surgem quando as massas vêem que têm que tomar a resolução da crise e de seus problemas em suas mãos, e não delegar mais.

A respeito da formulação da ditadura do proletariado

Vocês definiram com clareza que os organismos soviéticos embrionários das massas em luta no Egito são os "comitês populares revolucionários", como as próprias massas em luta o denominam, que começam a centralizar aos combatentes nas ruas. Excelente.

Nos soviets estão todas as massas em luta e se fortalecem decisivamente quando o proletariado consegue dividir às classes médias e arrasta a seus setores pauperizados ao combate. Às vezes está desde seus inícios o proletariado homogeneizando-os como seus conselhos operários. Mas aos soviets, quando se estendem e se desenvolvem, entram todas as massas em luta.

Aos soviets de fevereiro entravam os soldados, que não eram outra coisa que os camponeses pobres que por milhões estavam no campo de batalha da primeira guerra inter-imperialista. Entravam os comitês de abastecimento e contra a carestia da vida e controle de preços dos bairros operários e populares, e embora que pareça mentira, todos os sindicatos também. Justamente por isso se levantou como a alternativa de poder da ampla maioria de a população armado e acaudilhada pela classe operária no soviet. Assim surge um regime de duplo poder.

A particularidade russa é que os camponeses entraram no soviet como comitês de soldados, já que eles eram a base fundamental do exército czarista na primeira guerra mundial, porque os operários estavam nas fábricas produzindo armas, roupa, alimentos, etc. para a maquinaria de guerra imperialista do czarismo.

Este caráter da aliança de classes do soviet de Petrogrado de Fevereiro é o que levou ao Lenine e ao Trotsky a definir que uma mareia camponesa no soviet imbuía ao proletariado com sua ideologia, atraso e preconceitos. Isso eram os "soldados", isto é camponês sob armas, que levaram aos primeiros postos no soviets aos "socialistas" que melhor falavam, professores, socialdemocratas, mencheviques, SR, etc.

Mas insistimos, aos soviets entram todas as massas em luta -como dizia Trotsky- que estejam dispostas a armar-se e a resolver seus problemas por fora das instituições da burguesia, porque esta está em franca bancarrota e demonstrou não resolver os problemas das massas.

O soviet já maduro e armado põe em pé um regime de duplo poder irreconciliável com o estado burguês. Por isso são os órgãos da insurreição. E por isso a burguesia, o imperialismo e todas as direções traidoras aprenderam muito bem que nunca mais pode ter soviets.

Tão duplo poder é o soviet, que em suas etapas embrionárias, como o comitê de fábrica, estabelece um duplo poder dentro da fábrica com os patrões. Se esses comitês se armam, e desarmam à polícia, o soviet em sua fase de piquete de greve, estabelece um duplo poder com a banda de homens armados do estado burguês. E se este se desenvolve, impõe um regime de duplo poder que cumpre funções legislativas, judiciais e executivas numa só democracia direta das massas em luta.

Por isso, lutamos para que antes, durante e depois da revolução se generalizem e madurem os organismos de duplo poder das massas.

Por exemplo, as massas do soviet de Petrogrado, antes de tomar o poder, desconheciam aos juízes do czarismo e os pleitos legais se resolviam em tribunais operários e populares votados pelos soviets, que exerciam um verdadeiro poder judicial reconhecido pelos explorados, e que atacava essencialmente á burguesia.
O soviet definia o que havia que fazer, legislava. Isto é, definia o que faziam as massas para abordar a produção, controlar preços, procurar o alimento desbaratando aos armazenadores e usurários, etc. Era um organismo das massas em luta.
Por isso a formulação de poder não é nem "governo operário", nem "governo operário e popular" nem "governo operário e camponês" como formulações isoladas. Toda acepção ou consigna de governo para que realmente expresse a educação pedagógica da ditadura do proletariado deve chamar a estes tipos de governo a estar apoiadas nas massas auto-organizadas e armadas que estão em luta contra os opressores e seu estado, já que pode haver governos operário-burgueses, ou governos operários e camponeses-burgueses. O que dá o caráter de classe, isto é de ditadura do proletariado, é o organismo de duplo poder no qual está assentado.
Às vezes os soviets surgem por localidade, província ou fábricas… Nossa política é chamar a generalizá-los e a que se massifiquem. Como dizia Trotsky, é impensável uma insurreição se a classe operária e todas as capas exploradas e oprimidas do campo e a cidade -com seus destacamentos armados- não se independetizar de forma absoluta do estado da burguesia. A isso apontam as formulações sobre o governo; a que chamamos a que estejam baseados nos organismos de democracia direta das massas em luta, auto-organizadas e armadas.
A definição de **"governo operário e das capas empobrecidas do campo e a cidade, apoiado nos organismos armados de democracia direta das massas em luta"** é uma excelente formulação pedagógica da luta pela ditadura do proletariado.
Quando os soviets não surgiram ainda, ou seu desenvolvimento é lento, a tarefa dos revolucionários é precisar quais são seus elementos embrionários para desenvolvê-los e estendê-los a nível nacional. E isso dependerá dos organismos reais que se dêem as massas em luta. Podem ser os conselhos operários que organizam á grande maioria das massas que estão em luta, o que é diferente nos sindicatos que não agrupam mais de um 15% ou 5% da classe operária.

Algumas experiências históricas onde a classe operária, no meio de processos revolucionários, pôs em pé seus organismos soviéticos.

Soviets de operários, camponeses e soldados na revolução russa de 1917

Por exemplo, na revolução portuguesa de 1975, tendiam a surgir os organismos reais de comitês de camponeses, comitês de soldados, comitês de fábrica e comitês de inquilinos. Justamente o papel das direções reformistas é impedir que esses organismos se centralizem e se coordenem. E se surgem e não estão armados, seu objetivo é que não se armem.
Na revolução portuguesa, o PC se dedicou a romper desde adentro, inclusive aos paus, os comitês de fábrica e de inquilinos. Dissolveu os comitês de soldados, chamando a apoiar á oficialidade "jovem e progressista" das forças armadas. Enquanto, o PS, chamou a uma assembléia constituinte para impor uma saída "democrática" á crise do derrube da ditadura militar de Portugal. Assim abortaram e desviaram a revolução portuguesa.
Efetivamente, há soviets colaboracionistas. A clave é então que os soviets tenham a sua frente uma direção revolucionária. Isto garantirá que sejam organismos de duplo poder e instrumentos chaves para a insurreição.
Se os camponeses pobres ou pequenos comerciantes arruinados vão ao soviet, é um triunfo do proletariado que os arrasta ao combate e á mareia revolucionária. Se não vão ao soviet, a classe operária fica isolada, e a burguesia pode massacrar, como aos soviets de 1905.
Os soviets são os que agrupam e organizam á classe operária e ás massas em luta, ás que o proletariado deve ganhar, se são capas empobrecidas do campo e a cidade, sob sua direção.
Por isso a definição que levantamos hoje no Egito é "governo de operários e camponeses pobres baseados nas organizações de democracia direta e armamento das massas", isto é os soviets. Na Rússia, era "todo o poder aos soviets", que primeiro se explicou pacientemente e depois se executou no momento da insurreição sob a direção dos bolcheviques que ganharam a maioria nos soviets com os SR de esquerda (a corrente representante dos camponeses pobres).
Não há "soviets populares" em general. Falhar sobre Isso sim seria uma grande capitulação. Mas não podemos esquecer que devem armar-se os soviets de operários, camponeses pobres e das outras classes oprimidas e arruinados do campo e a cidade. Efetivamente, grande parte da base do exército são destes setores de camponeses pobres ou classe média arruinada da cidade, á que o proletariado deve atrair aos soviets com demandas audazes, como a expropriação do usurário e o banqueiro para dar-lhe crédito barato ao comerciante ou camponês arruinado. Esta é a essência da questão. **A arte está em definir quais são os organismos que as massas se dão para a luta política em cada processo revolucionário, sem nenhum tipo de fetichismo.**
Por exemplo, na Bolívia revolucionária de 1952, na central operária, estavam os camponeses pobres, os operários e como parte deles os mineiros, que eram sua vanguarda. A tarefa de "Todo o poder á COB!" esteve ao alcance da mão, e foi traída pelos renegados do trotskismo.
Na Bolívia em 1971, os organismos soviéticos eram a assembléia popular, que organizava a operários e camponeses. Justamente, o POR de Lora, em aras de seu "frente único antiimperialista", impediu que esta assembléia popular de operários e camponeses (onde estes lhe puseram esse nome, não nós) se ganhara aos soldados de base, já que o PC e o POR de Lora dissolveram esta assembléia popular e constituíram o FRA (Frente Revolucionária Antiimperialista) com a "burguesia progressista", encabeçada pelo general Torres, sustentada pelo PC de Pequim, o PC de Moscou e os renegados do trotskismo.
No Chile, os organismos de poder operário que começavam a armar-se e controlar a produção foram os cordões industriais de 1973. Justamente a política do stalinismo e o castrismo foi sinistra, porque se volcou a debilitá-los desde dois flancos.
Por um lado, o MIR com uma política ultra-esquerdista chamou a formar "comitês de camponeses e de povoadores" (isto é, "populares" segundo eles), por fora dos cordões industriais. E por outro lado, o PC chamava a dissolver os cordões industriais em "eleições dos sindicatos".
É por este pérfido papel do stalinismo que o proletariado não pôde ganhar-se nem organizar sob sua direção aos camponeses pobres e os cordões

industriais não conseguiram desenvolver-se até o final, dirigindo a luta contra o desabastecimento de alimentos. Muito menos puderam ganhar-se á base do exército, onde o MIR castrista tinia comitês de soldados e marinheiros que se rebelavam contra o golpe militar, organizados como seus colaterais, aos que dividiam e separavam dos cordões industriais e suas milícias.

Sobre a luta dos revolucionários por estender, desenvolver, centralizar e armar os organismos soviéticos das massas em luta. Por uma direção revolucionária para que os soviets triunfem como órgãos da insurreição!

Daqui devemos tirar a conclusão de que nossa luta é pela ditadura do proletariado, e quando começa uma situação revolucionária ou pré-revolucionária, como a que está-se desenvolvendo no Egito, a tarefa central dos revolucionários é estender e desenvolver os organismos de duplo poder, centralizá-los, coordená-los e armá-los a nível nacional. A eles devem entrar todas as massas em luta, que estejam dispostas a combater com o proletariado sob sua direção, com as armas na mão e dividindo a base do exército como tarefa para preparar uma insurreição vitoriosa dirigida por um partido revolucionário. Este é o eixo que articula todo programa de quem se considere revolucionário numa situação revolucionário ou pré-revolucionária.
Não fazemos nenhum fetichismo "soviético", isto é com o nome "soviet". **Nossa grande tarefa é precisar quais são os organismos de auto-determinação e democracia direta que as massas põem em pé quando entram á luta política, para estendê-los, desenvolvê-los, coordená-los e armá-los.**
E isto é decisivo, porque os soviets, embora que se desenvolvam enormemente, como na Rússia em fevereiro de 1917, podem voltar-se conservadores e colaboracionistas, como os sindicatos ou qualquer organização operário dirigida pela aristocracia operária e o reformismo. É clave uma direção revolucionária para seu desenvolvimento e para que estes triunfem como órgãos da insurreição.
Mas também afirmamos com absoluta clareza que não há nenhuma possibilidade de que se construam direções revolucionárias e que derrotem ao reformismo se não é lutando com as massas por pôr em pé seus organismos soviéticos para a revolução. Com democracia direta e dia por dia, em horas, as massas selecionam suas direções. As vem atuar e as podem mudar.
Só ali, nos soviets, o partido revolucionário poderá conquistar influência de massas. Por isso a tarefa de todas as direções traidoras é impedir que surjam os soviets. É que eles têm um claro instinto de que se estes surgem e se desenvolvem, seu destino estará gravemente comprometido.
As direções traidoras são tão inimigas dos soviets que o primeiro "trabalho sujo" contrarevolucionário do stalinismo, a favor do imperialismo, foi liquidar o regime soviético ao interior da URSS. Isto é, a burocracia stalinista dissolveu o regime de democracia revolucionária dos soviets e instaurou o regime de partido único bonapartista da burocracia. E ali onde se viram obrigados a expropriar á burguesia dedicaram-se a cuidar-se muito bem de que não surgisse nenhum organismo de democracia direta das massas, e instauraram regimes bonapartistas da burocracia desde seus inícios, como no Leste Europeu, China, Cuba, Vietnã, etc.
Dali que toda corrente da aristocracia e a burocracia operária seja inimiga de pôr em pé, antes durante e depois da insurreição, organismos soviéticos e de democracia operária. Em isso jogam sua vida. E os revolucionários jogamos nossa vida na luta de pôr em pé esses organismos. Frente a esta questão se define quem está pela ditadura do proletariado, como o faz a FLTI, e quem é inimigo dela, como todas as correntes dos renegados do trotskismo e demais direciones traidoras da V Internacional.
É que, insistimos, não há nenhuma possibilidade de pôr em pé um partido revolucionário com influência de massas sem ajudar às massas a derrotar ás direções traidoras e conquistar seus organismos para a revolução. Tudo o demais, como fazem todos os renegados do trotskismo, é ideologia barata de pôr em pé partidos socialdemocratas, reformistas, "anticapitalistas"; questão que tão duramente combatemos todos desde a FLTI.

Efetivamente, para que os soviets não se desenvolvam há enormes perigos. A aristocracia e a burocracia operária não desaparecem. É mais, se os soviets surgem, pese a eles entram nos mesmos para transformá-los em colaboracionistas, com o fizeram os mencheviques e os SR na Rússia, os kautskistas na Alemanha, o PS e o PC no Chile e na revolução portuguesa… há milhares de exemplos. Ou como muitas vezes o fizera o stalinismo com sua quinta coluna, rompendo cabeças e assassinando a mancheias pelas costas aos combatentes do proletariado como na Espanha, na revolução portuguesa, etc.
Outras vezes, como Hilferding na Alemanha, propõem a política de soviets combinados com assembléia constituinte. Justamente esta é a política traidora da esquerda nos processos revolucionários. Primeiro, submetem ás massas á democracia burguesa para expropriar a revolução proletária. E se os soviets surgem, procuram transformá-los em organismos desarmados e "de consulta" da constituinte.
Todas estas situações pré-revolucionárias ou revolucionárias, onde tendem a surgir os organismos de duplo poder, devem definir-se. **A burguesia procurará liquidar tudo embrião de duplo poder, para que o domínio do Estado burguês se restabeleça plenamente.**
Esse é o papel da frente popular: liquidar tudo processo soviético e de ação revolucionária das massas, justamente para que depois, uma vez molhada a pólvora da revolução, "Kornilov" ou o fascismo achatem a revolução.

O proletariado, desde os soviets, deve acaudilhar detrás dele ao conjunto das massas oprimidas para avançar à tomada do poder

Esta é nossa posição sobre os soviets. Nós chamamos a entrar aos soviets a todas as massas em luta empobrecidas do campo e a cidade, para que o proletariado se as dispute á burguesia e as acaudilhe nos soviets. No caso do Egito as consignas motoras, como na Tunísia, que empurram ás massas à revolução, isto é, ao derrocamento revolucionário dos governos e a colocar em grave crise aos Estados semicoloniais são as consignas de pão e trabalho. Estas são as consignas motoras da revolução operária e socialista que começou que, "de consignas mínimas" se voltam transitórias; é que a burguesia e o imperialismo não o podem conceder; e empurram às massas ao derrocamento revolucionário dos da acima, empurram á expropriação aos banqueiros, e principalmente a romper com o imperialismo e os capitalistas, para que o Egito deixe de ser uma semicolônia do imperialismo ianque.
Estas demandas empurram ás massas aos soviets, ao armamento, a demolir o estado burguês. Esse é o caráter de classe dos soviets que há que pôr em pé e fazer madurar na revolução que começou no Egito. Inclusive ante a pauperização das amplas capas da classe média, a demanda de trabalho e de salário digno as agrupa, como á classe média de "colho branco" (funcionários administrativos o funcionários públicos, NdT), que inclusive quebraram e está em bancarrota, e vão junto ao proletariado em sua luta pelo pão.
A demanda de pão, paz e terra da revolução russa, como demandas mínimas e democráticas significavam - como explica extensamente Trotsky em seu trabalho "A onde vai a França?" contra o stalinismo que queria dar-lhe a estas consignas um caráter reformista-: para obter a paz, enfrentar a guerra interimperialista, dar volta a fuzil, enfrentar abertamente ao imperialismo mundial e confraternizar com o proletariado europeu; para obter a terra, significava expropriar a toda a autocracia e os latifundiários e com eles a toda a burguesia; para obter o pão, expropriar aos grandes monopolizadores dos alimentos, aos banqueiro e a todas as correntes de comercialização que no meio da guerra fizeram fabulosos negócios sobre a fome do proletariado.
A demanda de terra e paz punia ao proletariado como caudilho da revolução e arrastar aos camponeses pobres para estabelecer uma aliança de classe, é que acaudilhando ao camponês lhe permita fazer-se do

poder, ganhando para a revolução a amplas capas dos camponeses pobres. Lenine afirmava que estas consignas como a de paz e terra foram as que dissolveram e desarticularam ás tropas que, da frente de batalha da primeira guerra interimperialista, trazia Kornilov a achatar ao proletariado revolucionário. Isto permitiu a debandada das tropas de Kornilov (de base camponesa) antes de sua chegada ao Petrogrado.
Em isto não há nem podemos ter nenhuma diferença, os trotskistas somos inimigos das revoluções "populares" dos "soviets populares" que falam de povo em general sem classes, como fala o stalinismo para submeter ao proletariado á burguesia, que a considera parte do povo. Mas também não vamos ser "obreiristas" e propor que o proletariado só, por mais numeroso que seja não precisa ganhar-se às classes médias para tomar o poder e conquistar uma revolução vitoriosa.
No Egito a demanda, como já dizemos e afirmamos, de expropriação do banqueiro sem pagamento e sob controle operário, significa dar-lhe crédito barato ao pequeno camponês ou ao pequeno burguês arruinado da cidade, como a expropriação dos capitalistas significa dar-lhe um salário digno aos trabalhadores de "colho branco" e os profissionais (isto é a moderna classe média ao dizer de Trotsky) que trabalham por salários miseráveis no aparelho estatal. Isto é clave, já que esta pequeno burguesia arruinada é base fundamental desse movimento pequeno burguês "6 de abril", que tentará a cada passo, trocar o pão e o trabalho por "liberdade e democracia". O proletariado a deve dividir, partir ou neutralizar, já que se não é assim presenciaremos mais cedo que tarde o aborto "democrático" da revolução operária, como o preparam em última instância Obama, El-Baradei e os Irmãos Muçulmanos.

Justamente organizar ás amplas massas em luta com o proletariado, nas ruas, é o que permite, como já dissemos, partir á base do exército, legitimar o acionar da milícia operária, debilitar e deixar pendurado do ar ao Estado burguês, e criar as melhores condições para uma insurreição operária vitoriosa que conquiste o poder soviético no Egito, como parte da luta por uma Federação de Republicas Operárias Socialistas e soviéticas no Oriente Médio e o Norte da África.
Em definitiva, para nós os soviets são grandes organismos da frente única da classe operária e as capas exploradas da pequena burguesia do campo e a cidade, ás que o proletariado deve ganhar com um programa de expropriação dos capitalistas para preparar, com suas milícias operárias e seu comitê de soldados, a tomada do poder.
Nossa posição não é levantar "soviets operários e populares" em geral. Nossa posição é pôr em pé, estender, desenvolver, centralizar e armar a todos os organismos de autodeterminação e democracia direta das massas em luta ao início de toda situação revolucionária ou pré-revolucionária. Para que o proletariado com um programa revolucionário acaudilhe ao resto das capas e setores das massas oprimidos da sociedade. Em última instância colocar ao proletariado como caudilho da revolução proletária, única forma de liberar á nação oprimida.
Insistimos, por exemplo, hoje no Egito, vocês detectaram que setores das massas estão constituindo "comitês populares revolucionários". Adiante! Há que estendê-los e desenvolvê-los. Há que formar comitês populares revolucionários de fábrica, de operários, de desempregados, de soldados; comitês de abastecimento, comitês pela moradia, comitês de vigilância de preços, etc. Trata-se de organizar a todas as massas que estão entrando na mareia revolucionária, para que elas tomem a resolução da crise em suas mãos e não deleguem nada de nada nos partidos burgueses e na casta de oficiais, que agora tenta posar de "democrática" e "nacional".
Justamente, esses organismos, instituições e programa são os que lhe contrapomos ao pacto e a conspiração de costas das massas entre a Irmandade Muçulmana nesse El-Baradei, que baixo a direção dos Clinton e a casta de oficiais hoje intentam arrebatar-lhe às massas sua luta pelo pão, o trabalho e o derrocamento revolucionário de Mubarak. Não o podemos permitir. Disso se trata o plano do reformismo e a burguesia para fechar a crise revolucionária que há no Egito.

Kamenev, Lenine e Trotsky

Dizem que vão outorgar-lhe "democracia" às massas e "terminar com a ditadura de Mubarak". Mentira. **Isto é um engano. As liberdades democráticas e a caía de Mubarak que se esta vinda já foi conquistadas pelas massas em sua luta, com centenas de mortos e milhares de feridos. Só aprofundando esse combate e tomando o poder poderemos ter a terra, o pão e o trabalho.**
Isto é, a luta do partido revolucionário pelos soviets está intimamente ligada com um programa de ação revolucionária que lhe permita ás massas e sua vanguarda superar ás direções liquidacionistas dos soviets e da luta revolucionária das massas.

Por um programa de ação revolucionário para conquistar a unidade da classe operária e os explorados e derrotar as armadilhas das direções colaboracionistas!

As velhas direções colaboracionistas dos sindicatos e o movimento pequeno burguês "6 de abril" chamam a uma marcha de um milhão de pessoas e a uma greve geral para o primeiro de fevereiro.
As massas foram mais lá que uma marcha de um milhão de pessoas e uma greve geral. Paralisaram o país. Já faz momento estão ante as portas de poder. Têm começado a desarmar á polícia.
As direções colaboracionistas e o movimento "6 de abril" querem legitimar a uma direção burocrática e pequeno burguesa que não jogou nenhum papel decisivo na luta revolucionária que já leva dias e semanas.
Mas assim mesmo não podemos ser abstencionistas frente a esta armadilha. Dizem greve geral? Então; Tomemos todas as fábricas, e pôr-las a produzir já sob controle dos trabalhadores! Greve geral? Sim, pelo pão. Expropriação de todos os bancos, que são os donos de Cargill, Bunge e demais cerealíferas, que têm em suas mãos e açambarcam o trigo e o azeite! Comitês de abastecimento, para expropriar aos grandes supermercados e á grande burguesia comercial e agrária!
Propõem Marcha de um milhão? Pois bem, organizemos nessa marcha na praça central, o símbolo das massas em luta, um grande congresso de delegados de base de todo o movimento operário, os soldados rasos, as milícias que já se armaram, para que ali se ponha em pé um grande parlamento operário e dos setores empobrecidos do campo e a cidade que se faça do poder.
Que autoridade tem El-Baradei no Egito, mandado pela Clinton, acima dos milhões que combateram contra Mubarak? Que autoridade têm os Irmãos Muçulmanos para pactuar um governo com Clinton e Mubarak em nome da "democracia", quando junto com Hamas, Mubarak, o imperialismo francês e norte-americano, e o estado assassino de Israel querem garantir um plano de "Dois Estados" e de reconhecimento do Estado sionista de ocupação? Que autoridade tem as forças armadas e sua casta de oficiais assassina, servente e sócia do imperialismo ianque, para "defender a democracia"? Os filhos dos operários e dos setores empobrecidos do campo e a cidade têm que passar-se do lado da revolução e pôr em pé comitês de soldados.

As tarefas internacionalistas da revolução operária do Egito e Tunísia. Pela destruição do estado sionista-fascista de Israel! Por uma só revolução operária e socialista do norte da África e todo Oriente Médio!

Os trotskistas, estrategistas da revolução proletária, devemos dizer-lhe a verdade à classe operária mundial, e de Oriente Médio em particular: o

2001. Milícias operárias na revolução palestina de 2001

exército sionista fascista de Israel é parte da mesma casta de oficiais contrarevolucionária do Egito, sob o comando de Obama e o imperialismo. São os Irmãos Muçulmanos e Hamas os que sustentam ao muro de Rafah.
Vai-lhe a vida à classe operária do Egito em forjar sua unidade com a classe operária palestina. É que, se a revolução no Egito avança, e é demolida essa casta de oficiais assassina do exército do Egito, servente do imperialismo, entrará o exército sionista para massacrar às massas egípcias e sua heróica revolução que começou. E o fará sendo chamado pela burguesia do Egito e o imperialismo, como ontem o fez no Líbano ou massacrando a dezenas de milhes de operários palestinos na Jordânia. De ali que o combate pela revolução operária e o derrocamento do Mubarak no Egito é inseparável dá a luta por:

Pela derrota militar do Estado sionista contrarevolucionário de Israel!
Abaixo o plano "de paz" e dos "dois estados"!
Abaixo a política de colaboração de Hamas e Al Fatah com o imperialismo e o sionismo para dividir á nação palestino!
Por uma assembléia nacional das massas palestinas da Jordânia, do Líbano, e todo o território histórico da Palestina ocupada!
Isto é parte inseparável da luta pelo triunfo da revolução no Egito, que só poderá triunfar como revolução socialista em tudo Oriente Médio. Já o mesmo imperialismo se aterroriza já que a revolução que começou no Egito é uma revolução bisagra, entre o levantamento das massas e os povos oprimidos do Norte da África e o combate pela revolução no Oriente Médio que, depois da derrota do Iraque e os massacres imperialistas na Palestina, pode voltar a pôr de pé e á ofensiva a todas as massas do Oriente Médio.

No Egito, a questão é para onde se define a crise revolucionária que há nas alturas; se é em favor das massas, organizando-se em organismos de autodeterminação, soviéticos, armados, que se plantem como um duplo poder; ou se a crise revolucionária se fecha em favor dos exploradores com um governo burguês não eleito por ninguém e que não tem legitimidade nem autoridade alguma, salvo para ser outro colarinho do mesmo cachorro que era Mubarak. A esse governo de transição, expropriador da revolução, os renegados do trotskismo lhe propõem que se legitime com uma assembléia constituinte Propõem-lhe uma forma mais edulcorada para manter a ditadura do capital ante o embate da revolução.
Na Tunísia ante a queda de Ben Alí, tentaram fazer isto, não já com um governo de transição de unidade nacional, senão tentando incorporar ao governo e ao gabinete aos ministros operários dos sindicatos da UGTT, questão que foi recusada rotundamente pelas massas, que não querem deixar pedra sobre pedra não só do regime ditatorial e policial, senão também de todas as direções que colaboraram com ele.
Por isso, no Egito também a revolução se define em que tão cedo as massas palestinas da Gaza, Cisjordânia, Líbano, Síria, e Jordânia mesma empurrem o processo revolucionário que estallou na Tunísia e que ameaça com incendiar tudo Oriente Médio. Isto é o único que vai impedir o plano contrarevolucionário que propõe cercar a revolução que começou. Como fizeram com a revolução boliviana, sou plano é cercá-la, com Hamas e os Irmãos Muçulmanos rodeando o muro de Rafah para que não seja derrubado pelas massas e pelo início da revolução em tudo Oriente Médio.
É que a revolução no Egito somente poderá avançar e aprofundar-se não só conquistando um regime de duplo poder que prepare uma insurreição vitoriosa no Egito, senão que triunfará também estendendo a chispa da Tunísia que incendiou toda África, e agora com Egito ameaça a incendiar tudo Oriente Médio.
No caráter do combate internacionalista das massas do Egito, Oriente Médio e a Europa se definirá a dinâmica e o curso da revolução que começou.
Chegou à hora de que volte a revolução iraniana. Porque esse é o Egito insurrecto de hoje. Que voltem os conselhos operários (Shoras) no Irã! Só assim se conseguirá democracia e se terminará com o regime de opróbrio, de fome, miséria e entrega nacional dos aiatolás.
As tarefas internacionais da classe operária de Egito são enormes, como também as tarefas internacionalistas do proletariado mundial com a revolução que ali começou.
Apoiado no regime sipaio do Egito e do gendarme Estado sionista do Israel, o imperialismo massacro no Iraque. Todas as frações da burguesia xiita e sunita entraram ao regime do protetorado ianque no Iraque, entregando a resistência para que seja massacrada.
Que se estenda a Iraque o levantamento do Egito! Pela derrota militar do imperialismo ianque no Iraque! Que volte a pôr-se em pé a marcha do milhão de operários contra a guerra nos EUA! Que voltem a parar os portos de Oakland, para que não vá nem uma espingarda, nenhum tanque mais ao estado assassino do Israel, ás burguesias de tudo Oriente Médio serventes do imperialismo; e que se embarquem armas e alimentos para as massas insurretas!
Visto desde aqui se compreende o terror do imperialismo e a burguesia mundial ante a revolução que começou no Egito. A burguesia percebe perfeitamente o caráter de "bomba atômica" para seus interesses que tem o avanço duma revolução vitoriosa do Egito para tudo Oriente Médio, Europa e EUA.

A revolução do norte da África e Oriente Médio é um novo teste ácido que revela a bancarrota dos renegados do trotskismo, devindos em conselheiros da burguesia "democrática".

As direções traidoras impedem no Norte da África e Oriente Médio se concentrem as forças do proletariado mundial. A tarefa dos trotskistas é propor valentemente, a nível internacional, ante os olhos de todo o proletariado mundial e de Oriente Médio e Egito em particular, o enorme combate e possibilidades de triunfo que estão por diante.
A burguesia e seus regimes não estão fortes. As cabeças de seus ditadores rodam no Norte da África e Oriente Médio. La predisposição ao combate das massas da Europa é enorme.
Sua fortaleza hoje reside só no sustento das direções traidoras do proletariado no meio de sua bancarrota.
Nesta perspectiva é que a alternativa já é de ferro. Ou destruição do Estado burguês, desmantelamento de sua maquinaria contra-revolucionária de homens armados serventes do imperialismo e avançar á revolução para que tenha pão, trabalho, terra, liberdade e independência nacional; ou segue o mesmo cachorro com diferente colarinho, enfeitado com as tachas do reformismo.

É muito bom, desde meu ponto de vista, que novos acontecimentos e novas revoluções nos proponham os debates chaves do marxismo sobre a

2001. Milícias internacionais dirigem-se a combater ao Afeganistão.

ditadura do proletariado. Aproveitemos a oportunidade que nos dá esta onda de revoluções que começou no Norte da África. Ali, os organismos de luta política de massas ainda são embrionários. Prima à espontaneidade das massas, em suas ações.

Os reformistas e a burguesia se tem dedicado totalmente para que não surjam nem se desenvolvam os soviets, os organismos de duplo poder, de autodeterminação das massas, de democracia direta; como o são as milícias que surgem pelo desarmamento das delegacias, ou como o são os comitês de operários e comitês de fábricas que estão arrastando ao proletariado ao combate nas ruas.

Muito inteligentemente, a burguesia tirou ao exército ás ruas e o tenta fazer passar como "neutral". O exército não é neutral. A banda de homens armados e sua casta de oficiais fazem parte da conspiração, junto a Obama, os Clinton e Mubarak, contra a revolução operária que começou.

É de vida ou morte que as massas exploradas vejam não só como inimigo á assassina polícia segreda e á polícia, senão também á casta de oficiais que sustentou durante 30 anos ao assassino Mubarak. Isso há que dizer-lhes aos soldados rasos, que têm que optar: Com os operários e os setores empobrecidos do campo e a cidade pelo pão e o trabalho, contra o Estado sionista fascista de Israel, junto às martirizadas massas palestinas; ou com a casta de oficiais sustentando a Mubarak e seus sustentadores de ontem -como os Irmãos Muçulmanos- e de hoje, como El-Baradei.

Por isso, que à "marcha do milhão de homens" a encabece os tanques com os soldados rasos, os operários, e as milícias dos explorados. Assim se acabariam em um segundo Mubarak e seu odiado regime.

Aos soldados rasos lhes propomos: "Com as massas do Iraque e do Afeganistão, invadidas pelas tropas imperialistas; ou com a casta de oficiais gurka servente do Bush, Obama e o sionismo para massacrar às massas de Oriente Médio."

A luta por comitês de soldados e por destruir á casta de oficiais fecha também a outra alternativa de saída que tem a burguesia, que é a de impor um governo militar "nacionalista" para desviar a investida revolucionária das massas. Não o podemos permitir. Como também não podemos permitir a política sinistra do reformismo e os renegados do trotskismo de dar-lhe conselhos á burguesia e seu Estado sobre como sair de sua crise. "Façam uma assembléia constituinte nacional e dêem muita democracia" lhes dizem.

Assim o reformismo utiliza as demandas de democracia extrema não como um degrau na luta da classe operária senão como uma armadilha em sua luta para estrangulá-la. Porque somente um governo provisório revolucionário de operários e setores empobrecidos da cidade e o campo, sustentado nos organismos de autodeterminação e armamento das massas poderá chamar a uma assembléia constituinte realmente soberana e democrática, para garantir, com armas nas mãos, que se rompa com o imperialismo. Sem armamento não há pão, nem sequer democracia nem liberdade e nem que falar de conseguir a independência nacional.

Desde a FLTI, então, fugimos de toda posição normativista sobre os soviets e de mistificação dos mesmos. São organismos de luta política, que há que armá-los para tomar o poder.

Quando Lenine e Trotsky alertavam que entravam oportunistas e carreiristas (Kerensky, os mencheviques, os charlatães socialdemocratas, etc.), o ponto do combate esteve centrado no programa dos bolcheviques de "todo o poder aos soviets" como única forma de conseguir o pão, a paz e a terra.

Primeiro, foi uma explicação paciente. Depois, com tácticas como a de "Abaixo os ministros capitalistas!", com a que demonstraram à ampla maioria de os explorados que os charlatães, oportunistas e carreiristas preferiam fazer um acordo com o partido kadete antes de tomar eles o poder e governar em favor dos operários e os camponeses.

Logo depois veio a derrota de Kornilov, ao que os bolcheviques se enfrentaram com uma tática de frente única nas ruas, sustentando a Kerensky como a corda sustenta ao enforcado. Mas depois, quando seguem os soviets colaboracionistas e em setembro o partido bolchevique dúvida em tomar o poder, e as condições começam a descompor-se, Lenine não tem nenhum problema em propor "tomemos o poder com os comitês de fábrica e a guarda vermelha do soviet".

Quando a direção do partido bolchevique tinha posições mais e mais centristas respeito de organizar já a insurreição, Lenine propunha, já com maioria bolchevique nos soviets, tomar o poder inclusive com a guarda militar do partido. Mencheviques e SR incitavam com o chamado a uma constituinte e Lenine afirmava: "Sim, quanto antes, se a chamam a utilizaremos para explicar que somente tomando o poder pelos soviets se resolveram os problemas das massas". E afirmava que uma república operária é um milhão de vezes mais democrática que até a mais democrática das repúblicas burguesas parlamentares. No soviet está a ampla maioria de a população que decide democraticamente dia por dia seus assuntos, com democracia direta e sobretudo com armas nas mãos para fazer cumprir tudo o que resolve. É más, ainda depois de tomar o poder, os bolcheviques chamaram a uma assembléia constituinte para explicar e demonstrar que não dava nem a paz, nem a terra, nem o pão, terminou sendo uma assembléia constituinte com o porteiro do edifício golpeando as mãos dizendo, "bom se vão todos, por favor".

Tudo, inclusive constituinte quanto antes, era para explicar e fortalecer a luta por todo o poder aos soviets. Os reformistas, os renegados do trotskismo, estão num ângulo de 180 graus da política leninista, seu programa é todo o poder à assembléia constituinte, aos parlamentos democráticos burgueses, para salvar ao Estado burguês da revolução proletária. Não estamos frente de parteiros da revolução senão frente de aborteiros da mesma.

Camaradas, os soviets são um médio para a insurreição, como os sindicatos são um médio para a luta econômica. Os soviets som os organismos para a insurreição, e nos passos prévios, para que as massas tomem todos os problemas em suas mãos, independetizar-se do estado burguês.

Creio que a discussão sobre os soviets é estratégica, porque ali madurará o partido revolucionário capaz de dirigir a tomada do poder. Sem este partido, os soviets, como qualquer organização de luta da classe operária, voltam-se totalmente impotentes em mãos das direções colaboracionistas e reformistas.

Chegou a hora de aprofundar a luta por reagrupar, ao calor da revolução da Tunísia e o Egito, ás forças sãs do movimento trotskista internacional, as organizações operárias revolucionárias a no caminho de refundar a IV Internacional

Como vemos a situação do Egito, como ontem na Tunísia, e como se prepara a estourar hoje na Jordânia, Síria, Iêmen, Argélia, devem concentrar -e já concentram- a atenção de todos os revolucionários internacionalistas. O reformismo ficou pintando um teto sem a escada. Só balbucia.

A burguesia, aterrorizada, vê que se roda a cabeça de Mubarak se levanta novamente a revolução palestina, mas

esta vez junto a seus irmãos palestinos da Jordânia, Líbano e Síria. A burguesia e o imperialismo vêm derrubar-se dia trais dia seus dispositivos contrarevolucionários do Estado egípcio sob as ordens de Mubarak, aliado indestrutível do Estado sionista contrarevolucionário do Israel. Isto ameaça com desbaratar o controle imperialista de toda a região.

Estamos presenciando, assim mesmo, o desmascaramento das burguesias nativas como serventes e sócias do imperialismo, como na Bolívia, onde os “bolivarianos” impuseram um brutal aumento da nafta.

No Oriente Médio, Hamas, junto aos Irmãos Muçulmanos do Egito, impede que se derrube o muro de Rafah. Inclusive fazem um “cordão humano” para que isto não suceda.

Os Irmãos Muçulmanos eram irmãos de Mubarak, com o que pactuavam, junto a Hamas e sob a direção de Obama e o imperialismo ianque, a rendição das massas palestinas.

Frente á fome e os padecimentos inacreditáveis das massas, o *strip tease* do inimigo já é evidente.

As massas do norte da África estão demonstrando que somente derrotando nas ruas aos governos e regimes da burguesia e o imperialismo se pode avançar a dar uma luta minimamente séria pelo pão e o trabalho. São a verdadeira chama que pode voltar a incendiar á classe operária européia, que para conseguir pão e trabalho deverá derrocar revolucionariamente á V república francesa, á monarquia espanhola e inglesa, ao regime do Bundesbank e os das demais potências imperialistas, junto ao parlamento e a Europa imperialista de Maastricht.

Mas, o que é mais importante ainda, é que os combates revolucionários do norte da África já demonstram que foi deslocado também o dispositivo do reformismo, que chamou á classe operária na Europa e a nível mundial “a regular os ajustes”, a pedir “retificação” dos mais brutais ataques contra a classe operária da Europa e dos EUA, enquanto chamou a submeter á classe operária aos imperialismos “democráticos” e as burguesias “bolivarianas” na America Latina ou “nacionalistas” na África e Oriente Médio.

Os reformistas estão num sério aperto. Hoje, as ações revolucionárias de massas já começam a utilizar a linguagem do programa do trotskismo. Ontem dissemos “estamos e continuamos mal porque não tomamos o poder nem na Grécia, nem na Bolívia, nem na França, nem na Guadalupe, nem no Madagáscar”. Hoje, as massas da África do norte propõem essa perspectiva para triunfar.

O reformismo ficou abertamente do lado da burguesia. Todos seus partidos conspiram contra as massas para impedir o início e o triunfo da revolução. Calham que se fazem “gasolinaços”, como na Bolívia, e se largam pacotes de aumento da carestia da vida e um desemprego crônico -que significam padecimentos inacreditáveis das massas- porque um punhado de cerealíferas, para fazer suculentos lucros, tem monopolizado todos os “commoditties” do planeta.

Calam e silenciam que em Wall Street, no Bundesbank, na city de Tóquio e de Londres figuram valores que estão 10 vezes acima do valor de cada bem produzido pelo trabalho humano, o que indica que o capitalismo já se está comendo os bens e riquezas que nem sequer produziu, e isto é a causa fundamental da inflação.

Negam-se a explicar ás massas que os EUA emitem dólares falsos, sem respaldo, para cobrir seus déficits e entregar-los a seus bancos, para que estes os prestem com interesses usurários ao mundo colonial e semicolonial, e inclusive aos próprios países imperialistas afundados, que devem aplicar mais e mais ataques contra a classe operária.

Somente o trotskismo explicou que (a classe operária, NdT) não terá pão, trabalho nem terra se não expropriamos aos banqueiros do Wall Street, da city de Londres, e se não coordenamos e centralizamos o combate da classe operária do mundo colonial e semicolonial e os povos oprimidos do mundo com o proletariado dos países imperialistas, que é atacado ao mesmo nível que as massas do mundo semicolonial, e avançamos ao triunfo da revolução socialista internacional.

Enfrentamentos entre a polícia e os operários no Egito

Estas condições não deixaram viver em paz ao reformismo. Não viverão em paz esses partidos “anticapitalistas” que sustentam ao capitalismo. Não viverão em paz os que falam de “socialismo” e só lhe dão receitas aos regimes decrépitos dos Estados semicoloniais para que, com uma passada de pintura “democrática”, estes se mantenham.

Estas condições não deixaram viver em paz ao reformismo. Não viveram em paz esses partidos “anticapitalistas” que sustentam ao capitalismo. Não viveram em paz os que falam de “socialismo” e só lhe dão receitas aos regimes decrépitos dos Estados semicoloniais para que, com uma passada de pintura “democrática”, estes se mantenham.

Não poderá viver em paz -e estouraram em vinte mil pedaços- quem tem dito á classe operária espanhola, grega, francesa, inglesa, etc. que havia que fazer “um Maastricht mais social” e não o derrocar, como tentam faze-lho as massas do norte da África e Oriente Médio com seus regimes e governos.

A inflação e a recessão nos países capitalistas centrais, e as super lucros do capital financeiro parasitário, assentadas na decadência das forças produtivas e nas misérias das massas, chocam hoje como revolução e contrarevolução a nível mundial.

O capitalismo promete “novas revoluções tecnológicas” e com seus golpes contra as massas, só manda á idade média à absoluta maioria do planeta. Nenhum dos estados maiores do reformismo nem a V Internacional tem chamado ás massas nem sequer a realizar um 0,1% das ações revolucionárias do que estas realizaram na Tunísia e no Egito.

Chegou a hora de romper o cerco do movimento revolucionário e dar um salto para adiante para refundar a IV Internacional. Pão e terra, e todo o poder aos soviets! Para comer: revolução socialista, expropriar aos banqueiros de Wall Street e o Bundesbank; centralizar as forças internacionais da classe operária para preparar uma ofensiva revolucionária que jogue fora a Mubarak, Obama, Sarkozy, aos assassinos da Rússia Branca de Putin-Medvedev, às miseráveis burguesias negras da África, serventes do imperialismo, e as burguesias nativas do Oriente Médio e America Latina. Chegou a hora de convocar novamente a uma nova conferência internacional das organizações operárias revolucionárias e das forças sãs do movimento trotskista internacional, para sentar as bases para refundar a IV Internacional sob o programa de 1938.

Um forte abraço
Secretariado de Coordenação Internacional

03-02-2011 CARTA DO POI-CI DO CHILE À FLTI

Revolução e contrarevolução cara a cara no Egito

As grandiosas ações das massas que sitiavam a cidadela do poder, insurrecionavam-se e abriam a revolução no Egito, hoje tentam ser desviadas com a política traidora das direções pequeno burguesas e burguesas como o movimento "6 de abril" e El Baradei e os Irmãos Muçulmanos.

Mas Por que apesar da heróica ação das massas egípcias ainda não caiu o governo e o regime e, pelo contrário, as forças da reação se reagrupam e lançam um ataque contrarevolucionário?

É que depois de que as massas abrissem uma verdadeira insurreição, desarmassem á polícia e saíssem ás ruas por milhões, combatendo contra o regime de Mubarak, questão que abriu uma crise revolucionária e deixou pendurado no ar ao governo e o regime bonapartista de Mubarak, lacaio do imperialismo ianque, as massas não tomaram o poder.

O terror que lhes produz a revolução egípcia aos estados maiores da burguesia imperialista mundial se deve a que o combate das massas egípcias choca de frente contra o dispositivo contrarevolucionário do imperialismo na região que é o estado de Egito junto ao assassino estado sionista fascista de Israel.

A burguesia precisa impedir a toda costa que triunfe a revolução no Egito, isto é, precisa fechar a crise revolucionária que abriram as massas em luta pelo pão, o trabalho e contra o saque imperialista, e é vital para eles impedir que estoure pelos ares o dispositivo contrarevolucionário para conter ás massas da região, que é o estado de Egito, já que de suceder isto, se abriria o caminho para que se levantem os explorados de todo Oriente Médio contra o imperialismo. Por isto Obama, El Baradei, Os Irmãos Muçulmanos e o Movimento 6 de abril tentam transformar esta grandiosa insurreição que protagonizam as massas egípcias -com a "marcha do milhão de pessoas" totalmente desarmadas- numa luta pacífica por "a democracia e a liberdade em geral", isto é uma "revolução de terciopelo" oposta à revolução proletária.

O grande problema que concentra hoje a grandiosa revolução que se abriu no Egito é que as massas não conseguiram generalizar o armamento para enfrentar à oficialidade do exército, dividindo-o e ganhando aos soldados rasos para as filas da revolução; única forma de enfrentar e achatar definitivamente às bandas fascistas contrarevolucionárias de polícias, lúmpenes e servidores públicos pagados pelo estado assassino quem, armadas até os dentes, ingressavam com o apoio da oficialidade do exército, á praça principal para tentar massacrar ás massas desarmadas. Só conquistando o armamento generalizado das massas, estas poderão avançar já na tarefa do momento, que não é outra que a tomada do poder e o triunfo da revolução.

As massas não se fizeram do poder e hoje no Egito revolução e contrarevolução se vêem a cara: Por um lado, o proletariado começa a confraternizar com a base do exército e ameaça com parti-lo, ganha-se às classes médias empobrecidas e empurra cada vez mais a ações superiores (questão que mostra que já faz tempo as massas insurrectas estão muito próximo do poder). Por outro lado, as direções burguesas e pequeno burguesas tentam adormecer ás massas com a sinistra política de democracia e "mudança democrática", atuando como verdadeiros cavalos de Tróia, desarmando ás massas para que atuem as bandas contrarevolucionária do estado burguês, agente do imperialismo. Esta é a mesma política da frente democrática que o imperialismo e seus governos lacaios aplicaram para achatar ás massas na Palestina, Honduras e Bolívia.

Pero las masas han demostrado que no está dicha la última palabra. A pesar y en contra de las direcciones refor mistas que intentan desviar la revolución con huelgas de presión y marchas pacifistas, los explotados egipcios están lejos de rendirse y combaten valientemente a las hordas contrarrevolucionarias.

Por esto es que hoy más que nunca está planteado retomar y redoblar la ofensiva que las masas abrieron con la revolución. Para ello es necesario romper con la política

As heróicas massas do Egito enfrentam às bandas fascistas de Mubarak e o imperialismo

pacifista de las direcciones burguesas y pequeño burguesas que intentan abortar y cercar la grandiosa revolución que abrieron los explotados egipcios, poniéndola a los pies de la transición burguesa "democrática" impulsada por Obama, política que permite que el estado se envalentone y saque a las calles sus bandas contrarrevolucionarias para aplastar al proletariado.

Esta política es la que impide, por el momento, que la movilización de millones de explotados en Egipto establezca ya un verdadero Congreso que aglutine a todos los organismos que las masas en lucha han puesto en pie, y que comience a funcionar como un gran parlamento obrero y de los sectores empobrecidos del campo y la ciudad, que destruya al régimen burgués y se haga del poder.

Es decir el problema central de la revolución en Egipto es que, pese a la insurrección protagonizada por las masas egipcias, aún no se destruyó el régimen ni se tomó el poder. Esto agudiza a grados extremos la crisis de dirección revolucionaria y demuestra el límite de la espontaneidad de las masas que, por más grandiosa que esta sea, como lo muestran las masas de Egipto, no es suficiente para organizar la insurrección triunfante y tomar el poder. Las masas egipcias precisan hoy más que nunca derrotar a las direcciones reformistas y poner una dirección revolucionaria a su frente.

Pedro y Joaquín por la dirección del POI-CI de Chile

Mas as massas demonstraram que não está dita a última palavra. Apesar e na contramão das direções reformistas que tentam desviar a revolução com greves de pressão e marchas pacifistas, os explorados egípcios estão longe de render-se e combatem valentemente às hordas contrarevolucionárias.

Por isto é que hoje mais do que nunca está proposto retomar e redobrar a ofensiva que as massas abriram com a revolução. Para isso é necessário romper com a política pacifista das direções burguesas e pequeno burguesas que tentam abortar e cercar a grandiosa revolução que abriram os explorados egípcios, pondo-a aos pés da transição burguesa "democrática" impulsionada por Obama, política que permite que o estado tome valor e saque as ruas suas bandas contrarevolucionárias para achatar ao proletariado.

Esta política é a que impede, pelo momento, que a mobilização de milhões de explorados no Egito estabeleça já um verdadeiro Congresso que aglutine a todos os organismos que as massas em luta puseram em pé, e que comece a funcionar como um grande parlamento operário e dos setores empobrecidos do campo e a cidade, que destrua ao regime burguês e se faça do poder.

É que o problema central da revolução no Egito é que, pese á insurreição protagonizada pelas massas egípcias, ainda não se destruiu o regime nem se tomou o poder. Isto agudiza a graus extremos a crise de direção revolucionária e demonstra o limite da espontaneidade das massas que, por mais grandiosa que esta seja, como o mostram as massas do Egito, não é suficiente para organizar a insurreição triunfante e tomar o poder. As massas egípcias precisam hoje mais do que nunca derrotar ás direções reformistas e pôr uma direção revolucionária a sua frente.

Direção do POI-CI do Chile

04/2/2011 CARTA DO SCI PARA TUDA A FLTI

Enquanto o exército abria às ruas para que golpeiem as forças contrarevolucionárias, os explorados na "Praça da Libertação" lhes infringiam uma dura derrota

No Egito a revolução segue viva

Há que pôr em pé já os comitês armados de operários e soldados rasos para achatar ao regime infame e que a classe operária se faça do poder!

Neste momento, as notícias que nos chegam é que Mubarak estaria pedindo asilo político. Cada vez que são derrotadas suas intentonas contrarevolucionárias, Mubarak anuncia seu retiro. Cada vez que as direções das massas impedem que estas tomem o poder, Mubarak e seu regime infame voltam a respirar e a tentar manter-se.
As massas, por crises de direção, deixaram já muitos mortos na luta por achatar às bandas contrarevolucionárias, que seguem massacrando, enquanto o imperialismo procura uma transição ordenado à saída de Mubarak.
Heroicamente as massas defenderam os postos de luta.

É o exército o que garante o acionar das bandas fascistas, já que está nas ruas, controlando o acesso ao território das cidades, para impedir o armamento do proletariado. Disso se trata a "neutralidade do exército", que não é outra coisa que garantir que as massas não se armem para permitir a ação das hordas contrarevolucionárias. Isto também fazem os "paladinos da democracia" do El-Baradei e os Irmãos Muçulmanos. Todos eles revisam as bolsas dos que entram à Praça Tahrir, para controlar que as massas não levem armas.
Porque as massas armadas rapidamente tomariam as fábricas, os bancos e os poços de petróleo. Isto é porque lutam por liberdade… mas também por PÃO E TRABALHO. Essa é a liberdade que querem as massas, a de comer; e para isso estão derrocando, com uma magnífica revolução, ao assassino Mubarak.
O imperialismo joga sua vida para que não generalize o armamento das massas, já que com a fugida de Mubarak, e se o proletariado conquista suas milícias operárias e divide horizontalmente sua base ao exército, pode garantir a tomada do poder por parte dos explorados.
A chave das direções burguesas e pequeno burguesas, organizadas em uma "frente democrática", é impedir o armamento das massas e a destruição da casta de oficiais do exército. Isso é assim, pois com a queda de Mubarak, seriam eles os fiadores da propriedade privada do conjunto das frações da burguesia e o imperialismo no Egito. Esta é a garantia que dá esta fração da burguesia a Obama, a Mubarak, ao sionismo e à burguesia mundial: que a classe operária não tomara o poder.
Começou a jogar todo o seu papel contrarevolucionário a "frente democrática" para abortar a revolução e conspirar contra ela. Assim o vimos em dezenas e dezenas de revoluções e levantamentos antiimperialistas estrangulados e expropriados, como na Bolívia, Honduras, etc. O resultado está por ver-se. A queda de Mubarak seria um triunfo das massas e um estímulo a aprofundar seu combate. Mas também, o pérfido acionar da "frente democrática" não só permitiria expropriar a revolução, senão também contê-la com cantos de sereia, o que não seria mais que uma transição para novas azoadas contrarevolucionárias.

Não obstante a burguesia teme que a queda de Mubarak possa desenvolver a confiança das massas em suas próprias forças. Sabe-se muito bem que isto poderia romper, em sua dinâmica, como está sucedendo na Tunísia, este novo dispositivo que lhe puseram às massas à frente de sua luta, como um verdadeiro cavalo de Tróia, para impedir o triunfo da revolução, e para que os explorados não avancem à tomada do poder, que é a única forma de conquistar a independência nacional, o pão e o trabalho.
Ademais a burguesia sabe que a queda de Mubarak seria um acicate para o levantamento revolucionário das massas palestinas no Líbano, na Jordânia, na Gaza e em toda a Palestina ocupada.

Mubarak, sustentado por Obama, mandou às bandas contrarevolucionárias. O outro agente do imperialismo, a casta de oficiais do exército, garantiu que as massas não se armassem, ou bem que não usassem as armas que tem as massas para achatar às hordas contrarevolucionária da polícia secreta, a polícia sem uniforme e lúmpens pagos. Enquanto isso, El-Baradei e os Irmãos Muçulmanos se preparam para fazer um governo de unidade nacional, inclusive com o vice-presidente nomeado ontem por Mubarak.
Este é o plano para fechar a crise revolucionária que se abriu nas alturas, para que as massas não se façam do poder, em momentos em que Mubarak já prepara sua fugida a Montenegro (Lugoslávia), impondo-se isso como um primeiro triunfo parcial dos explorados.

O momento é crítico. A crise de direção tem se exacerbado. Mas a ação das massas é exemplar, apesar e na contramão da direção que têm a sua frente.
Os centros de concentração das massas não puderam ser tomados. Combate-se em todas as cidades. Como sucedeu na Tunísia com Ben Ali, hoje no Egito começa a rodar a cabeça de Mubarak.
Estamos presenciando um dispositivo contrarevolucionário onde cada agente do imperialismo joga seu papel, com Mubarak fugindo, a "frente democrática" impedindo o armamento das massas e sustentando à casta de oficiais do exército, que a sua vez garante o desarmamento das massas para que estas não possam fazer-se do poder quando foge Mubarak.
O armamento generalizado das massas, o esmagamento das hordas contrarevolucionárias, o chamado aos soldados a romper com a casta de oficiais de Mubarak - que encobriu às bandas assassinas -, a um congresso de delegados de toda a classe operária e os explorados que combateram nas ruas e que se tomaram as delegacias policiais e as fábricas na Praça Tahrir ("a praça da revolução") do Cairo e em cada região ou cidade devem realizar-se já. Os comitês populares revolucionários devem convocar a este congresso já! Esse congresso das massas armadas em luta, sob a direção da classe operária não deve reconhecer a nenhum governo eleito desde as embaixadas e desde Nova York e Berlim, de costas das massas em luta! Quem são eles para mandar no Egito? Os que lutam realmente pelo pão, o trabalho e a independência nacional são os que devem tomar o poder em suas mãos!
O GRITO DE GUERRA DEVE SER: HÁ QUE DERROTAR MUBARAK PARA CONQUISTAR O PÃO E TRABALHO DIGNO PARA TODOS! EXPROPRIEMOS SEM PAGAMENTO E SOB CONTROLE OPERÁRIO OS BANCOS, AS TERRAS, AS PETROLEIRAS IMPERIALISTAS E OS GRANDES SUPERMERCADOS! PÃO E TRABALHO PARA TODOS! QUE VIVA A REVOLUÇÃO OPERÁRIA!
Os embates revolucionários do Egito têm dono. É a classe operária e as massas exploradas do campo e da cidade. Obama, El Baradei, os Irmãos Muçulmanos são os que pactuaram e sustentaram durante décadas a Mubarak como também o fizeram com o sionismo contrarevolucionário.
Os aliados das massas do Egito são os explorados da Tunísia, os que seguem seu caminho no Iêmen, Argélia, Jordânia. São os explorados que com o avanço da revolução no Oriente Médio e no Norte da África levantaram-se como chispas e que esta cruze o Mediterrâneo para incendiar França, Grécia, Irlanda, e pôr novamente em pé a luta antiimperialista da classe operária norte americana.
A luta pelo pão e o trabalho é a pólvora por onde corre a chispa que incendeia

Oriente Médio e que deve incendiar todo o planeta. Essa é a tarefa dos trotskistas e os que lutamos por refundar a IV Internacional.

No Egito, há que romper o dispositivo que pôs a burguesia para impedir que as massas se façam do poder com a caída de Mubarak, com milícias e auto-organização das massas para tomar o poder!
O momento da crise revolucionária e de vazio do poder está chegando a seu ponto culminante. Ou as massas que combateram fazem-se do poder, ou o fará a burguesia e estrangulará a revolução.
"Frente democrática" desarmando às massas e bandas fascistas que seguem seqüestrando e assassinando aos melhores dirigentes das massas em luta… há que o impedi-lo já!
Os militantes do Fórum Social Mundial, os serventes de esquerda do imperialismo, como os alquimistas, recorrem com suas receitas à burguesia para dizer-lhes que façam já uma Assembléia Constituinte que legitime ao governo de unidade nacional dos ministros de Mubarak, El-Baradei e os Irmãos Muçulmanos, sob o comando de Obama, que não foi eleito por ninguém.
Os trotskistas afirmamos que nem sequer pode ter uma Assembléia Nacional, isto é democracia burguesa até o final, nem liberdades públicas, que são achatadas pelas hordas fascistas, sem o armamento generalizado das massas e se estas não fazem-se do poder. O governo dos operários e os explorados em luta é o único que tem legitimidade para assumir o poder.
A classe operária e as massas são a maioria do Egito. São as que defenderam nas ruas e nas praças contra Mubarak, sua polícia assassina e a casta de oficiais. Um governo de unidade nacional, surgido de costas às massas, votado nas embaixadas, no Wall Street, na City de Londres ou de Berlim, e com a bênção do sionismo, não tem nenhuma legitimidade para assumir nenhum poder no Egito. Só pára manter a propriedade dos exploradores e garantir o submetimento do Egito ao imperialismo.
A burguesia e o imperialismo procuram manter a continuidade de seu domínio contra as massas insurretas, impondo-lhes um adoçante ao veneno do controle capitalista imperialista do Egito e de todo o Oriente Médio. No Iêmen, na Jordânia, na Argélia já se antecipa a queda dos primeiros ministros, eleições antecipadas, etc.

As massas no Egito confraternizam com a base do exército

Basta! Todo o poder à classe operária e os explorados! Viva a unidade da classe operária do Oriente Médio e do norte da África!
Que se volte a incendiar Atenas!
Que se levante Mazar-i-Shariff e Fallujah e sejam achatadas as tropas invasoras do Iraque e Afeganistão!
Por uma Federação de Repúblicas socialistas do Oriente Médio!
Pela unidade da classe operária mundial! Que viva a revolução proletária!

Um forte abraço
SCI da FLTI

09/2/2011 CARTA DO SCI PARA TUDA A FLTI

DUAS ESTRATÉGIAS PARA A INSURREIÇÃO QUE COMEÇOU: REFORMA DO ESTADO BURGUÊS SEMICOLONIAL PUTREFATO OU REVOLUÇÃO OPERÁRIA E SOCIALISTA

A todos os grupos e militantes da FLTI:

Recebemos a notícia da saída do Africa Workers Organizer (Organizador Operário Africano). Não podemos menos do que saudar a saída de um porta-voz revolucionário dos trotskistas internacionalistas da FLTI.

O primeiro que queremos esclarecer é que esta correspondência que estamos publicando para todos nossos militantes são cartas de elaboração e debate político. Permitem que todos nossos militantes e influência possam seguir ao dia a elaboração de nossa corrente internacional sobre um processo de revoluções que se sucedem dia a dia no norte da África e Oriente Médio. Não são declarações públicas no sentido de documentos oficiais. Insistimos, é a tentativa de seguir e sacar conclusões ao dia, sobre os processos revolucionários da Tunísia e do Egito quando os fatos mesmos estão sucedendo, e dar conta das rápidas mudanças que há na situação.
A esta correspondência a faremos pública no Organizador Operário Internacional. É que o vemos de suma utilidade para que possam intervir na elaboração todos os militantes revolucionários internacionalistas do mundo.
Não deixam de chegar dezenas e dezenas de aportes e contribuições. A democracia revolucionária é fundamental para poder elaborar teóricamente e politicamente o programa e a intervenção de nossa corrente nas massas.
O que propomos nesta carta é base da elaboração dos documentos oficiais de nossa fração internacional.
O ajuste e as críticas a pontos concretos destas cartas e aos rascunhos de documentos servem para que juntos conquistemos uma homogeneização política, no meio de dificilíssimos acontecimentos. As cartas são como intervenções orais, em voz alta, numa reunião, onde todos nos podemos corrigir e ajudar, para poder chegar às melhores posições e nas melhores condições aos acontecimentos.

Se vocês olham na carta do 4/2 damos como muito provável a saída de Mubarak. É que as massas vinham a derrotar a intentona contrarevolucionária nas ruas e havia possibilidade de mudar-lhe o conteúdo à "marcha do milhão" e à greve geral de pressão que chamava a direção reformista da luta. Isso não se deu. O processo revolucionário não subiu um degrau mais nas tarefas imediatas que estavam e estão propostas, como a de partir o exército, pôr em pé os comitês de soldados e um verdadeiro parlamento operário de todas as organizações das massas em luta. Indubitavelmente, por agora isso impediu a derrota de Mubarak. Mas o processo, longe de estar derrotado, não deixa de massificar-se.
O governo sacou do cárcere a um "democrata" gerente de Google para pôr à pequenoburguesia alta à cabeça da praça e dar-lhe um caráter "bondoso" e "pacífico" à revolução que começou (enquanto deixa a dezenas de milhares de presos torturados nos cárceres desse regime infame). Mas o único que conseguiu foi que entrassem ao combate novos setores ativos da classe média. Isto tonificou a luta. E agora ingressou o movimento operário com as demandas de "salário já!" e "trabalho para todos!"
No momento em que escrevemos esta carta, colunas operárias se estão dirigindo à Praça da Libertação, tomam-se os poços de petróleo no Canal de Suez e 3000 combatentes da revolução estão incendiando a central da polícia no El Cairo. Isto é, como diria Lenine, "os de acima não podem e os de abaixo não querem" e persistem em não querer, já que exigem a saída do Mubarak. Os explorados entendem que somente assim se avançará a conquistar o pão.
Uma revolução operária e socialista começou e mantém viva toda sua potencialidade. Somente triunfará como insurreição, demolindo até o último tijolo do regime infame e todas suas instituições sustentadas pela burguesia e o imperialismo. Só triunfará se a classe operária e as massas em luta, neste vazio de poder, se o tomam. Mas para isso, há que romper ao exército que, insistimos, não é nem "neutral" nem "democrático". Sua casta de oficiais e seus tanques são a última reserva do estado burguês para

massacrar às massas, como veremos mais adiante.
A situação no Egito que combina uma crise revolucionária nas alturas e uma insurreição de massas que tende a massificar-se deve definir-se num curto período. Todos os olhos da classe operária mundial devem estar postos ali.
É que Mubarak segue resistindo graças ao nefasto papel das direções da "frente democrática" e porque Egito evidentemente, para o imperialismo, não é o mesmo que a Tunísia. Um processo que derrube essa verdadeira autocracia do Egito e seu regime, onde se assenta o imperialismo para dominar Oriente Médio, seria uma gravíssima derrota para este. Estamos falando do dispositivo contrarevolucionário mais importante, junto ao Estado sionista-fascista de Israel, do imperialismo na região.
As massas querem derrotar Mubarak. Mas suas direções e a burguesia "democrática" que manipula esta luta reúnem-se de costas às massas para conspirar contra a revolução, junto com Mubarak e seu vice-presidente.
Até o momento, o combate das massas foi levado a uma luta de pressão *in extremis*. Perigosamente se está demorando em partir o exército, que só deixa entrar à praça às forças de choque contrarevolucionárias armadas até os dentes, e revisa completamente aquele que entra para lutar, como já o começam a denunciar publicamente os combatentes da Praça Tahrir.
As massas, por não partir o exército e por não centralizar e desenvolver seus organismos soviéticos, devido à traição de suas direções, não pode aproveitar o vazio do poder que existe no Egito, fechando a crise revolucionária a seu favor com a tomada do poder.
Sobre esta situação atua o imperialismo, a burguesia, o regime e o governo de Mubarak e também a "frente democrática" que, como verdadeiros Cavalos de Tróia, estão na Praça da Libertação amarrando-lhe as mãos das massas, para que não vão até o final e se façam do poder.
Não podemos esquecer - embora hoje vejamos que circunstancialmente estende-se, desenvolve-se com uma nova energia e se massifica a luta revolucionária das massas - da experiência da Tailândia em 2010. Ali a direção pequenoburguesa e burguesa do movimento desgastaram o levantamento revolucionário das massas durante 2 meses, sem dar-lhe uma saída, isolando-o e cercando-o cada vez mais numa praça, até que atuaram as forças do exército e a direção burguesa e pequenoburguesa terminou pactuando com o imperialismo e seu regime, deixando os combatentes submetidos à mais sangrenta repressão por parte do exército, que durante todo o levantamento permanecia "neutro".
Inclusive, devemos alertar sobre a experiência de Tiananmen, onde um movimento pequenoburgués encabeçou uma revolta operária contra a burocracia restauracionista chinesa em 1989; e enquanto esta mandava a seus agentes "democráticos" a negociar com os estudantes, preparava um massacre na praça, com tropas trazidas da China profunda .

A revolução na Tunísia não parou de investir contra o governo provisional "democrático", que não é mais do que a continuidade do mesmo regime contrarevolucionário do Ben Alí, mas sem ele.

Parece ser que estas são as variantes que maneja o imperialismo, enquanto faz todo o possível por manter uma saída ordenada de Mubarak e todo o seu regime despótico. Quer impedir que Mubarak seja derrocado pela magnífica revolução operária e popular que começou, que a não duvidar, desmantelaria não só todas as instituições do governo de Mubarak, senão ao Estado semicolonial do Egito. O símbolo disto é a central de polícia ardendo no El Cairo.
Mubarak e o imperialismo se esforçam para que o Egito não chegue tão longe como chegou Tunísia, onde o Estado ficou totalmente debilitado e em crise. Ali as massas já perceberam que sua revolução está sendo expropriada pelos "amigos" de Ben Alí, e começam a ver que todas as instituições sobre as que se assenta o governo provisório não são mais do que a continuidade das instituições ditatoriais do deposto Ben Alí, enquanto o pão segue sem chegar. Com certeza, uma nova investida das massas está se produzindo na Tunísia, e como veremos depois, não faz mais do que reforçar o rendimento cada vez mais massivo e revolucionário dos operários e das massas exploradas ao combate no Egito.
Mas olhemos como as forças "democráticas" na Tunísia e seu governo provisório de Ghannouchi assentam-se no mesmo parlamento arqui-reacionário - cuja maioria de deputados é do Reagrupamento Constitucional Democrático -, na mesma casta de oficiais do exército e na mesma polícia assassina. Esta armadilha não passou na Tunísia, e novos capítulos de uma mesma revolução se seguem desenvolvendo, por pão, pela destruição da polícia e do parlamento de Ben Alí e seus "40 ladrões".
As massas que derrotaram o governo e o regime lutando pelo pão e pelo trabalho, agora querem ir por tudo. Dia a dia desmascara-se a "frente democrática" que governa e está assentada nas instituições contrarevolucionárias de Ben Alí, já que seguem "os 40 ladrões", que só estão ali para tentar expropriar a heróica revolução que começou.

El Baradei junto com o açougueiro Toni Blair

Como dizíamos, uma ação de vanguarda tomou o parlamento e impôs a ilegalização do RCD. Os desempregados ganham as ruas por trabalho. Nas províncias e nas cidades há novos choques armados com a polícia; a mesma polícia de Ben Alí, agora sob o comando do governo transitório "democrático", que segue massacrando às massas. Todas as frações da burguesia e o imperialismo estavam atrás de Ben Alí, saqueando à nação e super-explorando à classe operária.
A burguesia sabe muito bem que tanto na Tunísia como no Egito, está frente a uma revolução operária e socialista. Por isso o governo "de transição" tunisiano está chamando a todos os reservistas a voltar ao exército, já que estão ficando sem polícias para reprimir às massas. Acusa de ser "ações de seguidores de Ben Alí", mas na realidade são ações das massas revolucionárias pelo pão.
A burguesia aprende das lições da Tunísia, e lhe aterroriza esse enorme processo revolucionário no Egito. Isso é o que diz Mubarak quando propõe "Eu, ou o caos", enquanto busca desgastar as massas, apoiado na política impotente que as direções traidoras e a "frente democrática" querem impor aos explorados em luta.
Justamente porque a "frente democrática" não permite à revolução egípcia subir todos os dias um novo degrau, o imperialismo tentará criar as condições para que seja Mubarak quem fechará a crise revolucionária e o vazio do poder que hoje existe, ornamentado com vice-presidentes e mesas de pacto e conciliação com os Irmãos Muçulmanos e a direção pequenoburguesa das massas.
Isto demonstra não é suficiente. As massas apesar de tudo, dia a dia desbaratam de forma persistente todas estas tentativas.
Mas esta política imperialista empalma perfeitamente com a política da burguesia da "frente democrática", que está na praça como cavalo de Tróia, querendo impedir a todo custo a insurreição que começou faz já 15 dias - com tomadas de delegacias policiais, tomas de fábricas, revoltas, greves gerais revolucionárias, enfrentamentos de barricadas, etc. - barra e desmantele o aparelho estatal e esse regime de opróbrio de Mubarak e Obama.

Egito: vazio do poder e crise revolucionária. Ou a classe operária toma o poder com uma insurreição triunfante, ou a burguesia retoma o poder com um banho de sangue e com armadilhas e cavalos de Tróia "democráticos" que expropriam a revolução

Não se falou a última palavra. Os novos combates e jornadas revolucionárias complementares da Tunísia voltam a espalhar ar e fogo revolucionário à revolução do Egito, que tenta ser apagada por todas as direções reformistas do proletariado mundial.
Também não se pode falar que

possam levar à heróica revolução que começou, com centenas de mortos e milhares de feridos, a uma luta de pressão.
A central da polícia ardendo e as greves revolucionárias e combates nas ruas do proletariado que se seguem desenvolvendo, indicam que preparam-se novos saltos para adiante das massas.
Parece que a classe operária se afirma nas cidades do interior, desde onde chegam cotidianamente destacamentos de troca à Praça Tahrir. El Cairo ainda não se rendeu. A tragédia, insistimos, **é que as condições para tomar o poder estão mais que maduras**, mas a direção tem impedido o desenvolvimento e a centralização das organizações de luta das massas, a generalização do armamento e a partição do exército para consegui-lo. Essa é a “imaturidade” do processo insurrecional que começou, a de sua direção, e da sobreabundância de direções traidoras e serventes da burguesia no Egito, no Magreb e a nível mundial, que chamam às massas a não tomar o poder.
Ainda a predisposição à luta das massas, nas piores condições que lhe impõe sua direção, é heróica.
Toda a esquerda mundial que aplaude esta política de “frente democrática”, de “revolução democrática”, não faz mais que sustentar, ante os olhos do proletariado mundial, à direção burguesa que se montou na praça da libertação. São um obstáculo para que a crise revolucionária resolva-se em favor das massas.
O reformismo e os partidos social imperialistas com a mentira de sua “revolução democrática”, o único que fazem é impedir que o proletariado mundial veja que nos acontecimentos da Tunísia e Egito é a classe operária que está protagonizando uma verdadeira revolução socialista, que justamente enfrenta toda a burguesia, com sua demanda de pão e trabalho para todos, atacando todas as instituições do Estado burguês e do domínio imperialista da nação.
Insistimos, Egito não é Tunísia, já que, junto ao Estado sionista de Israel, Egito é o dispositivo contrarevolucionário mais importante do imperialismo no Oriente Médio; como o era o Sha Reza Pahlevi antes da heróica revolução iraniana no começo da década de 80. No Egito concentraram-se todas as forças do imperialismo mundial não só por isto, mas também porque em algum lado têm que parar semelhante embate revolucionário das massas, que se está generalizando em todo o Oriente Médio e, através dos operários do Magreb, pode transformar-se na revolução do Mediterrâneo e impactar toda a Europa.
Ali está o ódio das massas tunisianas contra o Chanceler do governo assassino da V República de Sarkozy. É que estes açougueiros imperialistas sustentaram publicamente, até o final, o odiado governo de Ben Alí.
Esta é a tragédia das massas: correntes sociais imperialistas sem vergonha, inimigos de propor na França que “o inimigo está em casa” e marchar contra a V República ao grito de “Fora Sarkozy! Viva a revolução na Tunísia! Uma só classe, uma só luta por pão e trabalho para todos!”
A situação é muito delicada. Por momentos parecia abrir um impasse na ação das massas. Por outros momentos, as massas voltam a investir. Por momentos as intentonas contrarevolucionárias se voltam agudas. Mas as energias das massas não se esgotaram, apesar das mil tentativas das direções de desorganizar a luta das massas.
Ante cada reunião que se realiza de costas às massas entre o vice-presidente de Mubarak - general do exército - e os partidos burgueses “democráticos” “opositores” inclusos os Irmãos Muçulmanos, a situação gira à direita. Nesses momentos parece ser que são a burguesia e o imperialismo os que fecham o vazio do poder e a crise nas alturas. As forças contrarevolucionárias entram à praça tentando tomá-la, levantam-se os donos dos hotéis denunciando que “por culpa da praça não há turismo, e há fome”. Mais e mais com os tanques do exército cercam-se os combatentes da Praça Tahrir.
Em outros momentos, com a irrupção de milhões no combate, com a aprofundação dos métodos de luta da revolução proletária, o pendulo gira para a esquerda ficando Mubarak, todo o regime e o Estado burguês pendurado por um fio.
A revolução está viva. Mas deve triunfar não só atirando a Mubarak, também dissolvendo a polícia, formando destacamentos armados de operários, camponeses pobres e setores populares arruinados das classes médias, pondo em pé comitês de soldados e destruindo a casta de oficiais. As massas realizam semelhante sacrifício e heroísmo no combate porque viram e compreendem que somente derrocando o governo e ao regime conseguem o pão e o trabalho, as mesmas demandas pelas quais se incendiou Tunísia, o norte da África e agora Egito.
A burguesia não pode permitir que perdure durante muito tempo mais um vazio do poder, mais ainda com um duplo poder territorial e de auto-organização embrionária das massas, como o que existe já faz quinze dias e o que concentrou a atenção de todo o proletariado mundial.
A persistência das massas volta ao governo de Mubarak não só cada vez mais débil, senão que fica atirando nafta ao fogo da situação.
Também está no plano pôr o vice-presidente de Mubarak com o apoio do exército e baseado num pacto com as forças “democráticas”, para impedir que as massas tomem o poder. Isto está proposto também no imediato. A situação seguiria altamente instável, profundamente revolucionária.
No Egito se joga nos próximos dias o futuro imediato do proletariado mundial. A classe operária no Egito tem ao alcance de suas mãos a tomada do poder. É que há um vazio do poder, aberto por uma semi-insurreição e ação independente colossal das massas.
O governo ficou pendurado por um fio, como também todo o seu regime de domínio. As instituições de opressão já não são criveis nem têm nenhuma legitimidade ante as massas. Estas já lhes perderam o medo.
Os de acima já não podem, como diria Lenine, e os de abaixo já não querem; e com ações independentes de massas, estas propõem o problema do poder. A crise é que, por enquanto, não há nenhuma direção revolucionária que o proponha com clareza no meio dos combates.
Em momentos chaves como estes, a crise de direção se volta aguda, já que falta uma pluma para que a balança se incline a favor da revolução e a tomada do poder. Essa pluma que falta é um partido revolucionário, que sem nenhuma dúvida se desenvolvera e forjará ao calor dos acontecimentos revolucionários que se sucedem no planeta.
Por enquanto as ações revolucionárias das massas dão tempo. Mas não podemos perder nem um dia mais.
Insistimos, a crise revolucionária está aberta e não podem manter-se por muito mais tempo. A burguesia e o imperialismo compreendem perfeitamente esta situação. Por isso ontem mandaram seus hordas contrarevolucionárias, e o exército lhes abriu passo, enquanto lhes fechava toda tentativa às massas de entrar armadas à praça.
A burguesia compreendeu esta situação, negocia com uma fração burguesa “democrática” na praça, e pelo outro lado Mubarak diz “não me vou”, enquanto intenta levar ao desgaste e ao isolamento às massas revolucionárias.
O regime procura nova base social. A burguesia joga a culpa às massas da ruína financeira aberta “pelo desastre do turismo”, dá aumentos parciais de salário à burocracia estatal, preparando assim uma base social para novas ações contrarevolucionárias. Mas isso provoca a saída ao combate de milhões de operários que saem às ruas como uma verdadeira coluna central da revolução que começou.
A burguesia conspira. O poder burguês assenta-se na casta de oficiais do exército, insistimos, e nas mesas de diálogos aonde vão os ministros, os Irmãos Muçulmanos, o “Movimento 6 de abril”, e os “democratas” inseridos desde afora no combate.
Cada vez que há uma investida das massas, anuncia-se que essa noite se retira Mubarak. E no outro dia, tudo segue igual. As massas perceberam esta situação. Apesar dos cavalos de Tróia e às direções reformistas do movimento operário e as massas, as energias da revolução se fortalecem

A polícia assassina de Mubarak reprime ás massas revolucionárias

dia a dia.
É por esta luta, que segue viva, que os Irmãos Muçulmanos (irmãos também de Mubarak, ao que sustentam desde faz quase 20 anos e que têm 80 parlamentares nessa duma da autocracia de Mubarak e Obama) não podem terminar de entrar ao governo de transição, a risco de perder toda sua base. Isso indica que a revolução ainda segue viva e se estão por livrar as batalhas decisivas.
Os Irmãos Muçulmanos preparam-se para entrar em um governo com o vice-presidente de Mubarak, e tentar dar-lhe legitimidade, junto com outros movimentos "democráticos", ao regime despótico de Mubarak, assentado nas forças do imperialismo que saqueiam o Egito e todo o Oriente Médio. De qualquer jeito, as chaves que temos que explicar os revolucionários é que por crises de direção, e por centralização de direções que querem impedir que surjam e madurem os soviets, a classe operária ainda não tem conseguido resolver a situação a seu favor tomando-se o poder, sobre a base de deixar em ruínas e achatar ao regime infame de Obama e Mubarak, avançando decididamente ao triunfo de uma insurreição operária.
Os reformistas depois falaram que "não havia condições" para fazer-se do poder, que "não se podia romper ao exército", "as massas são imaturas", e o que tem para fazer é uma Assembléia Constituinte, ou seja, burguesa, chamada por um governo de transição do vice-presidente de Mubarak e a casta de oficiais assassina do exército. São traidores do socialismo e da revolução operária. Estão dizendo que a saída é votar numa urna, dissolvendo assim as organizações e a revolução de massas que começou que é o mais democrático e legitimo de todo o Egito.
A força democrático-revolucionária é a classe operária, que tomando o poder resolverá não só a liberdades democráticas senão também a ruptura com o imperialismo, e conquistará o pão expropriando sem pagamento e sob controle operário aos grandes banqueiros, ao imperialismo, às empresas cerealíferas e demais saqueadoras que deixam na fome aos povos oprimidos do mundo.

Novamente a propósito de Tunísia: Contra a fraude do governo "democrático" transitório, a classe operária e os explorados começam a pôr em pé os organismos de duplo poder e de armamento das massas

Insistimos, em ajuda das massas do Egito, os operários da Tunísia protagonizam novos levantes revolucionários. Ali está claro que ainda depois da saída do Bem Alí, as massas estão dispostas a não deixar nem rastos do regime de opróbrio.
Estas novas jornadas revolucionárias complementares na Tunísia estão impulsionadas pelos comitês de fábrica e de base dos sindicatos, que despejaram e sobrepuseram à burocracia sindical, e pelos comitês de operários armados e os comitês de desempregados, que controlam a segurança nos bairros operários, onde já não há nem um só roubo, como anuncia a imprensa imperialista, porque está presente a disciplina da classe operária sob armas. Os comitês de abastecimento e de controle inclusive garantem recolher o lixo de todos os bairros das cidades mais importantes da Tunísia. Isto significa que as massas decidiram tomar a resolução da crise em suas próprias mãos.
Disso dá conta o diário espanhol "El País" de hoje, demonstrando a desespero e a histeria de toda a burguesia mundial sobre este desenvolvimento dos organismos de duplo poder na Tunísia.
Trotsky, na História da Revolução Russa dizia: *"Um alçamento revolucionário que dure vários dias só se pode impor e triunfar se consegue elevar-se progressivamente de degrau em degrau, registrando todos os dias novos êxitos."* Isso é o que hoje sucede na Tunísia.
No Egito, o imperialismo olha de esguelha os processos revolucionários na Tunísia, e procura antecipar-se justamente para que isto não aconteça. Mas a revolução não se para, busca degraus para subir adiante dia a dia.
Marrocos está no vermelho vivo. Ali se prepara uma greve geral para 20 de fevereiro.
As massas jordanianas, e com elas as massas palestinas, ameaçam entrar com manobras de revolução contra a monarquia assassina da Jordânia.
As condições internacionais dão novas oportunidades às massas revolucionárias do Egito para que, inflamadas de ódio, consigam dar um novo golpe certeiro derrotando a Mubarak, à casta de oficiais assassina e abrindo definitivamente a revolução operária.

Insistimos, quando há vazio do poder e crise revolucionária nas alturas, a classe operária e as massas que entram no combate devem tomar o poder. Toda revolução define-se em qual classe toma o poder.
O reformismo, o Fórum Social Mundial e todos os renegados do trotskismo querem que o faça a burguesia. Os trotskistas brigamos porque triunfe a revolução operária e socialista.

Duas estratégias para a insurreição que começou: reforma do Estado burguês semicolonial putrefato ou revolução operária e socialista

A crise de direção agoniza. Há que alertar às massas dos perigos, definir quem são seus aliados e quem são seus inimigos, e propor-lhes as condições da vitória.
Quando há vazio do poder propõem-se duas alternativas: ou o poder toma a classe operária; ou o retoma a burguesia, expropriando a revolução e preparando as condições para achatar às massas. É quando consegue apagar o fogo da revolução com a frente popular, manda depois as bandas fascistas, como sucedeu na Bolívia; ou no Quirguistão, onde no mesmo momento do ponto culminante da crise revolucionária, com progroms inter-étnicos contrarevolucionários, rompeu as filas operárias.
Pela energia e a ofensiva das massas sobram condições para centralizar delegados operários, de estudantes e de camponeses pobres, num grande congresso na "Praça da Libertação", para organizar a todas as massas em luta de todo o **Egito**. Esse organismo teria altíssima autoridade para pôr em pé uma milícia com as armas arrebatadas à polícia assassina; e teria garantido o caminho à ruptura horizontal do exército.
Embora isto não suceda, todos os olhos da classe operária combatente do Egito, do Oriente Médio e do mundo estão olhando essa praça. Ali estão os que achataram as hordas contrarevolucionárias de Mubarak. Eles ainda têm a fortaleza e legitimidade para chamar os soldados para colocarem o canhão dos tanques apontando contra o castelo de Mubarak e não contra as massas revolucionárias. As direções pequeno burguesas e burguesas estão ali para impedir justamente isto.
Os mesmos combatentes da praça como dissemos, hoje denunciam que o exército anda todos os dias um metro a mais com seus tanques para ir cercando-os e deixando-lhes cada vez com menos lugar. Esse é um símbolo de como se prepara o Estado burguês, com sua casta de oficiais, para afogar a revolução num banho de sangue. Destacamentos de operários e jovens perspicazes já dão conta desta situação.
No Egito os generais de um estado maior revolucionário já estão. Eles reconhecem-se. Organizam-se nas praças, armam as barricadas, controlam a segurança em seus bairros, organizam a comida, o abastecimento, atendem aos feridos, centralizam as armas arrebatadas à polícia nas cidades mais importantes do Egito.
Como dizia Trotsky em "Aonde vai a França?", já existem as forças materiais para pôr em pé um Estado maior da revolução. O que falta são as forças de um Estado maior revolucionário internacional capaz de derrubar a favor dos combatentes revolucionários egípcios o conjunto da situação, derrotando às direções traidoras a nível internacional, expondo-lhas ante o proletariado mundial, sublevando à classe operária francesa, espanhola e grega.
Muitos dos sem vergonhas dos renegados do trotskismo dirão depois, se a revolução não triunfa ou é

As massas revolucionárias na Praça da Libertação

achatada ou expropriada, "que as massas não tinha direção", que "não havia condições", que teve um "baixo nível de consciência" e demais imundícias típicas dos traidores do proletariado.

A farsa da "revolução democrática" das direções traidoras do proletariado

As condições para que a classe operária e os explorados no Egito se façam do poder, isto é, o caminho mais certeiro para derrotar a Mubarak e ao imperialismo que o sustenta, estão mais que maduras.

Insistimos, é uma "frente democrática" que vai desde El-Baradei e os Irmãos Muçulmanos, até os partidos "anticapitalistas", o que impede esta perspectiva. Eles, como Obama, todo o imperialismo e a burguesia mundial, estão dizendo o que há no Oriente Médio e o norte da África é uma "revolução democrática".

Cremos que devemos responder a esta questão de forma decisiva. O que há no Egito, na Tunísia e no Oriente Médio é uma revolução operária e socialista que tem começado pelo pão e o trabalho. Para consegui-lo há que expropriar, com os métodos da revolução, os bancos, as cerealíferas, os poços de petróleo, a terra; e a sua vez há que começar por derrotar a todos os governos e regimes sustentados por toda a burguesia e o imperialismo mundial.

"Revolução democrática"? MENTIRA. Começou uma revolução operária e socialista, a única que, se triunfa, poderá resolver as tarefas democráticas dos países atrasados, como a questão agrária e a ruptura com o imperialismo.

Ainda mais, só com os métodos da revolução proletária, isto é, o armamento do proletariado, os soviets e a insurreição, pode-se levar até o final o desmantelamento e esmagamento dos regimes autocráticos contrarevolucionários, aqueles que o imperialismo exerce seu domínio sobre a absoluta maioria do planeta.

Isso também é o que demonstra a heróica revolução das massas da Tunísia, que hoje segue no Egito e se espalha pelo Oriente Médio.

A esquerda de Obama nos quer dizer, como fazem o PTS (Partido Irmão da LER-QI), a LIT-QI, os "anticapitalistas," etc., que o imperialismo "expande democracia" e "civilização democrática", quando na realidade expande é barbárie, fascismo, autocracia e governos contrarevolucionários em 90% do planeta. Como propunha Trotsky, a democracia é um luxo somente dos países ricos, que agora já não se pode sustentar porque na terra do "democrático" Obama os xerifes fascistas matam como o coiote os operários imigrantes que procuram entrar nos EUA.

Os trotskistas devemos denunciar que no Egito enfrentam-se duas teorias e dois programas no campo de batalha. De um lado está a teoria-programa da "revolução democrática" e "a revolução por etapas", sustentada por todos os renegados do trotskismo, que encobrem por esquerda a

Obama e à armadilha de substituir ao governo de Mubarak pela democracia burguesa, que seria o aborto da revolução proletária. Por outro lado está a teoria-programa da revolução permanente, que propõe que só tomando o poder, desenvolvendo os organismos armados de centralização das massas em luta, se pode comer, ter trabalho e conquistar a liberdade e a independência nacional.

Isto é o que propôs e propõem os acontecimentos de todo o Oriente Médio em geral e do Egito em particular. Cremos que esta conclusão é chave para chamar a uma Conferencia Internacional de todas as forças sãs do movimento trotskista internacional e das organizações operárias revolucionárias.

São duas barricadas. De um lado, o menchevismo, o stalinismo e os renegados do trotskismo. Do outro lado, os trotskistas e a IV Internacional.

Estamos lendo as declarações da LIT, do PTS, do NPA e do grupo iraniano que rompeu com a IMT – Tendência Marxista Internacional- de Alan Woods, propõem que "o proletariado ainda não está maduro para tomar o poder", "não há condições para que surjam os soviets" e que "há que chamar a uma Assembléia Constituinte livre e soberana", ou "revolucionária" como chamam alguns. Isto é uma traição à revolução que começou. Isso significa apoiar a posição dos Irmãos Muçulmanos, do Baradei e o movimento pequeno burguês "6 de abril", de que há que fazer um governo de transição chamando a eleições livres. E para estes traidores, estas eleições livres tenderiam que ser… para uma "Assembléia Constituinte". Isto é, quando há vazio do poder, quando o estado burguês está fendendo-se, dizem ao proletariado que não tome o poder, para que o retome a burguesia. Chegou a hora de definir com clareza ao proletariado mundial quem está pela revolução socialista e quem são seus entregadores. Estamos frente a uma falácia e uma traição aberta ao proletariado.

No Egito, no resto do Oriente Médio, na África e em todo o planeta as condições estão mais do que maduras para a revolução socialista. O que falta é uma direção que proponha o caminho à tomada do poder. Quem está "em crise" e se pôs "imatura" é a burguesia, que está encurralada por uma brutal investida de massas, como no Egito e todo o Oriente Médio.

Estas correntes lhe estão dizendo à classe operária que não se faça do poder, para que o tome a burguesia "democrática". Uma verdadeira infâmia porque as liberdades que existem já as conquistaram as massas com seu combate, com sua luta revolucionária e com seus mortos. Porque não há "democracia" se as massas não se armam, destroem ao exército, sacam de cena aos fascistas e penduram na Praça da Libertação a cabeça de Mubarak.

Estes "revolucionários socialistas" lhe dizem às massas que não há que fazer o que fez a burguesia e Robespierre em sua revolução no século XVIII com Luis XVI, pondo sua cabeça na guilhotina.

Nem sequer são democratas conseqüentes. São uns farsantes. Porque, como pode ter uma Assembléia Constituinte livre e soberana, quando se toma uma resolução na contramão do imperialismo não a poderá cumprir porque a burguesia chamará ao exército e à casta de oficiais para garantir sua propriedade com armas na mão! Como será possível uma Assembléia Nacional democrática e soberana sem cortar-lhe a cabeça a Luis XVI e sem ter cada homem um fuzil?! Os teóricos da "revolução democrática", como dizia Trotsky, nem sequer são conseqüentes como democratas revolucionários. São uns farsantes. São correntes pequenas burguesas serventes do grande capital; nem socialistas, nem democratas.

Não há nenhuma possibilidade, inclusive de que tenha uma Assembléia Constituinte livre e soberana, se não desarma à burguesia, arma-se o proletariado e se toma o poder.

O grupo dos iranianos que romperam com a tendência de Alan Woods propõe que "não se pode avançar a derrotar a Mubarak e tomar o poder porque não há partido revolucionário".

Parece mentira que esta gente fale para a classe operária do Egito que não façam o que fizeram as heróicas massas iranianas na revolução a principio dos 80, que tomaram todos os quartéis, romperam o exército, armaram-se até os dentes, puseram em pé os comitês de operários (os Shoras) e não deixaram pedra sobre pedra da monarquia assassina do Sha Reza Pahlevi.

A esta gente há que responder-lhe que não chegam nem aos calcanhares às massas revolucionárias do Irã dos 80.

Suas afirmações saem do esgoto do menchevismo. É como se os bolcheviques lhes dissessem às massas que não se pode fazer a revolução de fevereiro de 1917, partir o exército e pôr em pé soviets, porque o partido bolchevique ainda era minoria nos soviets em fevereiro.

Estamos frente a uma falácia. Esta é gente que levanta "pão, paz e terra" e "que tome o poder uma instituição burguesa, e não os soviets, para conquistar estas demandas".

Há que dizer a verdade. As condições ótimas para construir o partido revolucionário são na luta pelos soviets e a tomada do poder. Somente nesse processo poderá madurar o fator subjetivo, como o fez o partido bolchevique, sobre as ruínas do regime czarista, de fevereiro a outubro de 1917.

Mas a condição para que isso seja assim, para terminar com a época das adaptações nacionais dos movimentos revolucionários a sua própria burguesia, há que pôr em pé um centro internacional que, derrotando as direções traidoras, avance em refundar a IV Internacional de 1938.

Esperamos que estas reflexões lhes sejam de utilidade para que, entre

todos, possamos fortalecer o melhor programa e estratégia para que triunfem as massas revolucionárias, e avançar a um novo salto e reagrupamento superior das forças sãs do movimento trotskista internacional.
Estamos enviando a toda a FLTI as declarações já traduzidas do secretariado africano sobre a Tunísia e o Egito, que a FLTI as tomou como próprias.
Devemos focar todas nossas forças em explicar de forma cada vez mais simples, que os processos revolucionários que começaram são os primeiros passos de uma verdadeira revolução operária e socialista, porque, junto a tudo o que demonstramos mais acima, a revolta e as revoluções no Oriente Médio e o norte da África atacam ao plexo e à têmpora do grande capital financeiro, que com suas empresas cerealíferas, de *commodities* e matérias primas fizeram subir os preços artificialmente, para obter lucros parasitários, matando de fome e afundando mais e mais na miséria a milhões de explorados do mundo. Isto inda não o compreendeu até o final as massas revolucionárias. Há que dizer-se-lho. À classe operária do norte da África, do Egito e todo o Oriente Médio há que dizer-lhe a verdade: seu combate não somente é contra Mubarak e seu regime, é contra todo o dispositivo contrarevolucionário montado por eles para achatar a todas as massas da região, começando pelo massacre ao povo palestino. Há que explicar pacientemente que nessa luta pelo pão se enfrenta o grande capital financeiro da city de Londres, Berlim, Paris e Wall Street, onde o capital parasitário se voltou a inflar artificialmente os preços das commodities para obter super lucros, enquanto levam à fome generalizada, à carestia da vida, à desesperação, desnutrição e barbárie à ampla maioria do planeta.
Como vai ser "revoluções democráticas", insistimos, as revoluções que atacam ao coração de Wall Street, ao imperialismo mundial, e ao parasitismo brutal desse monstro chamado capital financeiro?
Isto devemos explicar-lhe às massas que estão em estado de revolta e revolução, e à classe operária mundial. Na Praça da Libertação do El Cairo se combate contra Wall Street, contra os parasitas da City de Londres e do Bundesbank, e contra toda a burguesia mundial. É o combate de toda a classe operária, que não pode centralizar suas forças porque suas direções delegam nos imperialismos "democráticos" a solução do pão, do trabalho e da independência nacional. É a mesma burguesia "democrática" imperialista que submete 90% do planeta como a China, Índia, todo o Oriente Médio, África, o leste da Europa e a maioria da America Latina, com regimes ditatoriais, autocráticos, monárquicos, bonapartistas, fascistas, e com regimes e estados de ocupação como o contrarevolucionário Estado sionista de Israel, e as tropas ianques que massacram e invadem Iraque e Afeganistão.
À democracia burguesa imperialista de Obama, Sarkozy e demais lixos assassinos das massas, a chamam de "progressista", quando é a mesma que mandou a Palestina, Iraque e o Afeganistão à idade média e a que

Os explorados enfrentam a repressão no El Cairo

enterrou em fossas comuns a 300.000 operários martirizados no Haiti.
Digamos a verdade: são a esquerda de Obama, são social imperialistas. Contra o 10% de semelhante traição se juntaram os revolucionários em Kienthal e Zimmerwald, na Oposição de Esquerda, e depois no Congresso de fundação da IV Internacional, continuador da III Internacional revolucionária de Trotsky e Lenine.
Fora as mãos do social imperialismo das aguerridas massas revolucionárias do Magreb e Oriente Médio!
Devemos denunciar implacavelmente, ante os olhos da classe operária mundial, que sua revolução, que nossa revolução, a dos explorados, começou no Oriente Médio e no norte da África. Esta deve estender-se a Europa; deve voltar a Grécia revolucionária; deve voltar a ofensiva revolucionária da classe operária européia. Há que derrotar a Obama-Mubarak, aos assassinos da classe operária internacional e os povos oprimidos do mundo. Há que unir-se, no combate contra a carestia da vida, com a revolução boliviana que novamente tenta pôr-se de pé, já que para que tenha pão, como o demonstrou Madagáscar, há que se armar, e como em 1917 na Rússia, há que tomar o poder.
Novamente volta a agitação revolucionária das massas na Bolívia. A burguesia "bolivariana" e "antiimperialista" está aplicando, assim como Mubarak, um novo ajuste generalizado no transporte e nos alimentos. Aumentaram um 100% os produtos de primeira necessidade. As massas exploradas da Bolívia estão comendo pão uma vez por dia.
A classe operária e as massas oprimidas do mundo são atacadas no Oriente Médio, na China, etc. por governos ditatoriais, bonapartistas, etc. e na America Latina por os governos "nacionalistas" bolivarianos, supostos "antiimperialistas" e demais governos capitalistas, sustentados por esse rejunte de direções traidoras da V Internacional. É o mesmo plano que aplicam os irmãos Castro na Cuba demitindo a um milhão e meio de trabalhadores da produção para salvar a essa lacra da burocracia restauracionista.
O ataque do capital não dá nem poderá dar sossego. O grande capital financeiro em bancarrota criou uma nova bolha, açambarcando os cereais, *commodities* e minerais para aumentar ficticiamente seus preços. Isso provocou carestia da vida, inflação, fome, desemprego, que se tornam insuportável para as massas em todo o planeta. Esta vez, no Egito e no Magreb, como ontem na Europa, Madagáscar, Guadalupe, Tailândia ou Quirguistão, está proposto reagrupar as filas da classe operária mundial para lançar uma contra-ofensiva das massas.

O confronto, então, não é entre democracia e fascismo, como diz a esquerda reformista mundial. Não é entre laicismo versus islamismo. No Egito como na Tunísia se demonstra que a burguesia islamita, laica e "democrática" e os chefes das bandas fascistas, são todos agentes diferentes do mesmo patrão, do imperialismo que controla o planeta e a economia mundial.
Cada vez mais, a alternativa é comunismo ou fascismo. A revolução socialista ou a guerra. Essa é a alternativa histórica e nos combates da Tunísia e do Egito a revolução lhe vê a cara à burguesia e ao imperialismo. Se a vê frente a frente.
A covardia das direções traidoras e seu submetimento ao imperialismo impedem às massas tomar-se o poder de forma decisiva.
A "democracia" e seus diferentes instrumentos de colaboração de classes, como a frente popular, não são mais do que a forma com a qual se tenta desorganizar e desmobilizar as massas desde adentro, para que a oficialidade assassina do exército e as bandas contrarevolucionárias achatem depois às massas já desarmadas e com suas forças esgotadas.
Estas ações contrarevolucionárias são as que se estão preparando contra as massas revolucionárias do Egito e o mundo. Chegou a hora de golpear a mesa. Ou por pão, trabalho, e ditadura do proletariado; ou por "liberdade" e "democracia", com fome e miséria, que traz aparelhada a mão do fascismo.
Menchevismo e Bolchevismo são cada vez mais irreconciliáveis na história.

Que viva então o combate da FLTI por refundar a IV Internacional!

Faz apenas 2 anos conseguimos pôr em pé um ponto de apoio para concentrar as forças dos revolucionários e dispersar as dos reformistas.
O levante revolucionário do Egito e Oriente Médio nos dá e nos dará novas possibilidades e oportunidades.
Devemos emitir um chamado audaz de forma imediata, que separe com clareza quem é reformista e quem é revolucionário no movimento marxista mundial.
Este chamamento completará a declaração sobre a situação mundial e a revolução no Egito, no norte da África e Oriente Médio que estamos escrevendo.
Insistimos, tomem as cartas diárias, como esta nota, como aportes, como pontos de reflexão. Desde o centro temos a obrigação de dar nossa opinião, inclusive para ser corrigidos e colaborar com a elaboração coletiva que todos realizamos.
Juntos temos que passar este novo teste ácido, e o estamos fazendo. Temos uma bagagem de lições dos processos revolucionários anteriores como para passar indemnes esta prova.

Um forte abraço
Secretariado de Coordenação Internacional da FLTI

DECLARAÇÃO DO SECRETARIADO AFRICANO ADOTADA POR TODA A FLTI

29/01/2011 Primeiras Lições da revolução tunisiana

A situação na Tunísia reflete um fato do Programa de Transição: *"Nos períodos agudos de luta de classes, os aparelhos dirigentes dos sindicatos se esforçam p or converter-se em amos do movimento de massas para domesticá-lo... Em tempo de guerra ou de revolução, quando a situação da burguesia se faz particularmente difícil, os chefes dos sindicatos se transformam ordinariamente em ministros burgueses"*. Os dirigentes da UGTT se viram obrigados a posar como combativos, de estar do lado das massas, para desde dentro do movimento operário cumprir os desejos do imperialismo de tentar de descabeçar a revolução e levar a luta das massas ao terreno burguês. Agora que o agente do imperialismo norte-americano, Ghannouchi, atribuiu mais postos à "oposição" burguesa, incluindo a UGTT, os dirigentes da UGTT agora o aceitam. Estávamos no correto quando expúnhamos que o governo de "salvação" como o tinha proposto a UGTT incluía parte do velho regime e que manteria o aparelho repressivo intacto. Os dirigentes da CSI (Confederação Sindical Internacional) enviaram delegados para Tunísia para apoiar á UGTT e ajudar a impor os planos do imperialismo.

O chamado dos dirigentes da CSI foi o mesmo que o do NPA e a falsa esquerda: por uma "Tunísia Democrática e Social". Por "social" a CSI queria dizer que as reformas econômicas deveriam ser implementadas, mas sob o mesmo regime capitalista que estava antes. Isto dá uma cobertura á traição da revolução tunisiana, em essência: tirar os olhos dos operários da tomada do poder por uma promessa de "reformas econômicas". Esta é a mesma política de Ben Ali, o seja do imperialismo norte-americano e francês, mas sem Ben Ali. Como pode a classe operária tunisiana conseguir a comida e o trabalho sem expropriar aos capitalistas tunisianos e os ativos imperialistas e pô-las sob controle operário? Como podem os operários comer se o poder está ainda em mãos dos capitalistas (o regime de Ben Ali e o imperialismo)? Como pode o governo interino trazer alguma mudança democrática se tem restos do regime de Ben Ali? ¡Ghannouchi e toda a burocracia de Ben Ali devem ir-se!

Os primeiros planos deste novo "governo interino" é implementar "leis anti-terroristas", em outras palavras implementar o mesmo programa que o regime títere pró-norte-americano de Ben Ali. Estas leis "anti-terroristas" são só o fortalecimento do regime capitalista para tomar duras medidas contra a classe operária agora.

Uma falha crucial da classe operária tunisiana foi o fracasso de que a revolução ocupe e tome os meios de produção (as mineradoras, transportes, granjas capitalistas, indústria capitalista, etc.) e os bancos e pô-los sob controle operário. Ou mas precisamente a direção da UGTT alentou aos operários a que renunciem a seu controle e participem da "Caravana pela libertação" para atuar como um instrumento de pressão para a direção pequeno burguesa da UGTT e para evitar que a classe operária construa e fortaleça seus organismos de poder alternativos (soviets). A frente popular dos dirigentes sindicais com os burgueses lacaios do imperialismo é o que tenta trair a revolução tunisiana.

O isolamento da revolução tunisiana (e do norte da África) dos centros imperialistas devido ás forças do Fórum Social Mundial, os stalinistas, a classe média de esquerda, é um fator fundamental que dificulta a atual contra-ofensiva do proletariado mundial.

Nosso programa para Tunísia se mantém em essência - Extensão dos comitês de base de operários e camponeses pobres a todas as partes da Tunísia, que incluam delegados dos soldados rasos; pela extensão da milícia operária como parte desses comitês a toda a Tunísia.

- Pela formação de um conselho nacional de delegados de base de comitês operários e de camponeses pobres, com delegados dos desempregados e os soldados rasos.
- Todo o poder aos comitês de base de operários e camponeses pobres.
- Abaixo o governo interino do regime de Ben Ali e a UGTT. Ruptura com os capitalistas; expropriação de Ben Ali, todos os capitalistas tunisianos e todos os bens capitalistas e os bancos sem indenização, centralizados e sob controle operário (isto é que os operários tomem o poder de todos os meios de produção); expropriação de todas as granjas capitalistas e *joint ventures* com o imperialismo, sem indenização para os capitalistas, sob controle dos operários agrícolas; nacionalização da terra e redistribuição da terra para os comitês de camponeses pobres baseados na decisão conjunta dos comitês de operários rurais e os comitês de camponeses pobres. Só um governo revolucionário baseado nos comitês de operários e camponeses pobres, unindo às massas em luta desde suas bases pode expropriar aos capitalistas, todos os bens imperialistas e os bancos.

As massas na Tunísia não reconhecem ao governo e rodeiam a cidadela do poder

- Expulsão dos dirigentes da UGTT do movimento operário. Pela ruptura da UGTT com as sobras do regime capitalista de Ben Ali (títeres do imperialismo norte-americano e francês).
- Pelo imediato controle operário da distribuição de comida para que as massas possam comer.
- Distribuição do trabalho entre as mãos disponíveis para trabalhar.
- Por salário indexado ao aumento dos preços.
- A igual trabalho igual salário no Norte da África e a Europa.
- Expropriação nos centros imperialistas das empresas imperialistas que saqueiam Tunísia, o norte da África e Oriente Médio. Isto só pode fazer-se se a classe operária toma o poder por meios revolucionários nos centros imperialistas.
- Precisamos um partido revolucionário da classe operária na Tunísia como parte da refundação da IV Internacional. Por uma conferência internacional no Egito das organizações operárias revolucionárias e os trotskistas internacionalistas para preparar a refundação da IV Internacional.

Uma revolução "tunisiana" pode explodir em qualquer lugar do planeta

Um rasgo fundamental da dominação capitalista-imperialista hoje é a supressão dos direitos básicos democráticos nas colônias e semi-colônias. Conceder direitos democráticos completos significa abrir o caminho a competidores imperialistas a que desenvolvam sua dominação. Num mundo dominado pelo imperialismo, o desenvolvimento capitalista nas semi-colônias se baseia desta forma na repressão da classe capitalista nativa e a classe média. A classe capitalista nativa e as classes médias altas, do modo que se lhes permite desenvolver-se, não têm existência independente do imperialismo -são o produto de uma guerra de classe de quando as massas nativas se levantaram contra décadas e séculos de dominação colonial. A chegada ao poder de uma seção da classe média nativa, como um meio de desviar e evitar que a classe operária tome o poder (graças ao stalinismo) deu-lhe uma nova forma ao controle do imperialismo. Todos os "movimentos de libertação" foram bonapartistas, posando como figuras paternas ou tomando a forma de ditaduras militares; todas elas geralmente se

elevavam acima dos conflitos de classes, mas em última instância atuando a favor dos interesses imperialistas, garantindo sua dominação das massas.
Depois de décadas de experiência com estes regimes bonapartistas nas semi-colônias, estão-se expondo como anti-operários e como correia de transmissão para atirar crise capitalista mundial sobre a classe operária e os pobres. Com uma destruição a grande escala dos camponeses e aumento do proletariado, o capitalismo engendrou a seus sepultureiros. O maior peso do proletariado a escala mundial, especialmente nas semi-colônias, é o que lhe dá ás revoluções “tunisianas” uma base sólida e assim a tendência a ir até o final nas lutas atuais.
Revoluções são possíveis na Arábia Saudita e os Emirados Árabes, Chinesa, Zimbábue, Coréia, Rússia, Jordânia, Iêmen, Líbia, contra Israel, etc.
Por outro lado a profundidade da crise capitalista também significa que a classe operária nos centros imperialistas estão sob um ataque sem precedentes. Na medida em que a disputa interimperialista se agudiza, alguns dos imperialismos menores como Grécia estão sendo empurrados a converter-se em semi-colônias. O partido de Ben Ali (até que foi tardiamente expulsado) era parte da Internacional “Socialista” como o PASOK (Partido Socialdemocrata da Grécia), o partido que atualmente governa na Grécia que está largando a mesma ofensiva do FMI contra as massas (o mesmo que o Partido Socialista da França, o Partido Laborista na Grã-Bretanha lançaram ontem, e que hoje é levada adiante por Sarkozy e Cameron-Brown). As massas tunisianas mostram o caminho para o proletariado grego, francês, britânico e de Europa em geral.
A questão é que para que as massas consigam o pão e o trabalho, a classe operária deve tomar o poder através de formas revolucionárias. Mais ainda, a relação entre o imperialismo com as semi-colônias é que geralmente as semi-colônias são plantas ensambladoras, depósitos e exportadores de matérias primas para o imperialismo. Portanto, por exemplo, uma revolução operária numa semi-colônia deve estar diretamente relacionada com a tomada do poder pela classe operária em vários centros imperialistas para poder conseguir o pão e o trabalho. É por isso que a heróica revolução na Tunísia e Egito deve ser estendida pela tomada do poder da classe operária através da revolução na Europa imperialista e nos EUA, por exemplo, para conquistar o socialismo. Esta tarefa propõe a posta em pé de uma Internacional revolucionária com seções nas semi-colônias e os centros imperialistas como tarefa imediata.
A última fase da crise imperialista mundial que começou em 2008 está atravessada pela monopolização da comida do mundo, como o trigo, soja, etc. para fazer subir os preços; está novamente marcada pelo aumento artificial do preço do petróleo. Estes são as medidas desesperadas do imperialismo para aumentar seus lucros, sem importar que milhares de milhões no mundo sejam empurrados á fome e a morte. Estas são as condições objetivas para a revolução socialista a escala mundial.
Enquanto os capitalistas começam sua ofensiva contrarevolucionária mundial, Tunísia e agora Egito, marcam o caminho para a classe operária mundial para uma ofensiva revolucionária. O fantasma do socialismo novamente sobrevoa as cabeças das forças capitalistas.

WIVL da África do Sul
Integrante da Fração Leninista Trotskista Internacional

Vem da Contracapa

DECLARAÇÃO DA FLTI DO 25-01-2011

Sobre o suposto período de duelo de três dias

O governo de “unidade” ilegítimo esta desesperado por começar a ganhar credibilidade e esconder sua falta de apoio entre as massas. É por isto que o imperialismo lhe deu instruções de chamar a 3 dias de “luto”. Estão-se reunindo com seus aliados neste período incluindo aos dirigentes da UGTT para planificar seus próximos passos no estrangulamento da revolução da Tunísia. Imaginem, os assassinos de uns 200 tunisianos estão levando adiante o chamado a duelo pelos que eles massacraram! Quem pode realmente tomá-los em sério? Só os traidores da revolução. O primeiro passo, que qualquer regime democrático deveria ter tomado, tivesse sido o levantamento do estado de sito para que as massas possam exercer sua nova ganhada liberdade a associar-se e a reunir-se com quem queira que elejam. Também tivessem posto em debandada à polícia, a mesma que perpetrou os assassinatos, e a tivesse posto ante um tribunal operário. O governo de “unidade” não pode nem sequer tomar estes passos básicos porque seu objetivo real é estrangular a revolução. O objetivo real do estado de sitio é impedir que as massas se reúnam e se organizem para tomar o poder em suas próprias mãos. Não teve estado de sitio para a família de Ben Ali quando se foram com uma tonelada e meia de ouro. O governo de “unidade” foi cúmplice neste roubo das massas tunisianas. É por isto que a demanda central deve ser: Fora o governo de “unidade” dos lacaios imperialistas! Expropriação de Ben Ali e todos os capitalistas tunisianos! Expropriação de todas as propriedades imperialistas! Por um governo operário e dos camponeses pobres!

O regime tunisiano do RCD é um lacaio do imperialismo

São o imperialismo francês e dos EUA os principais responsáveis da fome das massas tunisianas. Quando a dominação colonial direta do imperialismo francês já não era mais possível, sob a ameaça da revolução por parte das massas tunisianas, a Tunísia se lhe outorgou uma independência política limitada em 1956. O manejo da economia foi dado a uma elite local enquanto em realidade o imperialismo manteve o controle do mais importante da economia. Este processo foi replicado em toda a África onde a classe média local usurpou a luta revolucionária das massas.

O papel do stalinismo (e da “esquerda” que capitula ante eles) apoiando a dominação imperialista

Os Partidos Comunistas Stalinistas (PCs) jogaram um importante papel contra-revolucionário recusando-se a chamar à classe operária a que tome o poder em suas próprias mãos e apoiando á pequeno burguesia local (dirigindo os movimentos revolucionários nacionais) para converter-se em novos gerentes do imperialismo. Os pan-africanos que tomaram os países, montando-se sobre as costas das massas da África, também foram sustentados pela “esquerda” de todo o mundo que os etiquetavam como líderes “socialistas”. Inclusive Mugabe, Nasser e Bourguiba (o primeiro presidente do governo tunisiano do RCD) foram também etiquetados como “socialistas” nesse então pela “esquerda”.

O que era central para o controle das massas era a visão de “socialismo nacional”, em outras palavras, a possibilidade de conseguir o socialismo numa semi-colônia sem a classe operária tendo que tomar o poder nos centros imperialistas. Ainda mais, o caminho ao socialismo (assim os PCs argumentavam) requeria da dominação durante muitos anos da classe media Africana. Assim, a política do stalinismo e a capitulação da “esquerda” mundial ao stalinismo é o que sustentou o saque imperialista na África durante os últimos 60 anos. Especificamente, enquanto o RCD se mantinha com uma brutal dominação policial desde 1956 (há 150.000 polícias na Tunísia), o imperialismo também sustentava ao regime tunisiano através do apoio do movimento dos sindicatos, a UGTT, e principalmente do apoio do stalinismo (através do PC - o Ettajdid) e os maoístas (PCOT) e a “esquerda”, todos eles dirigem em diferentes graus estes movimentos sindicais. Os dirigentes da UGTT têm consistentemente apoiado o regime do RCD através dos massacres das massas por anos; apoiaram os programas estruturais de ajuste do FMI, o colapso da agricultura auto-suficiente como parte das demandas da imperialista OMC (Organização Mundial do Comercio) e ao princípio, abertamente se opuseram a esta revolução das massas tunisianas. Concordaram enviar 3 dirigentes a ser parte do governo de “unidade” do RCD, até que as massas rodearam seus quartéis (locais) e ameaçaram com derrocar a toda a direção da UGTT. Ainda quando as massas estavam nas ruas atirando o regime do RCD (depois o imperialismo lhe disse a Abedine Ben Ali que tome o próximo vôo a Arábia Saudita), os dirigentes da UGTT estavam ainda dizendo que estavam preparados a aceitar a Ghannouchi “Premiê”, sendo ele mesmo um ministro do RCD desde 1999. (Ghannouchi é um ex diretor do FMI imperialista - Fundo Monetário Internacional). A direção da UGTT é um dos principais pilares do imperialismo para controlar às massas.

A isto lhe segue que a tarefa mais imediata das massas revolucionárias é estender as estruturas em luta dos Comitês para a Proteção e Supervisão da Revolução a todos os lugares de trabalho, granjas, minas, de fato em todos os cantos da Tunísia, estes comitês precisam estar centralizados num conselho nacional dos Comitês de Proteção e Supervisão da Revolução, com delegados dos comitês regionais e locais, com delegados de todos os lugares de trabalho, delegados de desempregados, dos camponeses pobres, dos soldados de base. Como parte destes comitês deve de generalizar-se a milícia operária armada que dirigirá ás massas para derrotar aos bandidos armados do regime de Ben Ali e porá em debandada e deslocará completamente todas as delegacias, o bastão de Ben Ali e do terror imperialista durante anos.

É este Conselho Central de delegados dos Comitês Regionais e Locais de Proteção e Supervisão da Revolução o que deve tomar o poder em suas próprias mãos e constituir o governo operário e de camponeses pobres. Isto pode ser só baseado na expropriação da classe capitalista tunisiana e todos os bens imperialistas.

A isto lhe segue como uma tarefa democrática imediata a expulsão da direção pró-imperialista da UGTT, começando por Abdessalem Jared, e purgar a estrutura estalinista da UGTT que está baseada num controle burocrático de uma pequena camarilha.

Ghannouchi é um verdadeiro Principe Lyvov (uma ferramenta do imperialismo para tentar e dar-lhe um final à crise capitalista do regime e evitar que a classe operária tome o poder). Ele e seu governo de “unidade” devem ir-se agora!

Apesar das ações das massas o ex Partido Comunista de Tunísia, o Ettajdid, é ainda parte do governo de unidade, aclamando que Ghannouchi não tem laços com o RCD- um melhor sustentador do imperialismo dentro do movimento operário é difícil de encontrar. Por isto, Ghannouchi, Mebazaa, Jared e todos os dirigentes do RCD e Ettajdid deveriam enfrentar um tribunal operário por seus crimes contra as massas tunisianas.

O imperialismo sempre sustenta a muitos agentes (diferentes partidos políticos e/ou diferentes dirigentes), então, quando um agente se desprestigia ante os olhos das massas, trabalham para retomar o controle através de outros agentes que têm estado preparando desde faz tempo.

Mobilização das massas revolucionárias tunisianas

A revolução tunisiana está sendo levada a cabo pela classe operária tunisiana que sendo reprimida durante muitos anos, rompeu com seu regime, todos os partidos políticos burgueses e com a direção da UGTT. Contra as massas tunisianas está o imperialismo mundial, todos os partidos burgueses, os stalinistas e a falsa esquerda, todos eles estão centralizados a nível mundial. Com as massas tunisianas está a classe operária mundial e a possibilidade real de que a revolução tunisiana seja exportada não só ao Norte da África, o resto da África e Oriente Médio, senão também, aos centros imperialistas. É por isto que o imperialismo francês e de EUA aconselharam a Ben Ali a que se tome o primeiro vôo a Arábia Saudita. A própria imagem das massas diretamente derrocando ao regime de Ben Ali e submetendo-o a este e a seus secuaces à justiça operária é o que o imperialismo queria evitar a qualquer custo- isto tivesse dado à classe operária mundial um claro exemplo de como combater a ofensiva capitalista imperialista mundial. Isto é o que os imperialistas e seus agentes escondem e o que querem minimizar. Trabalham dia e noite para tampar que a revolução operária, trabalhadores formando seus próprios órgãos de luta e ações de massas revolucionárias para derrocar aos regimes lacaios do imperialismo, é o único caminho para que a classe operária freie a ofensiva capitalista mundial.

De repente, os que tinham sustentado a ofensiva imperialista contra a classe operária, agora posam como os mais “democráticos”, tratam de cobrir seu apoio à ditadura de Ben Ali. Eles prometem o mundo, em tanto e quanto as massas não tomem em suas próprias mãos os bens do imperialismo e as tarefas de auto-governo.

Repentinamente, toda classe de oportunistas estão saindo à luz- todos agentes do imperialismo- Raschid Ghannouchi do partido Islâmico quer postular-se a presidente, Moncef Marzouki quer ser presidente. Abdessalem Jared, dirigente da UGTT chama a um “governo de salvação nacional”. O “Secretário Unificado” da IV Internacional (USFI-United Secretariat of the Fourth

International) que teve trabalho na UGTT apóia o chamado a este "governo de salvação nacional". Quando lhe serve ao imperialismo, usam dirigentes laicos como Ben Ali para controlar às massas; em outros casos não duvidam em usar dirigentes religiosos para achatar às massas; por exemplo, o regime Saudí, Osama Bin Laden e Mujahideen em Afeganistão contra a invasão estalinista, etc. O imperialismo enviou a Khomeini a infiltrar e decapitar a revolução operária iraniana de 1979 desde adentro (30.000 militantes foram executados em 2/3 anos de Khomeini tomando as rédeas do poder político). Em outros casos, usam dirigentes sindicais como Lech Walesa que foi usado pelo imperialismo para estrangular a revolução operária polaca.

O que une a R. Ghannouchi e Marzouki é seu chamado à "paz" e o "fim à violência" que no contexto atual significa manter intacto o aparelho repressivo do assassino regime e evitar que as massas armadas façam justiça operária. Estão competindo para converter-se nos novos gerentes do imperialismo para controlar às massas tunisianas. Deram-se conta que eles não jogaram nenhum papel no atual estadío da revolução e são os que estão propondo que as eleições se posponham por 6 meses para dar-lhes tempo a eles a construir alguma credibilidade nas massas assim podem trair melhor.

Os dirigentes da central UGTT estão chamando a um "governo de Salvação" com aqueles do estilo de R. Ghannouchi e Marzouki. Em outras palavras, também apóiam manter à polícia assassina e a todo o aparelho repressivo. O USFI, com o apoio à direção nacional e regional da UGTT, também apóiam a política de manter o aparelho repressivo do estado, dos trabalhadores sendo uma minoria nos comitês que lidem com os crimes do regime de Ben Ali, da nacionalização da propriedade burguesa do regime de Ben Ali-isto é- não sob controle operário (o USFI não vem em apoio da expropriação da propriedade capitalista sem compensação e sob controle operário).

O USFI aceita a definição da burocracia da UGTT de "democracia", isto é, que o governo seja eleito pelo "povo" e controlado pelo "povo". O "povo" inclui à classe média alta tunisiana e à burguesia, que foram o suporte do saque imperialista pelos passados 55 anos. A definição da UGTT de democracia de jeito nenhum difere da burguesia radical da revolução francesa de 1789. O USFI não contra-põe os comitês de base de proteção e defesa da revolução ao atual governo de "unidade" ou ao proposto governo de "salvação". Em outras palavras, o USFI ignora os passados 55 anos das lutas tunisianas e os passados 100 anos de lutas da classe operária mundial, e põe fé na burguesia tunisiana e classe média para acaudillar o processo através do governo de "salvação" contra o imperialismo-capitalismo. Isto é como que uma ovelha lhe peça ao zorro que a ajude a planificar uma política contra ele.

O verdadeiro caráter capitalista do governo de "unidade" e do "governo nacional de salvação" é desmascarado mediante a tarefa central: romper com a burguesia, a qual toma a forma de Expropriação a Ben Ali, de todos os capitalistas de Tunísia e de toda a propriedade imperialista e os bancos, sem compensação aos capitalistas, e sob controle operário! Esta é a única base sobre a qual um governo dos trabalhadores e camponeses pobres pode ser formado. O que se precisa é uma Republica Soviética, não que volte ao "parlamentarismo", o qual é outra forma de ditadura da classe capitalista e assim do imperialismo.

Com suas barricadas e seus piquetes as massas na Tunísia abrem a revolução

O imperialismo controlava a economia de Tunísia, controlam a economia do Norte de África, a produção de petróleo mundial e efetivamente todo mundo semi-colonial

Enquanto Tunísia produz 92.000 barris de petróleo por dia, só refina 32.000 destes e deve importar a maioria de seu requerimento diário de combustível. Ainda Irão que é um dos líderes em produção de petróleo deve importar seus requerimentos de petróleo. Por isto, é um mito que os países da OPEP controlam a produção mundial de petróleo. A produção mundial de petróleo é controlada por aqueles que controlam as refinarias de petróleo mundiais; estão em sua maioria em mãos do imperialismo. Através do controle das refinarias de petróleo, o imperialismo francês através da Total ainda controla a economia tunisiana. O regime capitalista de EEUU também tem uma grande fatia no controle dos hidrocarbonetos de Tunísia. O regime de EEUU teve vínculos com o regime tunisiano por 200 anos. O imperialismo de EEUU e francês competem entre eles pelo controle das forças repressivas tunisianas do estado. O imperialismo de EEUU e francês sustentaram desde 1956 o regime brutal do RCD. A privatização das propriedades do estado, manter a Tunísia como um campo de escravos para os imperialismos de EEUU, francês, italiano, alemão e espanhol; o tratado de livre comércio com a UE que deveria ter sido efetivo no 2011 enquanto Tunísia já tem um tratado de livre comércio com o imperialismo de EEUU, tudo demonstra que o imperialismo estava realmente controlando Tunísia através do regime de Ben Ali e o RCD. É o imperialismo o que regula o tamanho da classe média tunisiana e suprime o crescimento de qualquer classe capitalista independente tunisiana. É o imperialismo o que foi direta e indiretamente responsável da fome de Mohamed Bouazizi e os centos de milhares, milhões de Bouazizis na região, em toda África, em todo mundo. Agora que seu lacayo foi desprestigiado, trabalham dia e noite para instalar um novo regime capitalista que o imperialismo vai seguir controlando. Argélia, depois de 48 anos de "independência", ainda só tem um produto para exportar, o petróleo cru. Toda África, e as semi-colônias e colônias são exportadoras de matérias primas, produtos não-processados ou se converteram em plantas ensambladoras e depósitos para a produção controlada do imperialismo. Arábia Saudita não é nada mais que um campo de escravos do imperialismo de EEUU que controla a produção de petróleo, sustenta o regime brutal diretamente através das bases militares ianques e indiretamente através do regime fascista de Israel. Chegou a hora de sacar-se de em cima todos os regimes brutais lacaios que controlam às massas em nome do imperialismo.

O imperialismo está tremendo. As massas tunisianas lhes estão mostrando o caminho aos operários de China, Japão, Coréia, Arábia Saudita, Argélia, Bolívia, México, Congo, EE.UU., França, Rumania, Rússia, Zimbabué, etc, de como brigar e derrotar a ofensiva capitalista mundial, isto é, com uma revolução operária e o derrocamiento revolucionário do regime capitalista.

É mais, a relação do imperialismo com as semi colônias e colônias mostra que para que as revoluções mundiais "tunisianas" avancem ao socialismo, têm que ser estendidas aos centros imperialistas, senão a contrarrevolución imperialista tarde ou cedo estrangula a revolução. Com a recente onda de revoltas em Europa, em Grécia, em França, Rumania, Irlanda, Espanha, Portugal não há nada que assuste mais ao imperialismo do que a perspectiva da classe operária nestes países rompendo com as direções traidoras no movimento operário, achatando o regime capitalista e tomando o poder em

suas próprias mãos. Uma França Soviética, por exemplo, imediatamente acenderia a revolução operária em todas as colônias e semi-colônias francesas. Para que os operários que morrem de fome no pátio traseiro das potências imperialistas européias vivam, Maastricht precisa morrer. A classe operária no Norte de África, Europa do Leste e Oriente Médio precisa unir-se com seus irmãos e irmãs de classe nos centros imperialistas europeus - somos uma só classe- uma revolução. Por uma Federação de Estados Operários Socialistas da Europa. Um Estados Unidos soviético impulsionaria um salto gigantesco para o socialismo já que todos os regimes capitalistas ao redor do mundo imediatamente estariam sob a ameaça da revolução proletária. Qualquer revolução operária num país imperialista faria tremer o regime capitalista mundial e abriria o caminho ao Socialismo. Esta é a visão que faz que o imperialismo apesar de suas diferenças entre eles, trabalhem juntos na contramão da revolução tunisiana e de fato de qualquer revolução "tunisiana" no mundo.

O NPA, o USFI e outros reformistas chamam pela confiscação da riqueza de Ben Ali, mas não chamam pela expropriação da propriedade imperialista. Eles não levantam na França, onde eles estão assentados que "O inimigo está na casa!" e que a clave para a revolução tunisiana é que a classe operária na França tome o poder. Assim, eles jogam o mesmo papel de classe que os stalinistas que isolam as revoluções nas semi-colônias da revolução nos centros imperialista. O NPA levanta demandas econômicas quando a tarefa central neste momento é que a classe operária, organizada independentemente, tome o poder em suas próprias mãos. A clave para a revolução no Norte da África é que a classe operária tome o poder na Europa, destruindo Maastricht e formando uma Federação de Estados Socialistas Soviéticos da Europa.

O caráter da revolução tunisiana e quem a acaudilha

Os camponeses de granjas constituem menos de 20% da força de trabalho enquanto faz 30 anos atrás constituíam quase o 50%. Hoje, 15% dos granjeiros são donos de granjas de 20 hectares cada um e produzem 62.5% do total da produção agrícola. O 85% dos granjeiros tem uma média de 6 hectares e se ganham a subsistência a duras penas, produzindo 37.5% do total da produção agrícola. Várias das grandes granjas são *joint ventures* com companhias imperialistas. O imperialismo tem re-localizado várias de suas fábricas têxteis e do metal na Tunísia tirando vantagem da mão de obra barata e as condições repressivas.

O resto da força de trabalho está constituída pelo setor público (maioria turismo) e trabalhadores industriais. Esta revolução foi dirigida pelos trabalhadores industriais e os trabalhadores desempregados e setores da classe média arruinada (na realidade semi-proletária). Tunísia ilustra que o controle imperialista da semi-colônia não pode outorgar plenos direitos democráticos básicos; também mostra que a briga das massas por direitos democráticos plenos deve significar que só os operários podem acaudilhar tal luta até o final e estes direitos só podem ser atingidos pela classe operária tomando o poder.

Desde o 4 de janeiro, em várias cidades como Kasserin, as massas derrotaram à polícia nas ruas, desarmou-a, destruiu as delegacias e pôs em pé seus organismos de auto-governo, chamaram aos comitês para a proteção e supervisão da revolução. Estes comitês tomaram os escritórios da regional local da UGTT e as usaram como centros de organização. Pareceria ter confusão nas bases da classe operária (ativamente promovidas por Ettajdid, PCOT, USFI e o Comitê de Enlace de "Trotskistas") apoiando o chamado a um governo de "salvação nacional", em outras palavras, que eles não deveriam tomar o poder em suas próprias mãos senão que deveriam abandoná-lo (dar-se NT) a um novo governo burguês em tanto e quanto este não esteja unido ao regime de Ben Ali.

É uma tarefa imediata pôr em pé comitês de proteção e supervisão da revolução, em cada região da classe operária e em cada posto de trabalho baseados numa representação proporcional com uma maioria operária em cada estrutura, com o direito de revogar ao instante, com delegados operários de cada lugar de trabalho, representantes dos desempregados e delegados dos soldados de base que apóiem a revolução. Em áreas rurais e de granjas deveria ter conselhos de proteção e supervisão da revolução composta de trabalhadores rurais e separar estes conselhos para os camponeses empobrecidos. Deveria ter um chamado a uma reunião nacional de delegados de todos os comitês de proteção e supervisão da revolução, para coordenar a luta contra o regime de Ben Ali e o governo de "unidade" e contra o imperialismo.

Argélia: A juventude explorada vanguarda da revolução

Resume de demandas democráticas imediatas:

1- Abaixo o regime de Ben Ali, que agora posa como um governo de "unidade" sem Ben Ali.

2- Ruptura com o imperialismo e a burguesia. Isto significa a imediata expropriação de todos os bens de Ben Ali, o resto dos capitalistas tunisianos e os bens imperialistas e os bancos, sem indenização para os capitalistas, sob controle operário. Por uma banca estatal única sob controle operário.

3- Todo o poder aos Comitês Operários de Proteção e Supervisão da Revolução. Todos os dirigentes devem ser eletivos, sujeitos a revocatória imediata e deverão receber o salário de um operário qualificado médio. Por um governo operário e dos camponeses pobres baseado nesses comitês (os quais devem de ser independentes da classe média alta, a casta de oficiais e os capitalistas).

4- Levantamento imediato do toque de recolher para que as massas possam organizar-se e reunir-se livremente.

5- Liberdade a todos os presos políticos e econômicos.

6- Desmantelamento imediato da polícia e o aparelho repressivo e todas as instituições do regime, incluindo a burocracia, partindo o exército. Armamento imediato das massas e posta em pé de milícias operárias armadas como parte dos Comitês de Proteção e Supervisão da Revolução (a tentativa da polícia de formar seu próprio sindicato é unicamente para impedir que os matem as massas. Se querem -os polícias- jogar um papel progressivo, devem entregar suas armas às milícias operárias).

7- Que os soldados rasos elejam delegados desde suas filas, rompam com a casta de oficiais que está atada ao regime de Ben Ali.

8- Reduzir a jornada laborar e dividi-la entre todos os que podem trabalhar (sem perdida de salário), aumento do salário quando os preços sobem.

9- Cancelar toda a dívida contraída ao imperialismo sob o regime do RCD.

10- Nacionalização da terra. Expropriação de todas as granjas capitalistas sem indenização para os capitalistas. Pela posta em pé de granjas operárias/coletivas modelos para os operários rurais, de acordo

a um plano nacional sob controle operário. Por créditos baratos e assistência ao camponês pobre. Por conselhos conjuntos de trabalhadores rurais e camponeses pobres para adjudicar a terra para o uso dos camponeses pobres.

11- Cancelamento de todos os acordos secretos e públicos com o imperialismo que mantém Tunísia, como seu campo de escravos e sua ferramenta política contra as massas na região, nem que dizer aos palestinos.

12- Que o regime de Ben Ali, a casta de oficiais e os dirigentes da UGTT enfrentem tribunais operários por seus crimes contra a classe operária tunisiana.

13- Que a UGTT se re-estruture em toda a linha com o controle democrático dos operários.

14- Publicação de todos os acordos secretos entre o regime de Ben Ali com o imperialismo. Expulsão de todos os agentes e agências imperialistas de Tunísia.

15- Estabelecer comitês de preços dos operários, dos urbanos e rurais pobres, denunciar quem se beneficia dos altos preços da comida e o petróleo.

16- Igual trabalho, igual salário para todos os trabalhadores do Norte da África e Europa!

Sobre o chamado do USFI e o PCOT a que se convoque a uma Assembléia Constituinte Aqueles que fazem o chamado por uma Assembléia Constituinte querem estrangular a revolução tunisiana.

Como é possível que este governo de "unidade", que está atado por milhares de laços ao imperialismo possa convocar a uma Assembléia Constituinte soberana que esteja livre da influência do imperialismo? Este regime é o mesmo que massacrou durante os últimos 55 anos e que ainda dispara aos manifestantes. Este regime está respaldado por 150.000 polícias e o imperialismo mundial. Pensam que podem só sentar-se numa mesa e persuadi-lo de que entreguem o controle a uma Assembléia Constituinte?

Este mesmo imperialismo não pode nem sequer garantir o direito dos 6 milhões de palestinos a retornar desde sua expulsão em 1948; este mesmo imperialismo é responsável a mais de 6 milhões de mortes no Congo, enquanto os minerais são saqueados inclusive até o dia de hoje; este mesmo imperialismo não pode nem sequer garantir aos iraquianos e afegãos o livre direito a eleger a seus próprios dirigentes, muito menos ter controle sobre suas próprias economias; este mesmo imperialismo organizou o golpe na Honduras faz uns meses atrás; eles invadiram Haiti por envelope os corpos dos mortos no recente terremoto, e Vocês crêem que eles permitirão uma expulsão pacífica do imperialismo da Tunísia, e isto ante as portas de Europa? Estão enganando ás massas. Este regime repressivo precisa ser removido pela força, pela ação revolucionária de massas.

Inclusive, se o imperialismo lembra que todo o regime de um passo ao custado e que todos os membros de seu governo de salvação nacional podem pôr em pé uma Assembléia Constituinte, Como se realizaria? Já R. Ghannouchi e Marzouki querem que as massas esperem outros 6 meses. As massas estão famintas agora. Seu "governo de salvação nacional" será protegido pela polícia assassina e, por seu próprio programa, não expropriará ao imperialismo. O imperialismo exige seus lucros e só obterão a quantidade necessária se aumentam o nível de fome das massas. Seu governo de salvação, com seu polícia e aparelho repressivo do velho regime, se verá forçado a achatar ás massas, uma vez mais estará salvando aos imperialistas e não à classe operária.

Adiante! Organizem sua Assembléia Constituinte já! As massas imediatamente votarão pelo final do regime de Ben Ali, pela expropriação do imperialismo, pelo desmantelamento da polícia. É por isto que o imperialismo e os partidos burgueses estão fazendo tudo o possível para pospor inclusive estas eleições burguesas. Não podem dar-se o luxo nem sequer de uma democracia burguesa completa para Tunísia nem para nenhuma semi-colônia do planeta.

As massas estão chamando a derrocar o regime de "unidade" de Ben Ali agora. Este é o caminho para conquistar as condições para convocar uma Assembléia Constituinte. Mas, uma vez que os operários tenham tomado o poder em suas mãos, por que devem dar-lho a uma estrutura que contenha partidos burgueses, partidos que querem ser gerentes do imperialismo, que não podem cumprir nem uma só demanda democrática das massas. Quanto mais brigam por um governo de "salvação" que contenha partidos burgueses e do que pretensamente prepare a Assembléia Constituinte, mais e mais as massas se darão conta que precisam suas próprias estruturas, como os Comitês de Proteção e Supervisão da Revolução, estruturas soviéticas, para tomar o poder em suas mãos.

O perigo da "Caravana pela libertação"

Marchar sobre as instituições centrais na Tunísia é excelente, mas os dirigentes da UGTT e o USFI têm outras idéias, eles usurpam os passos audazes que as massas querem tomar, isto é, mediante ações de massas revolucionárias derrocar todos os refugos do governo de "unidade" de Ben Ali. Enviam às massas, desarmadas a desafogar-se, a pressionar ao regime para que seu governo de "Salvação" tome o poder (em outras palavras para que estes setores da classe média e a classe média alta atualmente excluída, façam parte, tomando todo os suculentos negócios de ser parte do governo).

Sem arrancar a pressão sobre o regime por nenhum momento, precisa-se generalizar os Comitês de Proteção e Supervisão da Revolução em todos os lugares de trabalho, granjas e em toda a Tunísia, realizando um Conselho Central de todos estes comitês com delegados dos trabalhadores rurais e urbanos, dos camponeses pobres, e de todos os demais setores em luta, dos desempregados, dos soldados rasos. É este Conselho Central armado ou Soviet o que deve constituir-se em si mesmo em Tunísia e dispersar ao regime capitalista do governo de "unidade" ou "salvação". O chamado central novamente deve ser romper com a burguesia, isto é, expropriar toda a propriedade do regime de Ben Ali, dos capitalistas tunisianos e de todos os imperialistas, sem indenização aos capitalistas e pô-los sob controle operário.

Para a refundação da IV Internacional

Que o regime assassino do RCD fora um membro da Internacional Socialista durante muitos anos demonstra que a Internacional Socialista não tem nada a ver com o socialismo, mas tudo a ver com a manutenção do domínio imperialista no mundo. O apoio dos Stalinistas, os PCs, aos membros da Internacional Socialista, como por exemplo, ao ANC e ao Partido Laborista Britânico demonstra que não se pode confiar nos estalinistas; a capitulação do NPA, o USFI e a "esquerda" a seu próprio imperialismo, tudo demonstra que uma nova internacional é necessária. A International Committee of the Fourth International (ICFI) apresenta uma caricatura de uma internacional, chamando em geral à "revolução permanente", sem oferecer nenhum programa para o proletariado mundial sobre Tunísia, e só proclamando que os operários devem unir-se e o espírito santo da salvação baixará a eles.

Precisamos unir à vanguarda na Grécia, na França, na Tunísia, na Argélia, na Bolívia, no México, nos EUA, na China, na África do Sul, no Congo, etc. numa internacional. Essa é a forma para levar a heróica batalha da classe operária à vitória. É tempo de refundar a IV Internacional.

Adiante para o poder operário na Tunísia!

Que a chispa na Tunísia incendeie toda Europa, África, Ásia, Oriente Médio, América, Austrália!

Por um Comitê Organizador pela refundação da Quarta Internacional!

Pelo socialismo!

FRAÇÃO LENINISTA TROTSKISTA INTERNACIONAL

Fora o governo de "unidade" dos lacaios imperialistas! Por um governo operário e dos camponeses pobres!

O imperialismo está manobrando para neutralizar os comitês de proteção e supervisão da revolução

Durante a primeira etapa da atual revolução das massas da Tunísia que puseram em pé seus próprios organismo de auto-governo, os chamados Comitês de Proteção e Supervisão da Revolução. Estes comitês estão formados, principalmente pelos trabalhadores, desempregados, os camponeses pobres e se basearam na destruição das delegacias, desarmando a polícia e armando às massas. O imperialismo mediante suas ONGs na Tunísia está mostrando que eles querem pôr em pé um conselho dirigente de "proteção" da revolução. Isto é uma tentativa de hackear a revolução e neutralizá-la e sacá-la de sua essência. Qualquer conselho que se proclame "salvador" da revolução deve ser baseado em delegados de todos os comitês de base, baseados no desarmamento da polícia, debandando ao exército e armar às massas. A composição de todos esses comitês e conselhos, desde acima para abaixo, deve de excluir à classe média alta, qualquer capitalista, qualquer membro da casta de oficiais do exército, qualquer carreirista. Esses conselhos podem só ter um significado se é baseado na expropriação de todos os capitalistas na Tunísia e todos os bens imperialistas, sem indenização aos capitalistas, e sob controle operário.

A ameaça do golpe militar

A direção da UGTT (União Geral de Trabalhadores de Tunísia) está vinculada à perigosa tarefa de dar apoio aberto à direção do exército, ao General Rashid Ammar só porque ele deu ordens ao exército de não disparar aos manifestantes. O imperialismo foi o que lhe sugeriu ao general que não dispare aos manifestantes porque o exército conscrito tivesse desobedecido e ido do lado da revolução. Os soldados não tivessem disparado a suas próprias famílias. O imperialismo dá conta disto e manobra para manter o controle do exército. A direção da UGTT (e a esquerda que os apóia) joga o papel de traidores, impulsionando a postura de um agente do imperialismo, o Geral Ammar. Se o imperialismo não pode controlar às massas, o imperialismo deveria resolvê-lo com um golpe militar. Mas isto só pode passar com um banho de sangue das massas já que o domínio do General seria baseado, não só no exército, senão que na polícia odiada. O general não expropriará os capitalistas tunisianos nem os bens imperialistas. Estando atado ao capital, o geral continuará a ofensiva com os altos preços e o maior desemprego contra as massas –não uma "defesa" da revolução, senão derrotando-a. Mais do que nunca os comitês de base em Kasserin e outras áreas precisam incorporar soldados rasos em suas filas, treinando e armando às massas, preparando-se encurtar e impedir uma possível contra-revolução pelo imperialismo.

O imperialismo esta preparando dia e noite atacar e derrotar a revolução. Chamamos à classe operária nos países vizinhos: Argélia, Líbia, França, Itália, Grécia, Espanha e além no Marrocos, Egito, Turquia, Alemanha, Inglaterra, Portugal, Arábia Saudita, Iraque, Romênia, Rússia, EUA, para preparar o levantamento em defesa da Revolução da Tunísia, contra seus próprios regimes. Fora todos os ditadores, já sejam militares ou posicionando-se como "constitucional democrático". Obama e Sarkozy têm sangue em suas mãos.

Continua na página 39